

INTERPRETAÇÃO DE TEXTO

Coesão e Coerência, Semântica,
Figuras e Vícios de Linguagem,
Reescrita



Presidente: Gabriel Granjeiro

Vice-Presidente: Rodrigo Calado

Diretor Pedagógico: Erico Teixeira

Diretora de Produção Educacional: Vivian Higashi

Gerente de Produção Digital: Bárbara Guerra

Todo o material desta apostila (incluindo textos e imagens) está protegido por direitos autorais do Gran. Será proibida toda forma de plágio, cópia, reprodução ou qualquer outra forma de uso, não autorizada expressamente, seja ela onerosa ou não, sujeitando-se o transgressor às penalidades previstas civil e criminalmente.

CÓDIGO:

251111482831



BRUNO PILASTRE

Doutor em Linguística pela Universidade de Brasília. É autor de obras didáticas de Língua Portuguesa (Gramática, Texto, Redação Oficial e Redação Discursiva). Pela Editora Gran Cursos, publicou o “Guia Prático de Língua Portuguesa” e o “Guia de Redação Discursiva para Concursos”. No Gran Cursos Online, atua na área de desenvolvimento de materiais didáticos (educação e popularização de C&T/CNPq: <http://lattes.cnpq.br/1396654209681297>).

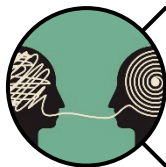
GRAN
CONCURSOS

SUMÁRIO

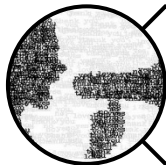
Apresentação	4
Coesão e Coerência, Semântica, Figuras	5
Semântica	5
Semântica: Denotação e Conotação/Sentido Literal e Sentido Figurado.....	5
Semântica: Sinonímia e Antonímia	6
Semântica: Polissemia	7
Semântica: Homonímia	8
Figuras e Vícios de Linguagem	10
Coerência Textual	18
Coesão Textual	19
Coesão Sequencial	19
Coesão Referencial.....	26
Emprego de Tempos e Modos Verbais	29
Reescrita	31
Paralelismo	46
Resumo	48
Mapa Mental	49
Questões de Concurso.....	56
Gabarito	81
Gabarito Comentado.....	82
Referências	117
Anexo.....	118

APRESENTAÇÃO

Nesta aula, abordarei quatro conteúdos recorrentes em provas de concursos públicos:



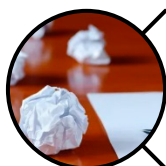
Semântica



Figuras e vícios de
linguagem



Coesão e coerência



Reescrita

À primeira vista, pode parecer que cada um dos conteúdos não possui relação com o outro, mas não é bem assim. Na verdade, todos os conteúdos (e todas as aulas que compõem o meu curso de Texto) estão correlacionados. Sempre que possível, explicitarei os pontos de convergência dos conteúdos, mostrando, inclusive, como são abordados nas provas (questões recentes).

Vamos aos trabalhos, então! Bons estudos!

COESÃO E COERÊNCIA, SEMÂNTICA, FIGURAS

SEMÂNTICA

Em textos orais e escritos, observamos a presença de muitas palavras de nosso vocabulário (léxico). Essas palavras adquirem significado quando estão inseridas em um contexto mais amplo que o domínio do item lexical (ou seja, quando estão em períodos, parágrafos etc.). No entanto, somos capazes de saber que “cadeira” significa “cadeira”, mesmo que essa palavra não esteja em um contexto mais amplo. A explicação para esse nosso conhecimento lexical está na reflexão do linguista F. Saussure (citado por mim na primeira aula, lembra?), o qual diz que um **signo linguístico** é formado pela união indissociável entre um **significante** e um **significado**.

Com essa definição, temos o seguinte: quando ouvimos ou lemos a palavra “**cachorro**”, reunimos, em um nível mental, o significante (a impressão sonora da palavra) ao significado (a noção de “mamífero carnívoro da família dos canídeos”). A impressão sonora da palavra é um conceito psicológico, e essa impressão sonora é concretizada pelo som das palavras ou pelo registro gráfico (letras).

Há muitas questões em concursos públicos sobre o significado que as palavras ou expressões possuem. Também veremos isso ao final de nossa aula.

Vamos agora trabalhar os conceitos de denotação e conotação, também muito avaliados em provas de concursos públicos.

SEMÂNTICA: DENOTAÇÃO E CONOTAÇÃO/SENTIDO LITERAL E SENTIDO FIGURADO

Na relação entre significante e significado, percebemos que a semântica da palavra **cachorro**, por exemplo, corresponde às propriedades semânticas mais constantes e estáveis (e são essas propriedades semânticas que todo falante de língua portuguesa evoca mentalmente quando ouve ou lê a palavra **cachorro**). Essa relação direta entre o significante e o significado é chamada de **denotação**:

Obs.: **Denotação** é a relação significativa objetiva entre o significante e o significado.

A denotação é o elemento estável da significação da palavra, um elemento não subjetivo. Pode ser analisada fora do discurso (contexto).

Quando há propriedades semânticas que são atualizadas em determinado contexto, estamos diante da **conotação**. Por exemplo, podemos afirmar que o namorado de Fulana é muito **cachorro**. É claro que não caracterizaremos este homem como um “mamífero carnívoro da família dos canídeos”. Na verdade, nesse contexto, em que há elementos subjetivos,

queremos dizer que o namorado de Fulana se porta como um cachorro, desconsiderando os sentimentos de sua parceira (ou das mulheres) e agindo por instinto. Percebemos, então, que há inserções de informações semânticas à palavra **cachorro**, a qual está situada em um contexto discursivo.

Obs.: Conotação é o conjunto de alterações ou ampliações que uma palavra agrega ao seu sentido literal (denotativo), por associações linguísticas de diversos tipos (estilísticas, fonéticas, semânticas) ou por identificação com algum dos atributos de coisas, pessoas e seres da natureza.

E então, essa distinção ficou clara? Espero que sim.

As noções de denotação e conotação são próximas das noções de **sentido literal** e **sentido figurado**.

- **Sentido literal:** conforme o próprio e genuíno significado das palavras, por oposição ao seu sentido figurado; exato, rigoroso.
- **Sentido figurado:** que se caracteriza pelo uso abundante e sistemático das **figuras de linguagem** (tropos), como a metáfora, a metonímia e a sinédoque (diz-se da linguagem ou do estilo).

Tudo certo até agora? Vamos continuar, então!

SEMÂNTICA: SINONÍMIA E ANTONÍMIA

Nesta área de estudos semânticos de nossa língua, costuma-se classificar as relações semânticas em sinonímia, antonímia, homonímia, paronímia e polissemia. Vamos observar a definição de cada uma delas:

Sinonímia: é a relação que se estabelece entre duas palavras ou mais que apresentam significados iguais ou semelhantes. A sinonímia plena não existe e, por isso, é preciso analisar o quanto as palavras são próximas em significado.

EXEMPLO

Sinônimos de **ordenado**: comissão, embolso, emolumento, estipêndio, honorários, paga, pagamento, remuneração, salário, soldo, vencimento e proventos.

Antonímia: é a relação que se estabelece entre duas palavras ou mais que apresentam significados diferentes e contrários. Importante: a oposição de significado deve ocorrer *dentro das propriedades semânticas compartilhadas pelas palavras*.

EXEMPLO

Antônimos de **metódico**: ametódico, assistemático, descomedido, desmetódico, desordenado, desorganizado e desregrado.

DIRETO DO CONCURSO

001. (Q3605328/FGV/TCE-PI/AUDITOR/2025) Assinale a frase que mostra a presença de antônimos em sua estruturação.

- a) Para grandes males, grandes remédios.
- b) A distância mais longa é entre a cabeça e o coração.
- c) Depois do jantar descansarás ou andarás mil passos.
- d) Sabemos que tudo pode ser comum ou extraordinário.
- e) Os médicos devem inserir fé e esperança nos pacientes.



A alternativa correta é a (D), pois nela aparece uma relação de oposição entre “comum” e “extraordinário”, ou seja, pares antônimos. Nas demais, há ideias complementares, contrastes de grau ou enumeração, mas não propriamente oposição lexical.

Letra d.

SEMÂNTICA: POLISSEMIA

A **polissemia** é a propriedade que uma mesma palavra (uma única raiz etimológica) tem de apresentar vários significados. Nos exemplos abaixo (de **ponto** e **linha**), cada um dos números (1, 2 etc.) representa um significado.

EXEMPLO

Ponto

1. v. ponto de parada (1): “Costuma tomar o ônibus naquele ponto.”
2. Livro, cartão ou folha onde se registra a entrada e saída diária do trabalho: “Bateu o ponto na hora exata.”
3. Unidade que, nas bolsas de valores, exprime a variação dos índices: “Estes papéis subiram cinco pontos em um mês.”

Linha

1. Fio de fibras de linho torcidas usado para coser, bordar, fazer renda etc.
2. Sinal elétrico que porta as mensagens enviadas por meio de tal sistema de fios ou cabos, ou contato ou conexão entre aparelhos ligados a esse sistema: “O telefone não está dando linha.”
3. Serviço regular de transporte entre dois pontos: “O fim da linha dos ônibus interestaduais fica próximo do centro da cidade.”

SEMÂNTICA: HOMONÍMIA

A **homonímia** diz respeito ao fenômeno semântico em que palavras (com raízes etimológicas distintas) possuem a mesma pronúncia e, às vezes, a mesma grafia, mas significação diferente. Veja os seguintes casos de homonímia:

I – Homófonas heterográficas: mesmo som (pronúncia), mas com grafia diferente:

EXEMPLO

Concerto (sessão musical) – conserto (reparo)

Cerrar (fechar) – serrar (cortar)

II – Homógrafas heterofônicas: mesma grafia, mas pronúncia diferente:

EXEMPLO

Colher (substantivo) – colher (verbo)

Começo (substantivo) – começo (verbo)

III – Homógrafas homófonas: são iguais na escrita e na pronúncia (nesse caso, o contexto definirá o sentido do vocábulo):

EXEMPLO

Livre (adjetivo) – livre (verbo livrar)

São (adjetivo) – são (verbo ser) – são (santo)

Paronímia: são as palavras parecidas na escrita e na pronúncia, mas com significação diferente. O fenômeno da paronímia gera muitas dúvidas quando lemos ou escrevemos textos, e é por isso que você deve consultar atentamente o anexo ao final da aula, no qual reproduzo a lista organizada pelo *Manual de Redação da Presidência da República*.

Professor, por que o fenômeno da paronímia é importante em minha prova?

Eu diria que, principalmente nas propostas de **reescrita**, em que as bancas alteram, dentre outras coisas, a grafia de palavras.

Duas noções também são importantes nessa área de semântica: hiperonímia e hiponímia.

A **hiperonímia** é a relação que se estabelece entre itens da língua com base na menor especificidade do significado de um deles. Por exemplo: **móvel** é hiperônimo de **sofá**. Isso porque **móvel** é menos específico em relação a **sofá** e designa todo tipo de mobiliário (incluindo o sofá, um tipo específico de móvel). Em suma, hiperônimo é qualquer palavra que transmite a ideia de um todo. Ela funciona como uma matriz à qual estão vinculadas as filiais.

A **hiponímia**, por outro lado, designa a palavra que indica cada parte ou cada item de um todo. **Sofá**, por exemplo, é hipônimo de **móvel**.

Obs.: Dentre as estratégias de coesão referencial, podemos destacar a substituição lexical. Nela, um termo pode ser retomado a partir de sinônimos e hipônimos.

Pronto, agora estamos aptos a resolver algumas questões (bem) recentes de provas de concurso. Apresento, também, uma (INÉDITA/2026) elaborada por mim.

DIRETO DO CONCURSO

Em *Tratado de medicina legal*, Agostinho José de Souza Lima define a perícia médica como toda sindicância promovida por autoridade policial ou judiciária acompanhada de exame e cujos peritos, dada a natureza do exame, são ou devem ser médicos. Disso decorre que o perito médico é a pessoa entendida e experimentada em temas de medicina que, designada pela autoridade competente, deverá esclarecer um fato de natureza médica mais ou menos duradouro.

A perícia médico-legal surgiu da necessidade de solução para casos concretos. A princípio, haviam apenas alguns vestígios de perícias nas legislações primitivas; depois, os indícios da prática ficaram mais evidentes, principalmente na Idade Média, até a atitude de definir-se e concretizar-se na Renascença. Sua instituição oficial no Código Carolino, em 1532.

A perícia médico-legal já era tarefa do Estado desde o tempo dos egípcios, conforme consta dos papiros da época. Embora a medicina egípcia estivesse impregnada de magia e divindade, e empregasse, na cura das doenças, os encantamentos e os exorcismos, alguns historiadores veem indícios de médicos atuando como peritos no Antigo Egito. Os sacerdotes médicos verificavam, por perícia, se a morte fora violenta ou natural; a prática do embalsamamento exigia a mesma verificação. As leis de Menés, a primeira da história, mandavam adiar o castigo das mulheres grávidas, excluindo-as das penas aflitivas, pois isso implicava a intervenção do perito para o diagnóstico da gravidez. O Código de Hamurabi, uma compilação de leis sumérias, previa penas severas para os casos de erro médico, o que subordinava a atividade.

A legislação hebraica, superior às precedentes porque exigia duas testemunhas para a condenação do suspeito, a responsabilidade das testemunhas e do juiz, a garantia dos tribunais, a publicidade dos debates, a igualdade perante a lei e a observância do devido processo, motivava o sentimento de justiça através do dogma religioso. Segundo essa legislação, os médicos peritos deveriam ser aplicados pelos sacerdotes, que também exerciam a função de médico.

(Fonte: COSTA JUNIOR, João Baptista de Oliveira e. *Os primórdios da perícia médico-legal*)

002. (CEBRASPE/PERITO MÉDICO/INSS/2025) Com base nas ideias veiculadas no texto precedente, em sua estrutura linguística e em seu vocabulário, julgue o item a seguir. Seriam mantidos os sentidos e as relações coesivas entre os períodos do último parágrafo caso se substituísse a expressão “essa legislação” (último período do texto) pelo segmento **o referido compêndio**.



O termo “compêndio” traz ao texto uma semântica bastante diferente em relação ao original, pois essa palavra faz referência a uma noção de “resumo” e de “compilação”.

Errado.

FIGURAS E VÍCIOS DE LINGUAGEM

Abordarei, agora, as figuras de linguagem. Esse assunto está diretamente relacionado ao tema anterior, tendo em vista os modos como ocorre a expansão de sentidos ao empregar uma figura de linguagem.

Na sequência, abordarei os chamados vícios de linguagem, conforme formulados pela tradição gramatical (normativa).

As definições têm origem no Dicionário Houaiss (2009). Acho mais interessante apresentá-las em tabela, da seguinte maneira:

FIGURAS DE LINGUAGEM		
Figura	Definição	Exemplo
Antítese	Figura pela qual se opõem, numa mesma frase, duas palavras ou dois pensamentos de sentido contrário.	“Com luz no olhar e trevas no peito.” A mão que afaga é a mesma que apedreja .
Oxímoro (paradoxo)	Figura em que se combinam palavras de sentido oposto que parecem excluir-se mutuamente , mas que, no contexto, reforçam a expressão.	“ Claro enigma. ”
Antonomásia (ou perífrase)	Variedade de metonímia que consiste em substituir um nome de objeto, entidade, pessoa etc. por outra denominação, que pode ser um nome comum (ou uma perífrase), um gentílico, um adjetivo etc. que seja sugestivo, explicativo, laudatório, eufêmico, irônico ou pejorativo e que caracterize uma qualidade universal ou conhecida do possuidor.	Aleijadinho, por Antônio Francisco Lisboa. O Salvador por Jesus Cristo.

FIGURAS DE LINGUAGEM		
Figura	Definição	Exemplo
Anáfora	Repetição de uma palavra ou grupo de palavras no início de duas ou mais frases sucessivas para enfatizar o termo repetido.	Este amor que tudo nos toma, este amor que tudo nos dá, este amor que Deus nos inspira e que um dia nos há de salvar.
Catacrese	Metáfora já absorvida no uso comum da língua, de emprego tão corrente que não é mais tomada como tal e que serve para suprir a falta de uma palavra específica que designe determinada coisa.	Braços de poltrona. Dentes do serrate. Nariz do avião. Pescoço de garrafa.
Comparação	Paralelo feito entre dois termos de um enunciado com sentidos diferentes.	Dirige como um louco.
Disfemismo	Emprego de palavra ou expressão depreciativa, ridícula, sarcástica ou chula em lugar de outra palavra ou expressão neutra.	Ficar puto por ficar com raiva.
Eufemismo	Palavra, locução ou acepção mais agradável, de que se lança mão para suavizar ou minimizar o peso conotador de outra palavra, locução ou acepção menos agradável.	Ele bateu as botas (morreu).
Hipérbole	Ênfase expressiva resultante do exagero da significação linguística.	Morrer de medo. Estourar de rir.
Metáfora	Designação de um objeto ou qualidade mediante uma palavra que designa outro objeto ou qualidade que tem com o primeiro uma relação de semelhança.	Ele tem uma vontade de ferro.
Metonímia	Figura de retórica que consiste no uso de uma palavra fora do seu contexto semântico normal, por ter uma significação que tenha relação objetiva, de contiguidade, material ou conceitual, com o conteúdo ou o referente ocasionalmente pensado.	Adora Portinari pela obra de Portinari.
Personificação (ou prosopopeia)	Figura pela qual o orador ou escritor empresta sentimentos humanos e palavras a seres inanimados, a animais, a mortos ou a ausentes.	"Ah, cidade maliciosa de olhos de ressaca"
Sinestesia	Cruzamento de sensações; associação de palavras ou expressões em que ocorre a combinação de sensações diferentes numa só impressão.	O cheiro áspero de terra.

VÍCIOS DE LINGUAGEM		
Vício	Definição	Exemplo
Ambiguidade (ou anfibologia)	Propriedade que apresenta diversas unidades linguísticas (morfemas, palavras, locuções, frases) de significar coisas diferentes, de admitir mais de uma leitura.	O rapaz bateu na velha com a bengala.
Barbarismo	Uso de formas vocabulares contrárias à norma culta da língua, seja do ponto de vista ortoépico (pronúncia), ortográfico, gramatical ou semântico.	Pneu no lugar de pneu; Rúbrica não de rubrica; "Menos palavras" por "menos palavras".
Cacofonia	Repetição de sons (fonemas ou sílabas) considerada desagradável ao ouvido.	Vou-me já.
Pleonasmo	Redundância de termos no âmbito das palavras, mas de emprego legítimo em certos casos, pois confere maior vigor ao que está sendo expresso.	Ele via tudo com seus próprios olhos.
Queísmo	Omissão da preposição de antes da conjunção integrante que, onde, pela regência do verbo na norma culta da língua, é necessária.	Gostaríamos de que ele fosse nosso paraninfo.
Sínquise	Tipo de hipérbato no qual a transposição da ordem das palavras de uma oração ou período resulta em dificuldade para o entendimento da construção.	Em "pesada caiu o pobre melancolia" por "o pobre caiu em pesada melancolia".
Solecismo	Intromissão, na norma culta de uma língua, de construções sintáticas alheias a ela (norma culta), geralmente por parte de pessoas que não dominam inteiramente suas regras.	Os chamados erros de concordância, de regência, de colocação, a má construção de um período composto etc.

Sobre a **ambiguidade**, preciso detalhar algumas noções extremamente importantes.

Uma das características de qualquer língua é a existência de ambiguidade, a qual é definida como um "fenômeno linguístico em que unidades linguísticas (palavras, sintagmas) podem significar coisas diferentes e admitir mais de uma leitura".

Nos estudos linguísticos, há dois tipos principais de ambiguidade: a **lexical** e a **estrutural**.

Na ambiguidade lexical, a ambiguidade está presente na palavra. É o caso, por exemplo, de "Ele está me esperando no banco", em que a ambiguidade está na palavra **banco** (pode ser o móvel, em uma praça, ou a instituição financeira).

Já na ambiguidade estrutural, os sentidos diferentes resultam de diferentes configurações sintáticas. É exatamente o caso de "O empregado matou o rei com a espada". Nessa frase, o sintagma [com a espada] pode modificar [o rei] ou [matou]. Quando modifica [o rei], o sentido é de que o rei portava a espada e o empregado o matou (com qualquer outro objeto, inclusive outra espada). Quando modifica [matou], a interpretação é a de que o empregado usou a espada para matar o rei (que estava desarmado, por exemplo).

Como exercício, identifique o tipo de ambiguidade nas frases a seguir:

EXEMPLO

- 1) Este é o canto preferido da Iolanda.
- 2) O policial viu o assalto da viatura.

Fica clara a ambiguidade lexical em (1): o “canto” pode ser uma canção cantada (por Elis Regina, por exemplo) ou um lugar – Iolanda gostava de ficar sozinha em um canto, lendo um livro e tomando um chá. Em (2), há duas situações possíveis: os policiais estavam na viatura e viram um outro recinto ser assaltado ou os policiais estavam dentro do departamento policial e viram a viatura sendo assaltada (os bandidos estavam levando os pneus do carro, por exemplo).

Bom, espero ter sido claro e objetivo na apresentação dos conceitos. Vamos, então, à resolução de questões (sempre) recentes sobre **figuras de linguagem**.

DIRETO DO CONCURSO



Como o Corpo Humano Reage ao Forte Calor

(Por: O GLOBO – São Paulo, 27 dez. 2025)

Com a chegada do verão neste final de ano, o calor passa a ser o companheiro do brasileiro. Ele vem manso. Começa com um suorzinho, e a gente se abana. O termômetro sobe um pouco mais, e afrouxamos o colarinho e bebemos água. Mas, de repente, parece que estamos assando por dentro. Se estamos no ônibus lotado então... Logo ficamos ofegantes, sentimos uma tontura e podemos até desmaiar.. [...] Os efeitos do calorão ambiente podem ser extremos. O corpo humano precisa manter constante a temperatura interna a 36,5 °C, não importando o termômetro no exterior. Em dias muito quentes, para conseguir isso o corpo fica sobrecarregado, células literalmente derretem. E nosso sistema de resfriamento pode entrar em colapso.. Para você não derreter, há dicas de como driblar o calorão com muita hidratação, roupas mais leves e até compressas de água gelada.. O calorão mata Nenhum extremo climático é mais mortal do que ondas de calor como a que estamos vivendo e devem se repetir nos próximos meses, fazendo de 2023 e 2024 os anos mais quentes da História. Mais pessoas morrem em decorrência do calor do que de todos os outros desastres climáticos combinados – em 2019, foram 489 mil mortes.. Os principais alvos Idosos, crianças, pessoas obesas, diabéticos, cardíacos, portadores de doenças respiratórias e pacientes renais são os mais sensíveis ao calorão. E mulheres, em geral, têm menor tolerância do que os homens, devido à distribuição de gordura e a fatores hormonais..

[...]

003. (IBGP/TÉCNICO/CM PORTO VELHO-RO/2026) Para criar uma sensação de familiaridade com os leitores e aproximá-los do conteúdo do texto, foram usados, no primeiro parágrafo, dois recursos linguísticos principais. São eles:

- a) anáfora e anacoluto
- b) descrição e prosopopeia
- c) estilística e sinestesia
- d) exemplificação e hipérbole
- e) hipotaxe e metáfora



O autor utiliza a descrição ao detalhar características e sensações físicas (suor, abrir colarinho, tontura) para formar uma imagem vívida na mente do leitor. A prosopopeia (ou personificação) é central para a sensação de familiaridade, pois humaniza o calor ao tratá-lo como um “companheiro” que “vem manso”, atribuindo características de um ser animado a um fenômeno climático. As demais figuras não são os recursos principais ou presentes no trecho.

Letra b.

Imagine uma pessoa afivelada a uma cama com eletrodos colados em suas têmporas. Ao se girar um botão situado em local distante, a corrente elétrica nos eletrodos aumenta em grau infinitesimal, de modo que o paciente não chegue a sentir. Um hambúrguer gratuito é, então, ofertado a quem girar o botão. Ocorre, porém, que, quando milhares de pessoas fazem isso – sem que cada uma saiba das ações das demais – a descarga elétrica gerada é suficiente para eletrocutar a vítima. Quem é responsável pelo quê? Algo tenebroso foi feito, mas de quem é a culpa? O efeito isolado de cada giro do botão é, por definição, imperceptível – são todos “torturadores inofensivos”. Mas o efeito conjunto é ofensivo ao extremo. Até que ponto a somatória de ínfimas partículas de culpa se acumula numa gigantesca dívida moral coletiva? – O experimento mental concebido pelo filósofo britânico Derek Parfit dá o que pensar. A mudança climática em curso equivale a uma espécie de eletrocussão da biosfera. Quem a deseja? A quem interessa? O ardil da desrazão vira do avesso a “mão invisível” da economia clássica. O aquecimento global é fruto da alquimia perversa de incontáveis ações humanas, mas não resulta de nenhuma intenção humana. E quem assume – ou deveria assumir – a culpa por ele? Os 7 bilhões de habitantes da Terra pertencem a três grupos: o primeiro bilhão, no cobiçado topo da escala de consumo, responde por 50% das emissões de gases-estufa; os 3 bilhões seguintes, por 45%; e os 3 bilhões na base da pirâmide (metade sem acesso a eletricidade), por 5%. Por seu modo de vida, situação geográfica e vulnerabilidade material, este último grupo – o único inocente – é o mais tragicamente afetado pelo “giro de botão” dos demais.

(GIANNETTI, Eduardo. *Trópicos utópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016)

004. (FCC/TÉCNICO/TRT-18/2023) Pode ser considerada **paradoxal** a seguinte expressão empregada no texto:

- a) efeito isolado
- b) torturadores inofensivos
- c) ínfimas partículas
- d) intenção humana
- e) vulnerabilidade material



Segundo o dicionário Houaiss (2009), um paradoxo é uma contradição (isto é, uma oposição entre noções que tipicamente são incompatíveis quando em contraste). Isso ocorre em (B), já que a figura de um torturador não pode ser considerada inofensiva. Nas outras alternativas, não se observam paradoxos.

Letra b.

Postei uma foto no meu perfil do Instagram em que apareço tomando a vacina contra a covid-19. Na legenda, de poucas palavras, deixei claro que era a terceira dose. Recebi muitas curtidas e alguns **comentários**, entre eles o de uma moça que perguntou: “Martha, você já tomou a terceira dose?”

Dias antes, havia postado sobre o lançamento do meu novo livro no Rio, em fevereiro próximo, e disse na legenda: “Não há outras cidades confirmadas. Quando houver, avisarei.” De novo, muitas curtidas e alguns **comentários**, entre eles: “E Goiânia?” e “Curitiba, quando?”

Não sou louca de desconsiderar: é carinho, eu sei. Mas é também um sintoma. Houve um tempo em que as pessoas liam livros, muitos deles extensos, divididos em dois ou três volumes. Depois veio a era tecnológica e, com ela, a impaciência: leituras rápidas, cultura do aperitivo. E agora nem isso: a criatura passa os olhos por duas linhas e não registra nada.

Ninguém mais quer perder tempo; é o argumento de defesa. Mas não me convenço. A falta de foco, sim, é que nos faz perder tempo: somos obrigados a repetir as perguntas, repetir as respostas, voltar aos mesmos assuntos duas, três, cinco vezes. Estamos nos comunicando miseravelmente, trocando mensagens cifradas por WhatsApp, com preguiça de dar uma informação completa, de prestar atenção nos detalhes e de facilitar o entendimento. Agimos como aquelas telefonistas estressadas que atendiam um cliente enquanto deixavam outros sete pendurados (na saudosa época em que não falávamos com robôs).

Essa pressa toda pra quê mesmo? Dizem que é o tal do “Fear of Missing Out”, ou, em bom português, “medo de ficar por fora”. Em vez de a pessoa se dedicar a concluir o que está fazendo – uns minutinhos! – ela some e já está em outra e depois em outra e ainda em outra interação, que serão igualmente capengas. Isso é medo de ficar por fora? A pessoa já está em órbita e não percebeu. Fica batendo de porta em porta e não entra em lugar nenhum.

Adentre, amigo. Puxe uma cadeira e sente-se. Converse. Pergunte pela família. Olhe nos olhos. Cinco minutos de atenção não arrancarão pedaço. Fique o suficiente para demonstrar que se importa com seu interlocutor. Cale-se e escute. Nutra esses preciosos cinco minutos para que eles não se dissolvam por inanição.

Ando bem tonta com a esquizofrenia cibernética, com o parcelamento de informações, com a falta de cuidado e de concentração. Ninguém mais se esforça minimamente para estabelecer uma conexão verdadeira. Agora virou moda dizer que fulano está ON, sicrana está ON. Balela. ON a gente estava quando se importava. Agora estão todos OFF, desligados crônicos, vivendo a falsa ilusão de uma vida plena. ON está aquele que consegue pausar.

(Martha Medeiros. In: NSC Total. Acesso em: <https://www.nsctotal.com.br/colunistas/martha-medeiros/quem-esta-on>, 14 out., 2022

005. (IDECAN/DESENVOLVEDOR/SEFAZ-RR/2023) “Ando bem tonta com a esquizofrenia cibernética, com o parcelamento de informações, com a falta de cuidado e de concentração.” (linhas 22 e 23)

O uso repetido da preposição com é um recurso linguístico chamado de

- a) catáfora
- b) dêitico
- c) elipse
- d) anáfora
- e) silepse



ATENÇÃO

O conceito de “anáfora” envolve dois significados. Segundo o dicionário Houaiss (2009), uma anáfora pode ser a “repetição de uma palavra ou grupo de palavras no início de duas ou mais frases sucessivas, para enfatizar o termo repetido” ou um “processo pelo qual um termo gramatical retoma a referência de um sintagma anteriormente mencionado”. A questão da banca examina o primeiro significado: a repetição do termo “com” configura uma anáfora. Não se trata, então, de catáfora (antecipação de uma expressão), dêitico (referente ao momento da enunciação), elipse (supressão de um termo que pode ser facilmente subentendido) ou silepse (concordância lógica).

Letra d.

006. (CEBRASPE/DIPLOMATA/INSTITUTO RIO BRANCO) A sentença “Eu era a imagem do que não era” expressa um paradoxo ou oxímoro.



Estamos diante de um paradoxo, de expressões que denotam sentidos (ideias) contraditórias e opostas: ser x não ser. Observe, em especial, que a banca não faz distinção entre os termos “paradoxo” e “oxímoro”.

ATENÇÃO



Penso que a distinção “**antítese**” x “**paradoxo**” possa ser estabelecida da seguinte forma: no paradoxo, há uma espécie de “exclusão mútua” (contradição) a partir da qual uma ideia invalida a outra. No caso da antítese, isso não ocorre necessariamente. Assim, em “Com **luz** no olhar e **trevas** no peito”, não há contradição, mas uma oposição que cabe dentro do universo emocional/psicológico de um indivíduo. Em “claro enigma”, temos um paradoxo, pois um enigma não pode ser claro (espera-se que um enigma seja obscuro).

Certo.

007. (INÉDITA/2026)



André Dahmer

A respeito dos sentidos e dos aspectos linguísticos do texto precedente, julgue o próximo item.

O humor da tirinha reside no fato de o personagem “Homem Literal” ser incapaz de interpretar figurativamente a expressão “Vá ver se eu estou lá na esquina”.



Por “incapaz de interpretar figurativamente”, devemos entender que se refere a interpretar apenas literalmente (por isso ele é o “Homem Literal”!). Por meio da leitura da linguagem não verbal, observamos o Homem Literal de fato indo a algum lugar (a esquina), o que confirma a interpretação literal da expressão.

Certo.

Pronto, finalizamos os conteúdos de semântica e de figuras e vícios de linguagem. Se você quiser, faça uma pausa para um café, descanse e retorne para continuar os estudos.

COERÊNCIA TEXTUAL

Quando falamos em **coerência textual**, devemos ter em mente a noção de **integração**:

“Integração é o conjunto de procedimentos necessários à articulação significativa das unidades de informação do texto em função de seu significado global” (Azeredo, 2008).

É a partir da integração que as frases que compõem o texto se distribuem e se concatenam a fim de realizar uma combinação aceitável (possível, plausível) de conteúdos. Quando a articulação significativa depende de algum conhecimento externo (por exemplo, a cultura dos interlocutores e a situação comunicativa), a integração recebe o nome de **coerência**.

Isso quer dizer que, em um nível intratextual (nível interno ao texto), as partes do texto (frases, períodos, parágrafos etc.) devem ser solidárias entre si, isto é, estar integradas, para se chegar ao significado global do texto.

Em um nível externo ao texto (cuja construção de sentido está relacionada aos conhecimentos de mundo do produtor e receptor do texto), a articulação significativa depende da “normalidade” consensual do funcionamento das coisas do mundo (isto é, deve ser coerente).

Parece-nos claro que as noções de integração e coerência estão diretamente interligadas: não se atinge a coerência sem a integração das partes do texto.

Todas as informações contidas em um texto são distribuídas e organizadas em seu interior graças ao emprego de certos recursos lexicais e gramaticais (conjunções, preposições, pronomes, pontuação etc.). Esses recursos são utilizados em benefício da expressão do sentido e de sua compreensão. Vejamos um exemplo:

EXEMPLO

Contratei quatro pedreiros; **eles** vieram esta manhã para orçar o serviço.

Nessa frase, verificamos o uso da forma pronominal **eles** (terceira pessoa do plural) e a flexão verbal **vieram**. A forma **eles vieram** faz referência a outro elemento presente na primeira oração (Contratei **quatro pedreiros**). Sabemos que a forma pronominal **eles** refere-se ao termo **quatro pedreiros**.

A esse processo de sequenciação que assegura (ou torna recuperável) uma ligação linguística significativa entre os elementos que ocorrem na superfície textual, damos o nome de **coesão textual**.

Ambos os processos (**coerência** e **coesão**) são muito avaliados em processos seletivos, como veremos na sequência da aula.

COESÃO TEXTUAL

Há dois tipos principais de coesão: a **sequencial**, que estabelece relações semânticas diversas (como de prioridade, semelhança, contraste etc.); e a **referencial**, que vincula expressões correferenciais (que partilham o mesmo referente). Começaremos pela coesão sequencial.

COESÃO SEQUENCIAL

Quando lemos um texto, observamos uma série de recursos coesivos utilizados para dar integração aos parágrafos. Os itens mais recorrentes estão listados no quadro a seguir (adoto aqui a obra de Othon M. Garcia: Comunicação em Prosa Moderna).

COESÃO SEQUENCIAL – VALORES SEMÂNTICOS		
Valor semântico	Expressões	
Prioridade, relevância	Em primeiro lugar Antes de mais nada Primeiramente acima de tudo precipualmente mormente principalmente primordialmente sobretudo	
Tempo	então enfim Logo logo depois imediatamente logo após a princípio pouco antes pouco depois anteriormente posteriormente Em seguida afinal por fim Finalmente agora atualmente	hoje frequentemente constantemente às vezes eventualmente por vezes ocasionalmente sempre raramente não raro ao mesmo tempo simultaneamente nesse ínterim nesse meio-tempo Enquanto isso conjunções temporais

COESÃO SEQUENCIAL – VALORES SEMÂNTICOS	
Valor semântico	Expressões
Semelhança, comparação, conformidade	igualmente da mesma forma assim também do mesmo modo similarmente semelhantemente analogamente por analogia de maneira idêntica de conformidade com de acordo com segundo conforme sob o mesmo ponto de vista conjunções comparativas
Adição, continuação	Além disso ademaís outrossim ainda mais ainda por cima por outro lado também conjunções aditivas
Dúvida	talvez provavelmente possivelmente quicá é provável Não é certo se é que
Certeza, ênfase	de certo por certo certamente indubitavelmente inquestionavelmente sem dúvida inegavelmente com toda a certeza
Ilustração, esclarecimento	por exemplo isto é quer dizer em outras palavras ou por outra a saber

COESÃO SEQUENCIAL – VALORES SEMÂNTICOS	
Valor semântico	Expressões
Propósito, intenção, finalidade	com o fim de a fim de com o propósito de propositalmente de propósito intencionalmente conjunções finais
Resumo, recapitulação, conclusão	Em suma Em síntese Em conclusão enfim Em resumo Portanto
Causa e consequência	por consequência por conseguinte como resultado por isso por causa de em virtude de assim de fato com efeito conjunções causais, conclusivas e explicativas
Contraste, oposição, restrição, ressalva	pelo contrário em contraste com salvo exceto menos conjunções adversativas e concessivas

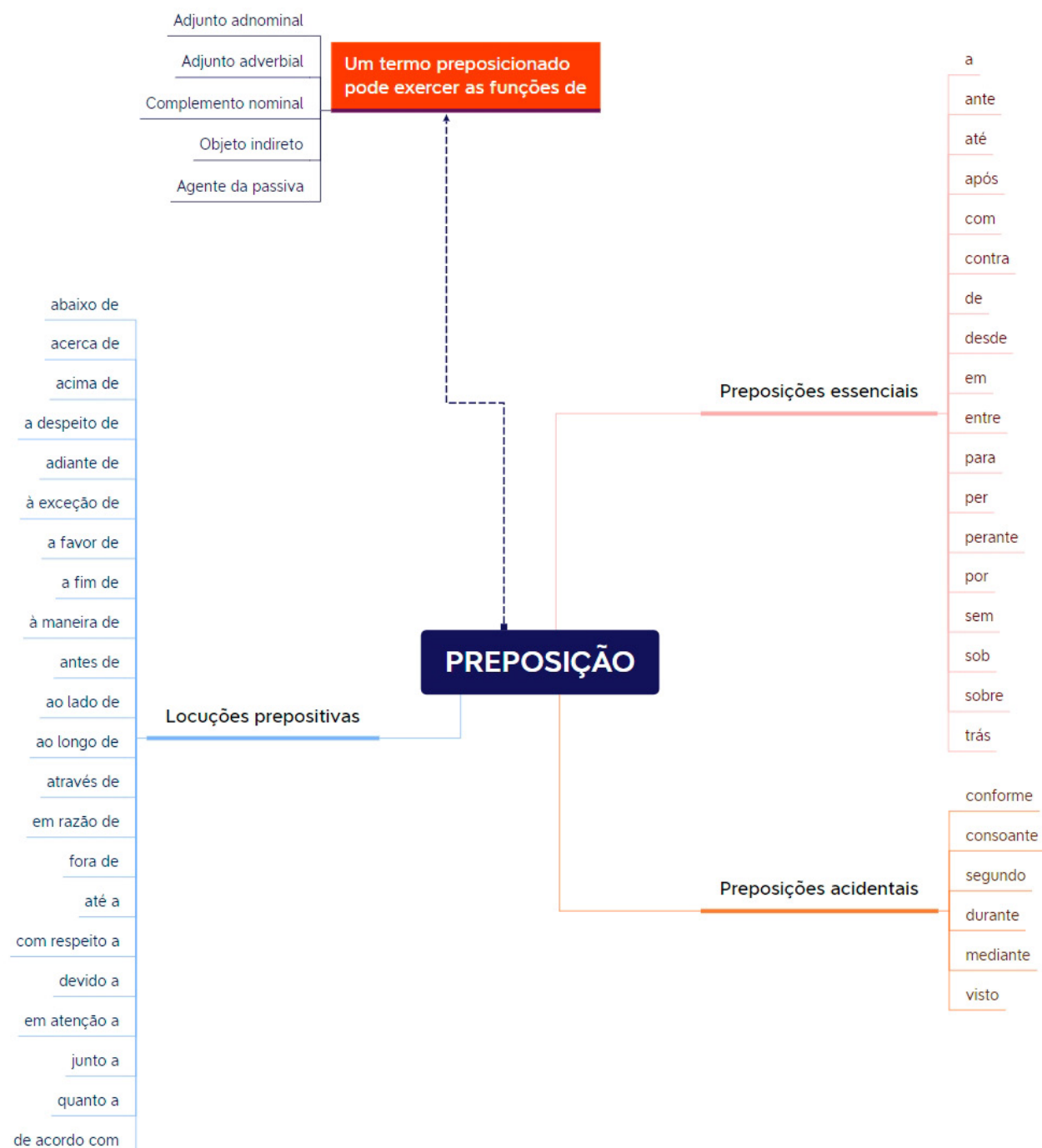
O PULO DO GATO



Você pode usar esta tabela para melhorar a sua produção escrita. Seu texto ficará mais rico em vocabulário, o que é muito importante em provas discursivas.

As principais **conjunções** e as principais **preposições** estão sintetizadas nos mapas mentais a seguir:

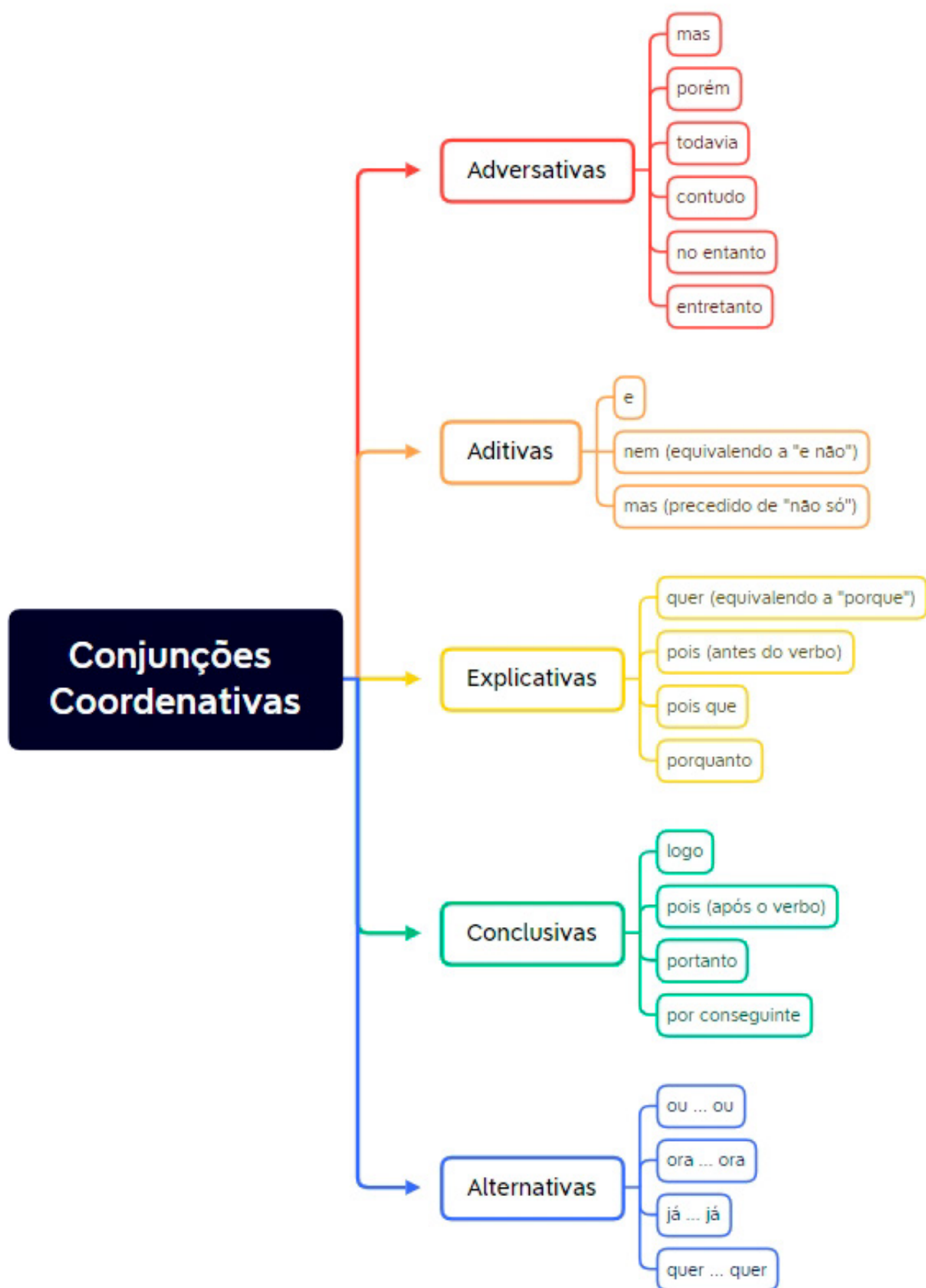
Principais preposições (estabelecem relações de subordinação)



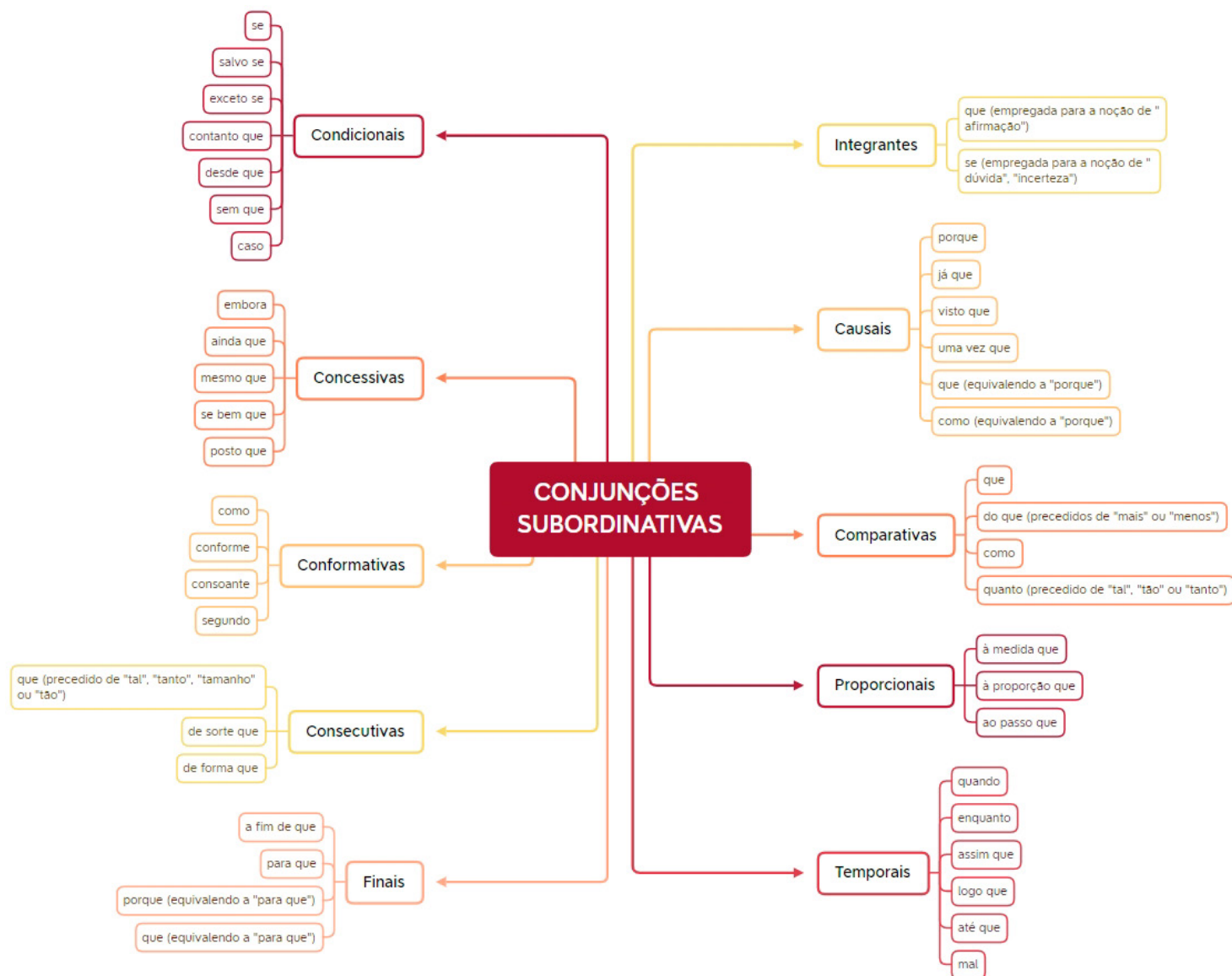
Traços semânticos das preposições (segundo o gramático Evanildo Bechara)



Principais conjunções coordenativas (estabelecem relações de coordenação)



Principais conjunções subordinativas (estabelecem relações de subordinação).



DIRETO DO CONCURSO

Economizar Água

Apesar de parecer muita, devido ao aumento excessivo da população mundial e à poluição que o homem produz, diariamente, a água potável do mundo está cada vez mais escassa. E a falta de água para consumo, principalmente em regiões mais pobres, populosas e áridas do mundo, já é uma realidade preocupante. Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), o Brasil é um país de sorte e vai contra essa tendência mundial.

Apesar de parecer muita, devido ao aumento excessivo da população mundial e à poluição que o homem produz, diariamente, / a água potável do mundo está cada vez mais escassa.

008. (FGV/ASSISTENTE/EBSERH/2025) A **relação lógica** entre os dois segmentos desse fragmento do texto precedente é, respectivamente, de

- a) fato / explicação
- b) consequência / causa
- c) concessão / fato
- d) causa / consequência
- e) condição / ação



A presença do conectivo “Apesar de” no início da primeira oração já indica que estamos diante de uma oração concessiva. A essa oração concessiva, segue-se uma oração que denota um fato. Não se trata, assim, de, primeiramente, um fato, uma consequência, uma causa ou uma condição. Para ser condição, o conectivo deveria denotar essa noção (como “Se” ou “Caso”). Para ser causa, seria necessário denotar um evento que precede uma consequência (e, inversamente, para ser uma consequência, deveria haver uma causa). Logo, apenas a alternativa (C) está correta.

Letra c.

COESÃO REFERENCIAL

Em um texto, o referente (aquilo sobre o que estamos falando) pode ser expresso por formas pronominais e por itens lexicais equivalentes (sinônimos, perífrases etc.). Vamos observar a forma mais comum de referência: a realizada pelos **pronomes**.

Para definir um pronome, temos que usar uma palavra pouco conhecida, **díctico**, que significa “aquilo que se refere à situação em que o enunciado é produzido, ao momento da enunciação e aos atores do discurso”. *Vixe, professor, a palavra é desconhecida e o significado é complicado...* Fique tranquilo(a), vou esclarecer.

Quando eu digo algo como “**Eu** comprei **este** celular pela internet”, as formas pronominais **Eu** e **este** fazem referência a alguma coisa. Mas a quais coisas? A forma pronominal **Eu** faz referência a quem comunica a mensagem. A mesma pessoa que comprou o celular é a pessoa que informa que comprou o celular. Essa forma pronominal indica, então, um ator do discurso.

A forma pronominal **este** também faz referência a algo. No caso da frase “Eu comprei **este** celular pela internet”, o pronome **este** indica que o item comprado pela internet (o celular) está **próximo** ao enunciador (ao **Eu**). Se a frase fosse “Eu comprei **esse** celular pela internet”, o pronome **esse** indicaria que o objeto comprado (o celular) está perto do receptor da mensagem (aquele a quem dirijo a minha fala). E, por fim, se a frase fosse “Eu comprei **aquele** celular pela internet”, o significado também mudaria: o objeto comprado (celular) está distante tanto do enunciador (aquele que produz a mensagem) quanto do receptor (aquele que recebe a mensagem). Ficou claro? Essa ilustração serve para traduzir a ideia de que **as formas pronominais podem ser díticas** (ou seja, os pronomes podem fazer referência à situação em que o enunciado — a mensagem — é produzido).

Os pronomes também fazem referência internamente ao texto. Por exemplo, vamos observar a sequência de frases a seguir:

EXEMPLO

A professora chegou atrasada. **Ela** quase nunca faz **isso**.

Dois pronomes se destacam na segunda frase (**Ela** quase nunca faz **isso**). Como falante do português, você certamente sabe quais são os referentes desses dois pronomes, não é? O pronome **Ela** faz referência ao nome **professora** (primeira frase) e o pronome **isso** faz referência ao evento de **chegar atrasada**. Quando uma forma pronominal **retoma** uma informação presente no texto, estamos diante de uma **anáfora**.

Os pronomes também podem **antecipar** informações que ainda serão apresentadas, como neste exemplo:

EXEMPLO

Eu sempre escutei esses artistas: David Gilmour, Pat Metheny e Djavan.

A expressão “**estes artistas**” antecipa os nomes **David Gilmour, Pat Metheny e Djavan**. Quando uma forma pronominal **antecipa** uma informação do texto, estamos diante de uma **catáfora**.

Também é possível retomar um referente por meio de substituições lexicais (lembrando que a substituição por pronomes também é uma substituição lexical). Por exemplo, posso fazer referência a um “professor” citando-o como “mestre”, “docente” etc. Também é possível utilizar hiperônimos, fazendo referência a um “sofá” como um “móvel”. Por fim, na

substituição lexical, também se pode fazer referência por meio de perífrases. Ao invés de citar o nome de “Cacilda Becker”, posso citá-la como “a grande dama do teatro brasileiro”.

Outro recurso coesivo é a adoção de elipses. No âmbito da flexão verbal, por exemplo, é possível recuperar o referente pelas marcas morfológicas de número e pessoa (flexões de 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular e do plural). No âmbito dos nomes, a elipse ocorre principalmente nos sintagmas nominais: em vez de repetir o termo, adotam-se apenas o(s) determinante(s)/modificador(es).

Muito bem! Agora estamos preparados para analisar como as bancas avaliam o conteúdo de coesão.

DIRETO DO CONCURSO

Texto CG1A1

Em *Tratado de medicina legal*, Agostinho José de Souza Lima define a perícia médica como toda sindicância promovida por autoridade policial ou judiciária acompanhada de exame e cujos peritos, dada a natureza do exame, são ou devem ser médicos. Disso decorre que o perito médico é a pessoa entendida e experimentada em temas de medicina que, designada pela autoridade competente, deverá esclarecer um fato de natureza médica mais ou menos duradouro.

A perícia médico-legal surgiu da necessidade de solução para casos concretos. A princípio, haviam apenas alguns vestígios de perícias nas legislações primitivas; depois, os indícios da prática ficaram mais evidentes, principalmente na Idade Média, até a atitude de definir-se e concretizar-se na Renascença. Sua instituição oficial no Código Carolino, em 1532.

A perícia médico-legal já era tarefa do Estado desde o tempo dos egípcios, conforme consta dos papiros da época. Embora a medicina egípcia estivesse impregnada de magia e divindade, e empregasse, na cura das doenças, os encantamentos e os exorcismos, alguns historiadores veem indícios de médicos atuando como peritos no Antigo Egito. Os sacerdotes médicos verificavam, por perícia, se a morte fora violenta ou natural; a prática do embalsamamento exigia a mesma verificação. As leis de Menés, a primeira da história, mandavam adiar o castigo das mulheres grávidas, excluindo-as das penas aflitivas, pois isso implicava a intervenção do perito para o diagnóstico da gravidez. O Código de Hamurabi, uma compilação de leis sumérias, previa penas severas para os casos de erro médico, o que subordinava a atividade.

A legislação hebraica, superior às precedentes porque exigia duas testemunhas para a condenação do suspeito, a responsabilidade das testemunhas e do juiz, a garantia dos tribunais, a publicidade dos debates, a igualdade perante a lei e a observância do devido

processo, motivava o sentimento de justiça através do dogma religioso. Segundo essa legislação, os médicos peritos deveriam ser aplicados pelos sacerdotes, que também exerciam a função de médico.

(Fonte: COSTA JUNIOR, João Baptista de Oliveira e. *Os primórdios da perícia médico-legal*)

009. (CEBRASPE/PERITO MÉDICO/INSS/2025) Com base nas ideias veiculadas no texto precedente, em sua estrutura linguística e em seu vocabulário, julgue o item a seguir. No segundo parágrafo, as palavras “prática”, “atividade” e “instituição” integram uma cadeia coesiva, substituindo o emprego da expressão “perícia médico-legal”.



Os termos “prática” e “atividade” substituem “perícia médico-legal”. No entanto, a expressão “instituição” não exerce essa função substitutiva. Esse termo denota o fato de a perícia médico-legal ter sido instituída.

Errado.

EMPREGO DE TEMPOS E MODOS VERBAIS

Nos editais da banca CEBRASPE, observamos o seguinte padrão de organização dos conteúdos de coesão textual:

Domínio dos mecanismos de coesão textual: (i) Emprego de elementos de referência, substituição e repetição, conectores e outros elementos de sequenciação textual; (ii)

Emprego de tempos e modos verbais.

O item “Emprego de tempos e modos verbais” está inserido no tópico sobre coesão textual. Por isso, farei uma breve exposição sobre como isso é abordado pela banca.

O tópico central cobrado pela banca CEBRASPE está vinculado à **correlação verbal**, um fenômeno de *harmonização* entre tempos e modos de verbos que ocorre em estruturas oracionais complexas (as quais envolvem, é claro, mais de um núcleo verbal). Em concursos, temos o seguinte tipo de avaliação:

EXEMPLO

“Se eu tivesse muito dinheiro, iria para as Bahamas.

Preencha corretamente a lacuna acima com a forma verbal:

- a) viajo
- b) viajarei
- c) viajaria
- d) viajei

Intuitivamente, você sabe que a forma adequada é “viajaria”, certo? Isso porque as duas formas denotam **hipótese**. No conteúdo de **correlação verbal** (e nas questões de concurso), vale a pena confiar nessa intuição que todos nós, falantes nativos da língua portuguesa, temos.

As correlações mais avaliadas em concursos são as seguintes:

EXEMPLO

i. Não é adequado que você **desrespeite** seu chefe.

[presente do indicativo + presente do subjuntivo]

ii. Quando o governo **resolver** investir em educação, **acreditarei** em um futuro melhor.

[futuro do subjuntivo + futuro do presente do indicativo]

iii. **Orei** durante dias para que você se **convertesse**.

[pretérito perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do subjuntivo]

iv. Se **corrêsse** mais, **seríamos** mais saudáveis.

[pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito do indicativo]

A correlação (iv) é, talvez, a mais avaliada. Por isso, atenção!

DIRETO DO CONCURSO

Em *Tratado de medicina legal*, Agostinho José de Souza Lima define a perícia médica como toda sindicância promovida por autoridade policial ou judiciária acompanhada de exame e cujos peritos, dada a natureza do exame, são ou devem ser médicos. Disso decorre que o perito médico é a pessoa entendida e experimentada em temas de medicina que, designada pela autoridade competente, deverá esclarecer um fato de natureza médica mais ou menos duradouro.

A perícia médico-legal surgiu da necessidade de solução para casos concretos. A princípio, haviam apenas alguns vestígios de perícias nas legislações primitivas; depois, os indícios da prática ficaram mais evidentes, principalmente na Idade Média, até a atitude de definir-se e concretizar-se na Renascença. Sua instituição oficial no Código Carolino, em 1532.

A perícia médico-legal já era tarefa do Estado desde o tempo dos egípcios, conforme consta dos papiros da época. Embora a medicina egípcia estivesse impregnada de magia e divindade, e empregasse, na cura das doenças, os encantamentos e os exorcismos, alguns historiadores veem indícios de médicos atuando como peritos no Antigo Egito. Os sacerdotes médicos verificavam, por perícia, se a morte fora violenta ou natural; a prática do embalsamamento exigia a mesma verificação. As leis de Menés, a primeira da história, mandavam adiar o castigo das mulheres grávidas, excluindo-as das penas aflitivas, pois isso

implicava a intervenção do perito para o diagnóstico da gravidez. O Código de Hamurabi, uma compilação de leis sumérias, previa penas severas para os casos de erro médico, o que subordinava a atividade.

A legislação hebraica, superior às precedentes porque exigia duas testemunhas para a condenação do suspeito, a responsabilidade das testemunhas e do juiz, a garantia dos tribunais, a publicidade dos debates, a igualdade perante a lei e a observância do devido processo, motivava o sentimento de justiça através do dogma religioso. Segundo essa legislação, os médicos peritos deveriam ser aplicados pelos sacerdotes, que também exerciam a função de médico.

(Fonte: COSTA JUNIOR, João Baptista de Oliveira e. *Os primórdios da perícia médico-legal*)

010. (CEBRASPE/PERITO MÉDICO/INSS/2025) Com base nas ideias veiculadas no texto precedente, em sua estrutura linguística e em seu vocabulário, julgue o item a seguir. Estariam mantidos a correção gramatical e o sentido textual caso a forma verbal “fora” (terceiro período do terceiro parágrafo) fosse substituída por **havia sido**.



As duas formas denotam o mesmo tempo-modo: pretérito mais-que-perfeito. Por isso, são intercambiáveis; uma pode substituir a outra.

Certo.

REESCRITA

As principais bancas examinadoras apresentam questões de reescrita em seus processos seletivos. Isso se tornou muito recorrente nos últimos anos **e é quase certo que haverá uma questão desse tipo em sua prova**. Por isso, precisamos abordar esse conteúdo.

Nos editais, o tópico de **reescrita** pode aparecer nos *conteúdos programáticos* como:

- reescrita de frases e parágrafos do texto;
- equivalência e transformação de estruturas;
- substituição de palavras ou trechos de texto;
- reorganização da estrutura de orações e períodos do texto;
- reescrita de textos de diferentes gêneros e níveis de formalidade;
- reescrita de frases: paralelismo.

Bom, a primeira coisa que você precisa saber é que a noção de **reescrita** pode estar vinculada à ideia de **manutenção da correção gramatical**. Nesse caso, o que a banca avalia é se a reescrita mantém as relações gramaticais segundo a norma culta.

Além das questões relativas à noção de correção gramatical, temos questões que explicitam a necessidade de a reescrita preservar a correção gramatical e os sentidos originais:

Professor, e se a banca exigir somente uma coisa? Por exemplo: que a reescrita preserve apenas a correção gramatical. Nesse caso, como faço se houver mudança de sentido?

Aqui a ideia é que devemos julgar o item de acordo com o que é exigido pela banca. **Se a banca exige a sua avaliação sobre a correção gramatical, avalie a correção gramatical. Se a banca exige apenas a manutenção de sentidos, avalie apenas a manutenção dos sentidos.** Como se sabe, há uma estreita relação entre a estrutura gramatical e os sentidos de um texto. Se houver mudança na estrutura gramatical, há grande probabilidade de haver mudança de sentido (probabilidade, mas não obrigatoriedade). No final das contas, o importante é estar atento(a) ao que se pede no comando do item.

Além de alterações de ordem gramatical, as bancas também podem exigir alterações na configuração de períodos e parágrafos. Aqui, importa observar se se mantêm a coesão e a coerência originais.

Então, o que temos até agora é o seguinte: em questões de reescrita, pode-se avaliar:

- a preservação da estrutura gramatical (norma culta);
- a preservação do sentido original do texto;
- a preservação da estrutura gramatical e do sentido original do texto;
- a preservação da organização textual (períodos, parágrafos etc.) (no âmbito da coerência e da coesão).

Em questões de múltipla escolha, a formatação típica é combinar diversos conhecimentos normativos (prescrição gramatical) ao longo das alternativas. Por exemplo: na alternativa (A), há um erro de concordância; na alternativa (B), um erro de colocação pronominal; na alternativa (C), um erro de crase etc. Também é comum avaliar a redação mais adequada em termos de concisão, clareza e correção.

Professor, então, nas questões de reescrita, a banca pode avaliar qualquer conteúdo de Língua Portuguesa?

EXATAMENTE! Eu costumo chamar a denominação “reescrita” de **termo coringa** para a banca cobrar *todo e qualquer* conteúdo de gramática, semântica ou texto. É um desafio, eu sei. Você precisa articular bem seus conhecimentos de gramática aos conhecimentos de texto (tipologia, gêneros, níveis de formalidade, coesão, coerência, estrutura do parágrafo etc.).

No âmbito gramatical, os principais tópicos avaliados em questões de reescrita são os seguintes:

- uso de conectivos (conjunções);
- pontuação;
- concordância (nominal e verbal);
- regência (e crase);
- colocação e ordem de termos;
- sinonímia e antonímia;
- uso de pronomes (referenciação);
- ortografia/acentuação;

Vamos avançar e detalhar os conteúdos mais recorrentes:

- **Conectivos:**
 - equivalência de conectivos no período composto (por coordenação e por subordinação).
- **Pontuação:**
 - uso de vírgula para isolar termos deslocados;
 - uso inadequado de vírgula para separar termos em ordem direta (SVO).
- **Concordância:**
 - identificação da relação entre a forma verbal e o sujeito que desencadeia a flexão;
 - verbos impessoais: haver, meteorológicos (ficam sempre na terceira pessoa do singular);
 - sujeito posposto;
 - distinção TEM/TÊM: tem (sujeito na 3ª pessoa do singular); têm (sujeito na 3ª pessoa do plural).
- **Regência:**
 - verbos mais recorrentes: assistir, aspirar, avisar, implicar, pedir, obedecer, visar;
 - verbos que regem a preposição “a”: possível ocorrência de crase.

No âmbito da Interpretação de Textos, a reescrita é tratada como um fenômeno de **paráfrase**, definida como “diferentes formas de dizer a mesma coisa; frase sinônima”. Assim, a paráfrase é o recurso linguístico de expressar a mesma ideia de diferentes formas. A frase declarativa a seguir pode ter diversas paráfrases:

EXEMPLO

O João Gabriel comprou aquela Fender na Amazon.

Paráfrases:

EXEMPLO

- i. Foi na Amazon que o João Gabriel comprou aquela Fender. [clivagem]
- ii. Aquela Fender foi comprada na Amazon pelo João Gabriel. [apassivação]

- iii. O João Gabriel comprou, na Amazon, aquela Fender. [deslocamento]
- iv. Ele **a** comprou **lá**. [pronominalização]

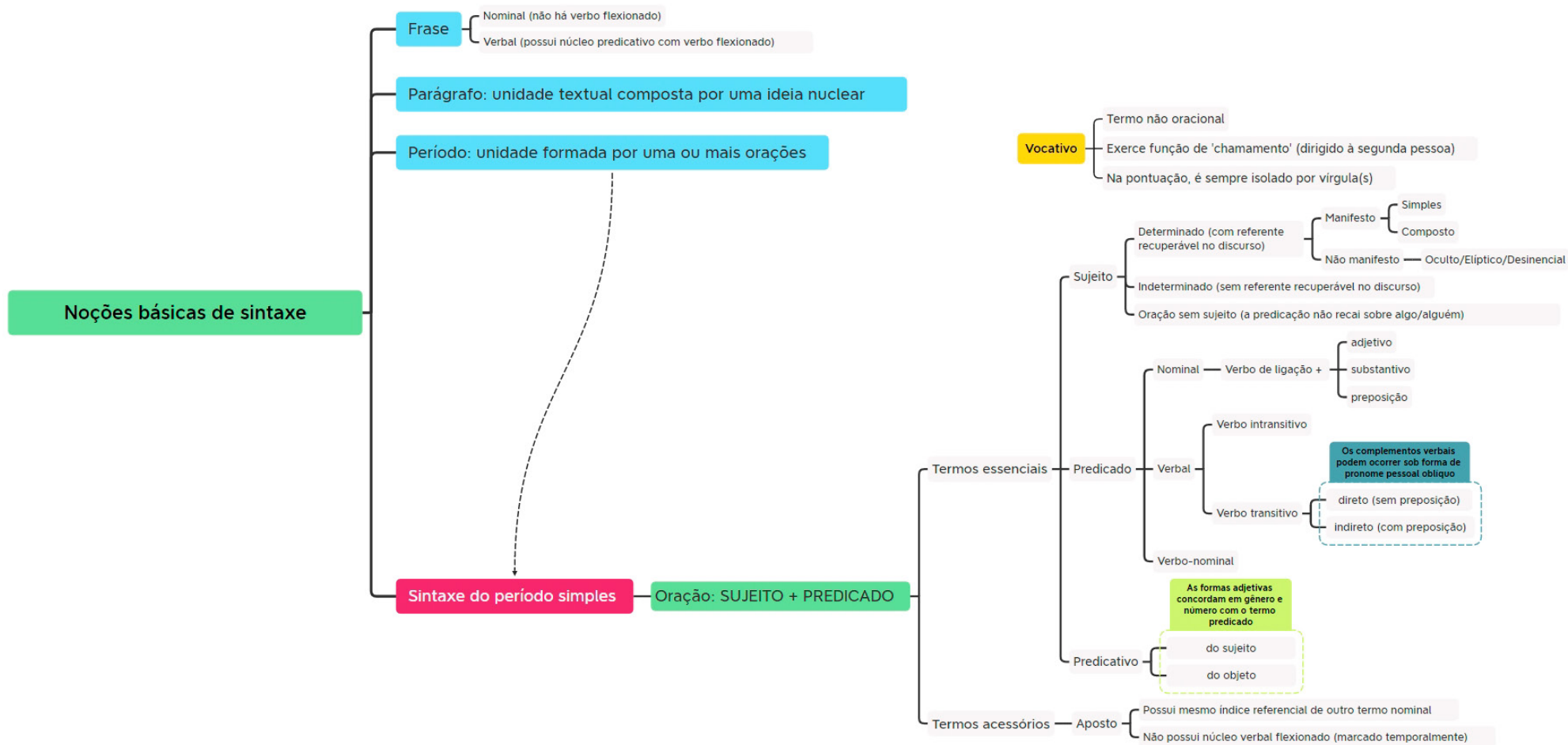
Há diversas formas de realizar paráfrases. As principais são estas (o sinal de "<>" significa "vice-versa"):

- mudança de nível de formalidade (formal <> informal);
- mudança no tipo de discurso (direto <> indireto);
- nominalizações;
- mudança de voz (ativa <> passiva);
- deslocamento:
 - de constituintes;
 - de períodos dentro de um parágrafo; ou
 - de parágrafos em um texto.
- substituição vocabular:
 - de conectores (conjunções e preposições);
 - de itens lexicais (por sinonímia, hponímia ou hiperonímia);
 - de palavras por locuções/perífrases (vice-versa);
 - de categorias gramaticais (tempos e modos verbais; aspecto verbal; gênero e número nos nomes);
 - via conversão de classe (nominalização, formação de advérbios em -mente etc.);
- pronominalização e substituição de formas pronominais (especialmente do pronome relativo "que").

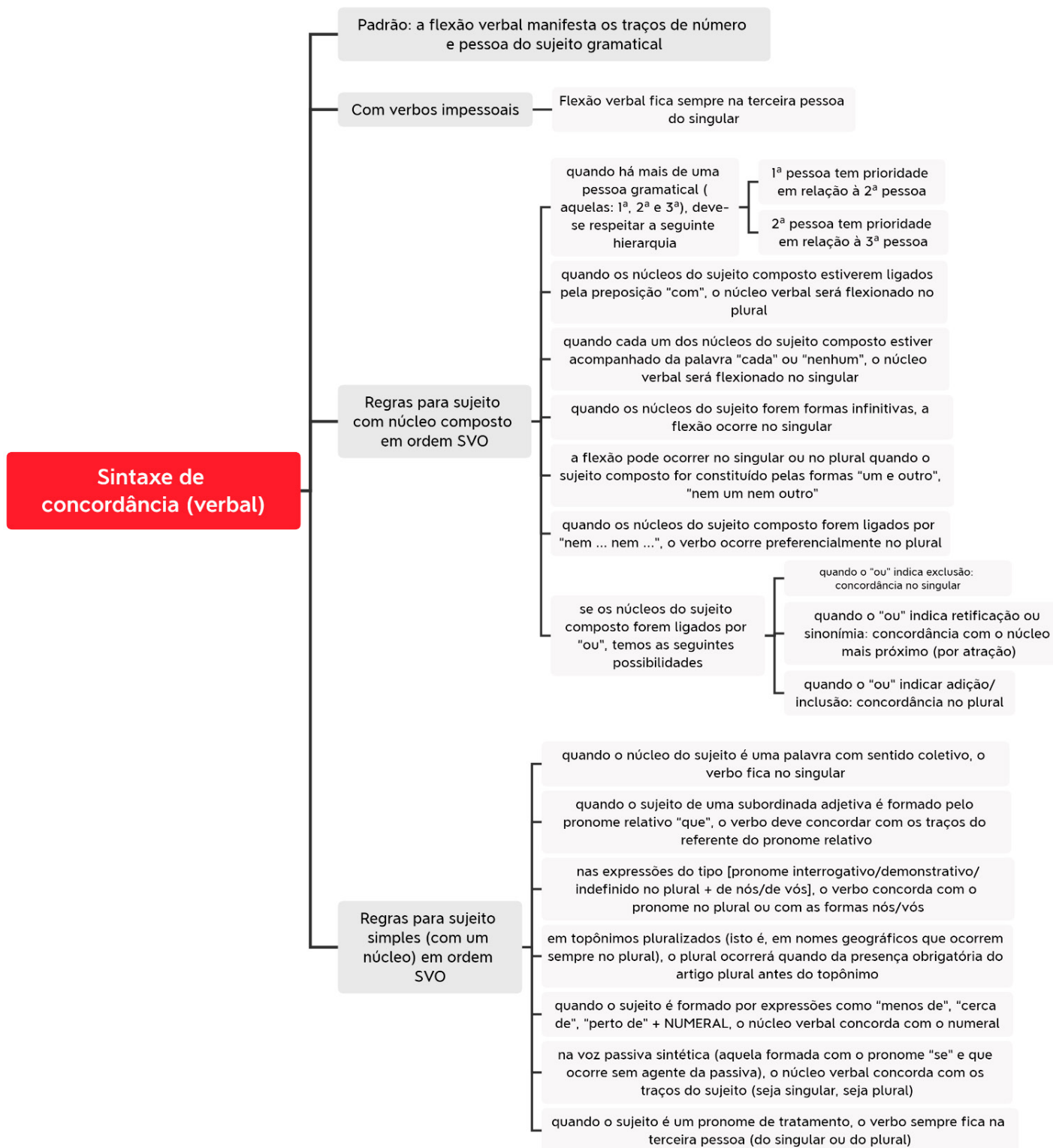
Temos o suficiente para os fins de nosso curso. Lembro sempre que, na resolução de questões de reescrita, o importante é articular **todos** os conhecimentos de Língua Portuguesa, observando sempre se há (ou não) a manutenção da estrutura gramatical (norma culta) e do sentido original.

Caso você não se recorde dos detalhes desses conteúdos gramaticais, indico a retomada desses pontos nas aulas teóricas de Gramática (curso em PDF e videoaulas). Para rememorar esses conhecimentos, sintetizo a seguir, com mapas mentais, as principais noções gramaticais abordadas em questões de reescrita:

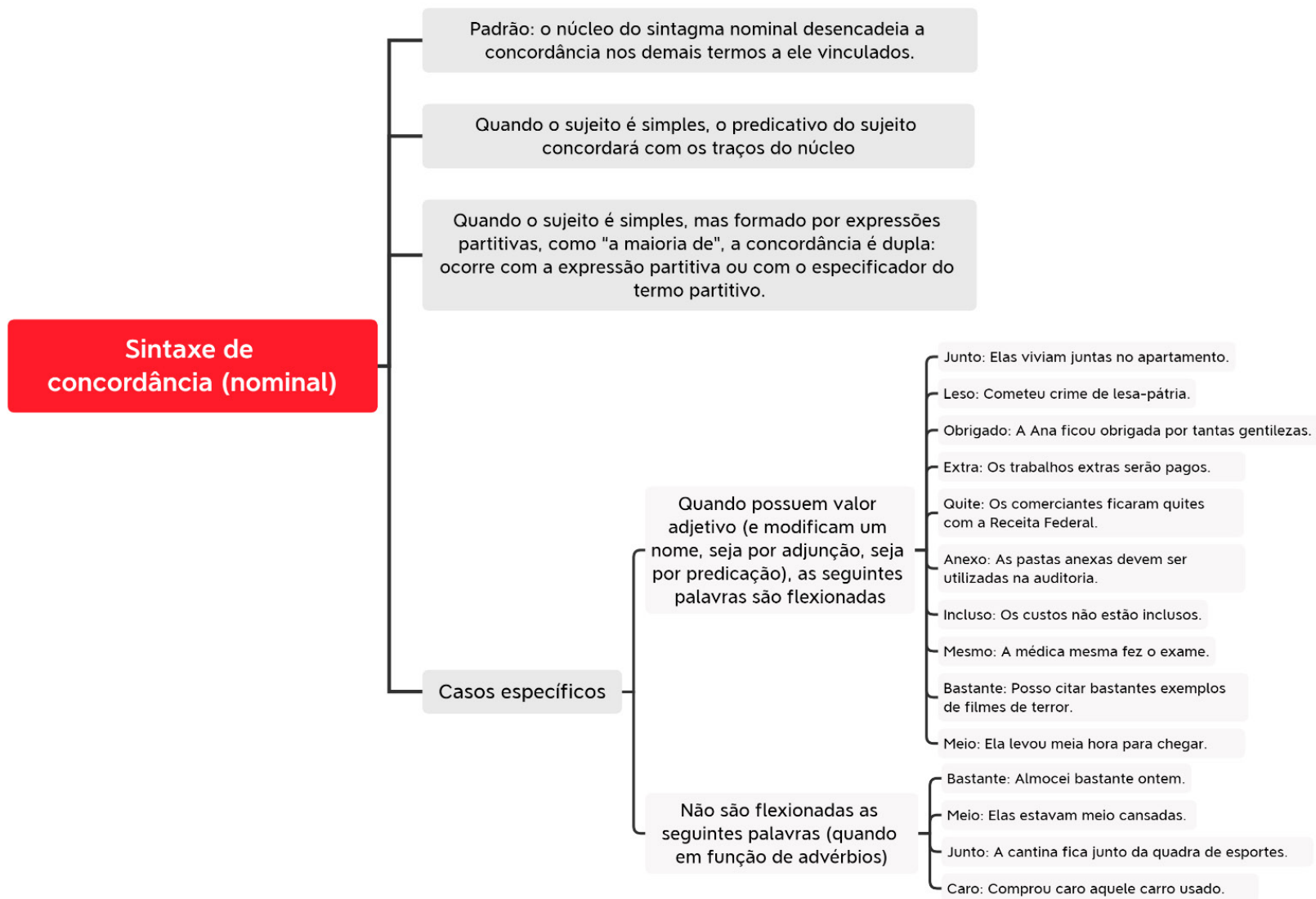
Noções Gramaticais: Sintaxe do Período Simples



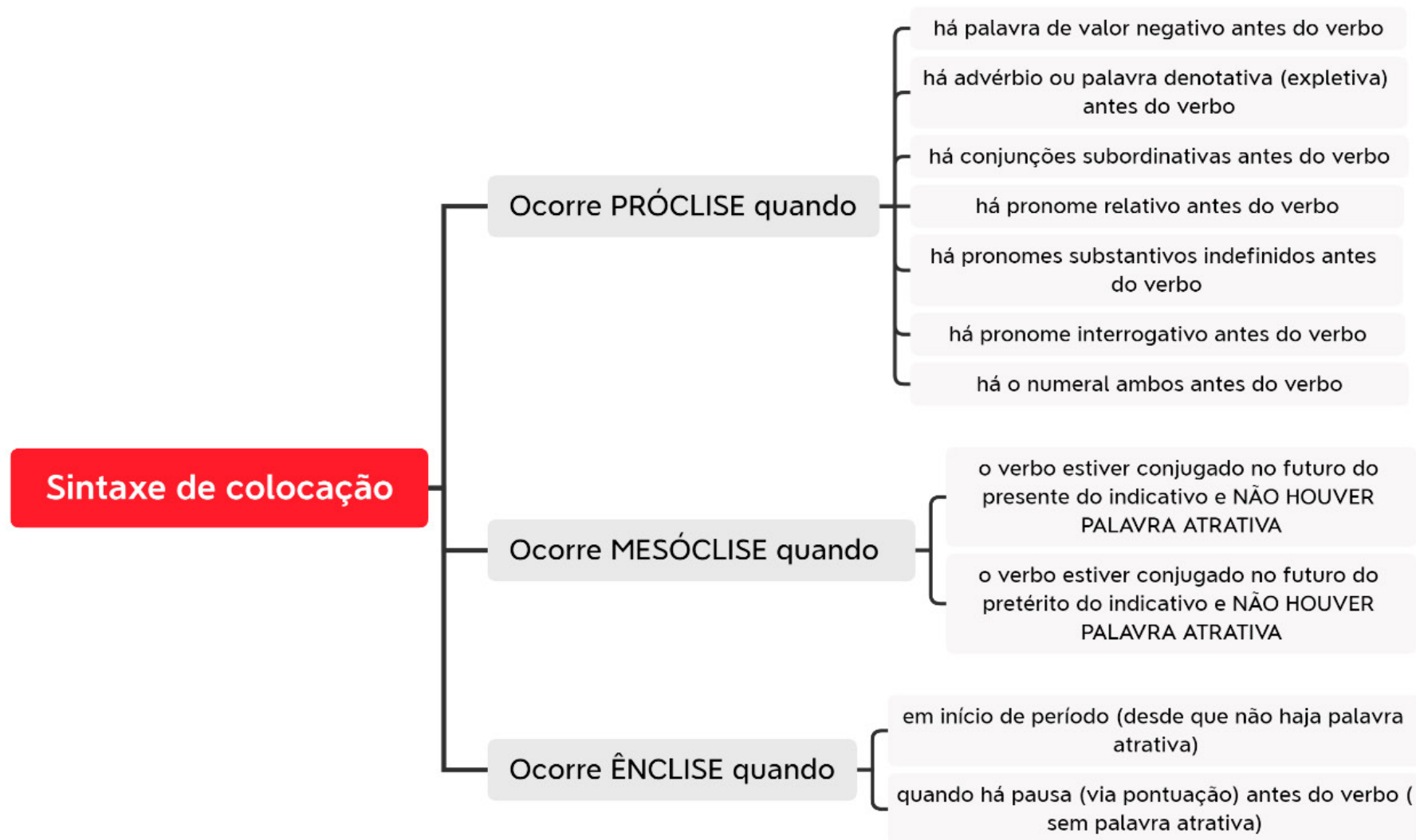
Noções Gramaticais: Concordância Verbal



Noções Gramaticais: Concordância Nominal



Noções gramaticais: colocação pronominal



Colocação em locuções/ perífrases verbais

Nas formas [auxiliar + infinitivo: "quero falar"] e [auxiliar + gerúndio: "estou falando"], o pronome poderá aparecer

proclítico ao auxiliar

enclítico ao auxiliar: Eu quero-lhe falar (com o pronome hifienizado); Eu estou-lhe dizendo (com o pronome hifienizado). Essa colocação também pode ocorrer sem o hífen (segundo o gramático Evanildo Bechara): Eu quero lhe falar; Eu estou lhe dizendo.

enclítico ao verbo principal (sempre ligado por hífen)

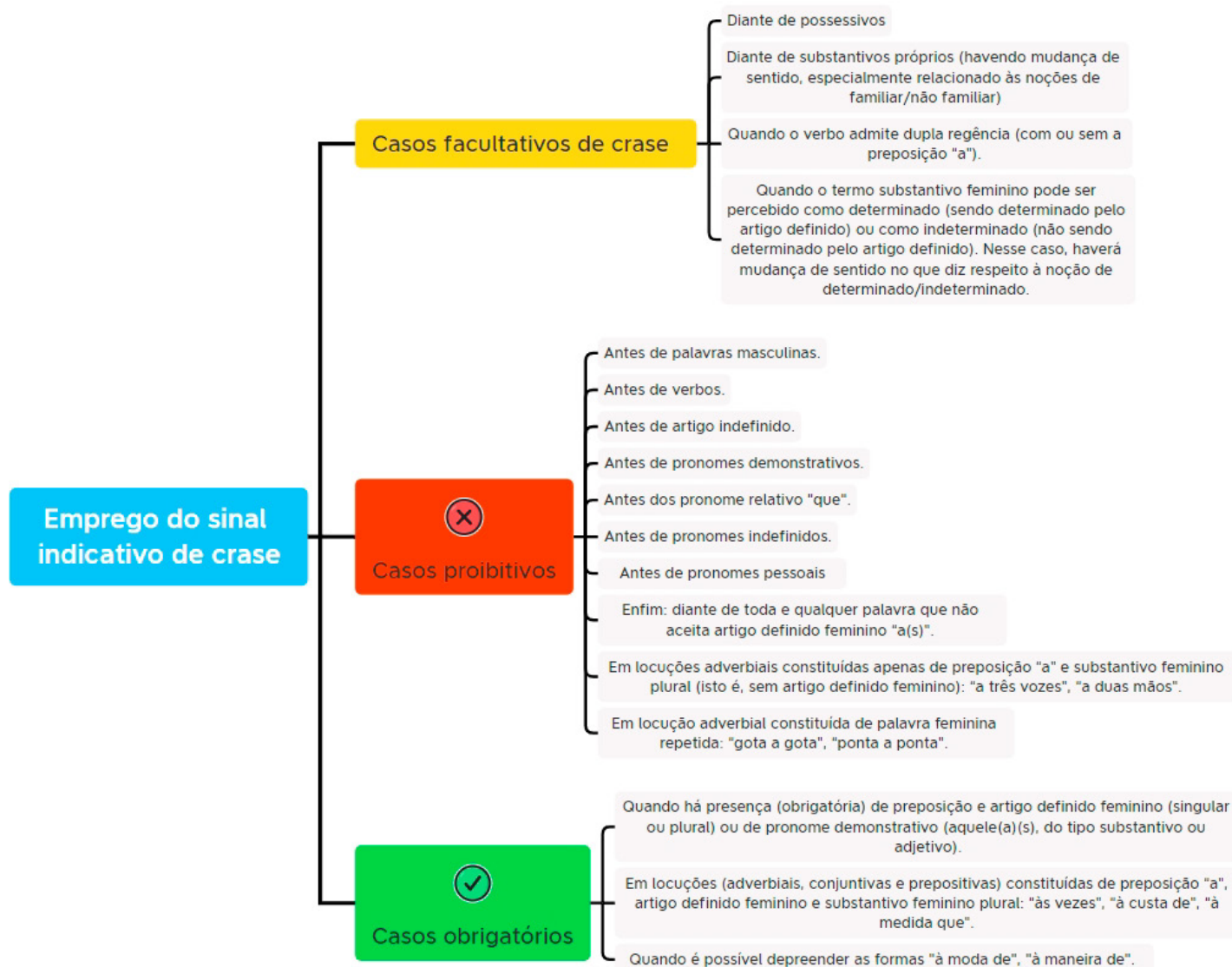
Nas formas [auxiliar + particípio], como em "tenho falado", o pronome poderá aparecer:

proclítico ao auxiliar

enclítico ao auxiliar (ligado ou não por hífen)

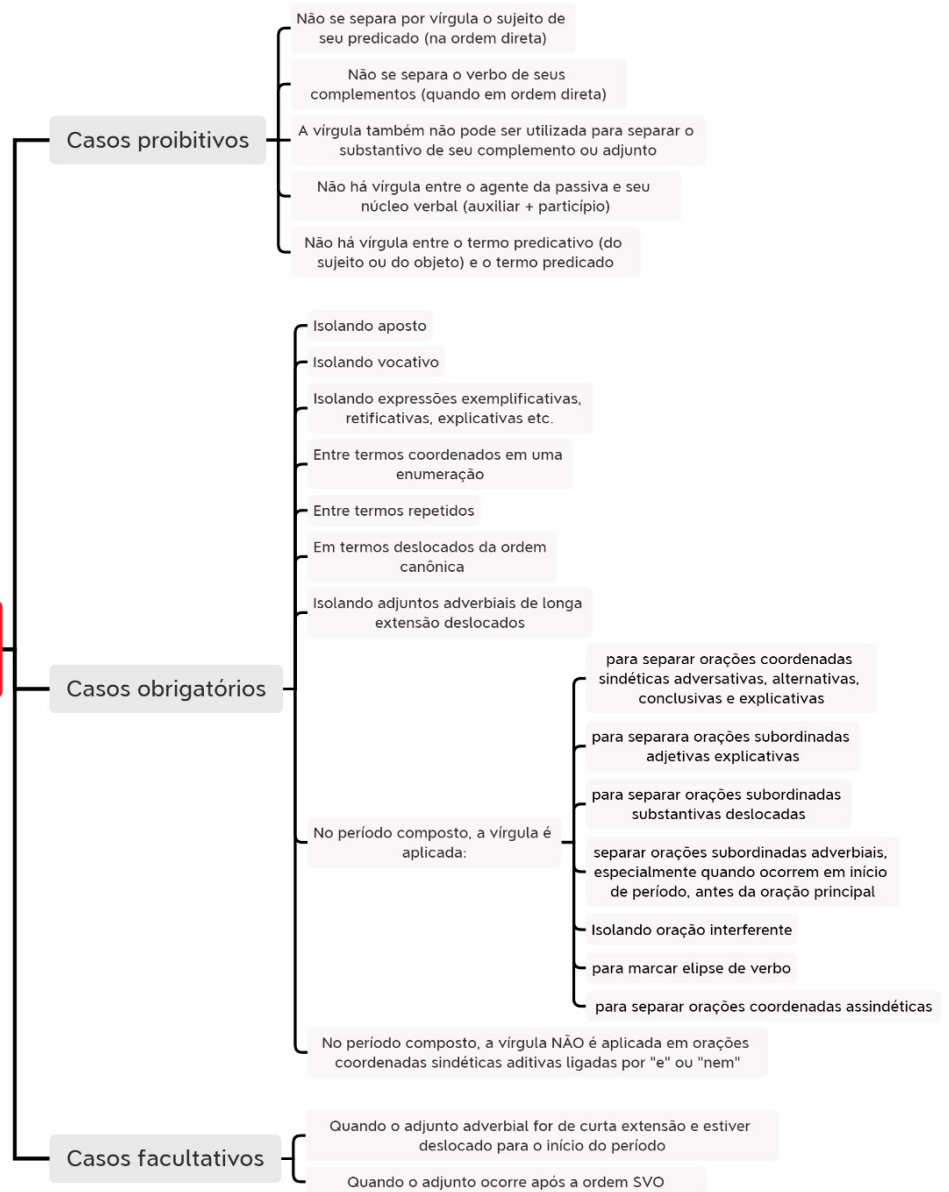
IMPORTANTE: nunca se pospõe pronome átono a particípio (ou seja, o pronome átono nunca ocorre após o particípio). É incorreto, então, registrar "Eu tenho falado-lhe".

Noções Gramaticais: Crase



Noções gramaticais: pontuação

Emprego dos sinais de pontuação - vírgula



DIRETO DO CONCURSO

011. (FGV/TÉCNICO/EBSERH/2025)

Norma da Empresa

Descartar-se um cliente que está reclamando com um “É norma da empresa” deixa-o furioso. É o equivalente empresarial da frase que nossos pais costumavam dizer: “Porque sim”. No texto precedente, uma substituição **inadequada** de termos seria

- a) que está reclamando / reclamante
- b) da empresa / empreendedora
- c) furioso / com fúria
- d) o equivalente / a equivalência
- e) da frase / frasal



As substituições propostas em A, C, D e E mantêm a correção gramatical e os sentidos originais: descartar-se um cliente **reclamante** com um “é norma da empresa” deixa-o **com fúria**. É a **equivalência** empresarial **frasal** que nossos pais costumavam dizer: “porque sim”. A substituição proposta em B, no entanto, altera os sentidos originais, pois “empreendedora” não possui o mesmo significado de “da empresa”: “empreendedora” denota uma agentividade que não está presente no sentido original.

Letra b.

Em *Tratado de Medicina Legal*, Agostinho José de Souza Lima define a perícia médica como toda sindicância promovida por autoridade policial ou judiciária, acompanhada de exame, cujos peritos, dada a natureza do exame, são ou devem ser médicos. Disso decorre que o perito médico é a pessoa entendida e experimentada em temas de medicina que, designada pela autoridade competente, deverá esclarecer um fato de natureza médica mais ou menos duradouro.

A perícia médico-legal surgiu da necessidade de solução para casos concretos. A princípio, havia apenas alguns vestígios de perícias nas legislações primitivas; depois, os indícios da prática ficaram mais evidentes, principalmente na Idade Média, até a atitude de definir-se e concretizar-se na Renascença. Sua instituição oficial deu-se no Código Carolino, em 1532.

A perícia médico-legal já era tarefa do Estado desde o tempo dos egípcios, conforme consta dos papiros da época. Embora a medicina egípcia estivesse impregnada de magia e divindade e empregasse, na cura das doenças, encantamentos e exorcismos, alguns historiadores veem indícios de médicos atuando como peritos no Antigo Egito. Os sacerdotes médicos verificavam, por perícia, se a morte fora violenta ou natural; a prática do embalsamamento

exigia a mesma verificação. As leis de Menés, a primeira da história, mandavam adiar o castigo das mulheres grávidas, excluindo-as das penas aflitivas, pois isso implicava a intervenção do perito para o diagnóstico da gravidez. O Código de Hamurabi, uma compilação de leis sumérias, previa penas severas para os casos de erro médico, o que subordinava a atividade.

A legislação hebraica, superior às precedentes, exigia duas testemunhas para a condenação do suspeito, a responsabilidade das testemunhas e do juiz, a garantia dos tribunais, a publicidade dos debates, a igualdade perante a lei e a observância do devido processo, motivando o sentimento de justiça por meio do dogma religioso. Segundo essa legislação, os médicos peritos deveriam ser designados pelos sacerdotes, que também exerciam a função de médicos.

(Fonte: COSTA JUNIOR, João Baptista de Oliveira e. *Os primórdios da perícia médico-legal*)

012. (CEBRASPE/PERITO MÉDICO/INSS/2025) Com base nas ideias veiculadas no texto precedente, em sua estrutura linguística e em seu vocabulário, julgue o item a seguir.

O trecho “define a perícia médica como toda sindicância promovida por autoridade policial ou judiciária acompanhada de exame e cujos peritos, dada a natureza do exame, são ou devem ser médicos” (primeiro período do primeiro parágrafo) poderia ser reescrito, mantendo-se a correção gramatical e o seu sentido original, da seguinte forma: **define a perícia médica como qualquer sindicância promovida por autoridade policial ou judiciária acompanhada de exame e que os peritos são ou devem ser médicos, devido a natureza do exame.**



Um erro central na reescrita leva o julgamento da questão ao gabarito errado: deve haver crase diante de “natureza”: devido à natureza do exame. Adicionalmente, considero que o “e que” não preserva o sentido original de posse denotado pelo “cujo”.

Errado.

Texto CB1A1

Embora as instituições nacionais ligadas à soberania venham atuando, nas últimas décadas, em suporte às políticas ambientais brasileiras, a relação entre as duas esferas nem sempre se deu em bases cooperativas. Partindo-se de uma compreensão estreita da segurança, a preservação do meio ambiente foi vista, durante certo tempo, não como uma precondição para garantir a segurança nacional e humana, mas como uma ameaça à integridade territorial e aos interesses nacionais brasileiros. Temia-se, nesse sentido, que as inestimáveis riquezas naturais do Brasil despertassem a cobiça internacional, representando riscos às fronteiras nacionais e ao direito soberano do país de gerenciar seus recursos naturais de maneira autônoma, em busca do desenvolvimento.

Vigorava, portanto, a compreensão de que assumir compromissos de cooperação na arena ambiental implicaria o decréscimo da soberania nacional. O posicionamento defendido pela delegação brasileira durante a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente Humano (CNUMAH), realizada em Estocolmo em 1972, seria sintomático desse entendimento: “Na área do aproveitamento de recursos naturais, os interesses nacionais, em termos econômicos e de segurança, são de tal monta que qualquer fórmula que, sob o pretexto ecológico, impusesse uma sistemática de consulta para projetos de desenvolvimento seria simplesmente inaceitável para o Brasil.”

Nas décadas posteriores, as interpretações **relativas às** preocupações ambientais foram gradualmente transformadas, tanto no âmbito da sociedade quanto nas instituições de defesa. O processo de redemocratização, o fortalecimento de organizações da sociedade civil, o avanço dos estudos científicos e a consolidação de uma estrutura federal de governança ambiental favoreceram essas novas percepções e, sobretudo, a aproximação entre esses dois setores.

(Internet: soberaniaeclima.org.br. Com adaptações)

013. (Q3605678/CEBRASPE/PC-DF/ANALISTA/2025) Estariam mantidas a correção do texto e a coerência de suas ideias caso a expressão “relativas às” (primeiro período do terceiro parágrafo) fosse substituída por **acerca das**.



Os articuladores coesivos “relativas às” e “acerca das” são sinônimos (equivalem à forma “sobre as”) e, no contexto, são intercambiáveis: “Nas décadas posteriores, as interpretações **acerca das** preocupações ambientais foram gradualmente transformadas, tanto no âmbito da sociedade quanto em meio às instituições de defesa.”

Certo.

Um cientista empenhado em pesquisa – no campo da física, por exemplo – pode atacar diretamente o problema que enfrenta. Pode penetrar, de imediato, no cerne da questão, isto é, no cerne de uma estrutura organizada. Com efeito, conta sempre com a existência de uma estrutura de doutrinas científicas já existentes e com uma situação-problema que é reconhecida como tal nessa estrutura. **Essa é a razão pela qual pode entregar a outros a tarefa de adequar ao quadro geral do conhecimento científico a sua contribuição.**

O filósofo vê-se em posição diversa. Ele não se coloca diante de uma estrutura organizada, mas, antes, em face de algo que se assemelha a um amontoado de ruínas (embora, talvez, haja tesouros ocultos). Não lhe é dado apoiar-se no fato de existir uma situação-problema, geralmente reconhecida como tal, pois não existir algo semelhante é possivelmente o fato geralmente reconhecido. Com efeito, tornou-se agora uma questão frequente, nos círculos filosóficos, saber se a filosofia chegará a colocar um problema genuíno.

Apesar de tudo, há quem acredite que a filosofia possa colocar problemas genuínos acerca das coisas e quem, portanto, ainda tenha a esperança de ver esses problemas discutidos, afastando aqueles monólogos desalentadores que hoje passam por discussão filosófica. Se, por acaso, se julgam incapazes de aceitar qualquer uma das orientações existentes, tudo o que lhes resta fazer é começar de novo, desde o princípio.

(POPPER, Karl. *A lógica da pesquisa científica*. Tradução de: Leonidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. São Paulo: Editora Cultrix, 2008. p. 23. Com adaptações)

014. (Q3663785/CEBRASPE/INOVERSASUL/AUXILIAR OPERACIONAL/2025) Sem prejuízo da correção gramatical e dos sentidos do texto, o segmento “por que” (último período do primeiro parágrafo) poderia ser substituído por **pela qual**.



A substituição proposta mantém a correção gramatical e os sentidos originais do texto. Observe que em “pela qual”, a preposição “por” se une ao artigo da “a qual”. Como a forma pronominal “a qual” retoma “a razão”, deve-se manter no feminino e no singular.

Certo.

Eu Deveria Cantar

Rolar de rir ou chorar, eu deveria, mas tinha desaprendido essas coisas. Talvez, então, pudesse acender uma vela, correr até a igreja da Consolação, rezar um Pai Nosso, uma Ave Maria e uma Glória ao Pai, tudo que eu lembrava; depois, enfiar algum trocado, se tivesse, e, nos últimos meses, nunca, na caixa de metal “Para as Almas do Purgatório”. Agradecer, pedir luz, como nos tempos em que tinha fé.

Bons tempos aqueles, pensei. Acendi um cigarro e não tomei nenhuma dessas atitudes, dramáticas como se em algum canto houvesse sempre uma câmera cinematográfica à minha espreita. Ou Deus. Sem juiz nem plateia, sem *close* nem *zoom*, fiquei ali parado no começo da tarde escaldante de fevereiro, olhando o telefone que acabara de desligar. Nem sequer fiz o sinal da cruz ou levantei os olhos para o céu. O mínimo, suponho, que um sujeito tem a obrigação de fazer nesses casos, mesmo sem nenhuma fé, como se reagisse a uma espécie de reflexo condicionado místico.

Acontecera um milagre. Um milagre à toa, mas básico para quem, como eu, não tinha pais ricos, dinheiro aplicado, imóveis nem herança e apenas tentava viver sozinho em uma cidade infernal como aquela que trepidava lá fora, além da janela ainda fechada do apartamento. Nada muito sensacional, tipo recuperar de súbito a visão ou erguer-se da cadeira de rodas com o semblante beatificado e a leveza de quem pisa sobre as águas. Embora a miopia ficasse cada vez mais aguda e os joelhos tremessem com frequência, não sabia se era fome crônica ou pura tristeza, meus olhos e pernas ainda funcionavam razoavelmente. Outros órgãos, verdade, bem menos.

Toquei o pescoço e o cérebro, por exemplo.

Já chega, disse para mim mesmo, parado nu no meio da penumbra gosmenta do meio-dia. Pense nesse milagre, homem. Singelo, quase insignificante na sua simplicidade, o pequeno milagre capaz de trazer alguma paz àquela série de solavancos sem rumo nem ritmo que eu, com certa complacência e nenhuma originalidade, estava habituado a chamar de minha vida, tinha um nome. Chamava-se – um emprego.

(ABREU, Caio Fernando. *Onde andar*á Dulce Veiga? São Paulo: Planeta De Agostini, 2003. p. 11-12)

015. (INÉDITA/2026) A respeito dos sentidos e dos aspectos linguísticos do texto precedente, julgue os próximos itens.

A substituição do trecho “tipo recuperar de súbito a visão ou erguer-se da cadeira de rodas com o semblante beatificado e a leveza de quem pisa sobre as águas” (terceiro período do quarto parágrafo) por “como recuperar subitamente a visão ou erguer-se da cadeira de rodas com o semblante bem-aventurado e a leveza de quem caminha sobre as águas” manteria os sentidos e a coerência do texto.



Todas as substituições estão adequadas, pois mantêm os sentidos originais e a coerência do texto: “tipo” e “como”; “de súbito” e “subitamente”; “beatificado” e “bem-aventurado”; e “pisa sobre” e “caminha sobre”.

Certo.

PARALELISMO

Você viu que a noção de **paralelismo** é abordada no conteúdo de reescrita, correto? Bom, paralelismo é definido como a identidade de estrutura em uma sucessão de frases. Vejamos a frase a seguir:

EXEMPLO

O esforço é grande e o homem é pequeno.

Nessa frase, há uma simetria estrutural entre as duas orações. Ambas são estruturadas por um verbo de ligação e um predicativo do sujeito.

Segundo o professor Azeredo, paralelismo sintático é a perfeita correlação na estrutura sintática da frase. Assim como a coordenação, é um processo que encadeia valores sintáticos idênticos. No paralelismo, presume-se que os elementos sintáticos coordenados entre si devam apresentar, em princípio, estruturas gramaticais similares. Portanto, a coordenação sintática deve comportar constituintes do mesmo tipo.

É muito importante observar que o paralelismo sintático não se enquadra em uma norma gramatical rígida. É possível construir sentenças na língua que não seguem o princípio do paralelismo:

EXEMPLO

Este é um carro potente e que alcança grande velocidade.

Veja que, nessa frase, coordenamos termos de naturezas distintas: um sintagma adjetival básico (**potente**) e um sintagma adjetival derivado (uma oração subordinada: **que alcança grande velocidade**). Respeitar-se-ia o princípio do paralelismo se a frase tivesse a seguinte estrutura:

EXEMPLO

Este é um carro que tem muita força e pode alcançar grande velocidade.

Nessa última frase, coordenamos dois sintagmas adjetivais derivados (ambos são orações subordinadas).

Por fim, é também importante destacar que ambas as formas são perfeitamente aceitáveis, pois nenhuma das frases fere a integridade sintática do sistema linguístico. A escolha entre elas é uma questão **estilística** (segundo o professor Othon M. Garcia).

RESUMO

Nesta nossa última aula, estudamos conteúdos cobrados recorrentemente em provas de concurso: semântica, figuras de linguagem, vícios de linguagem, coerência, coesão e reescrita.

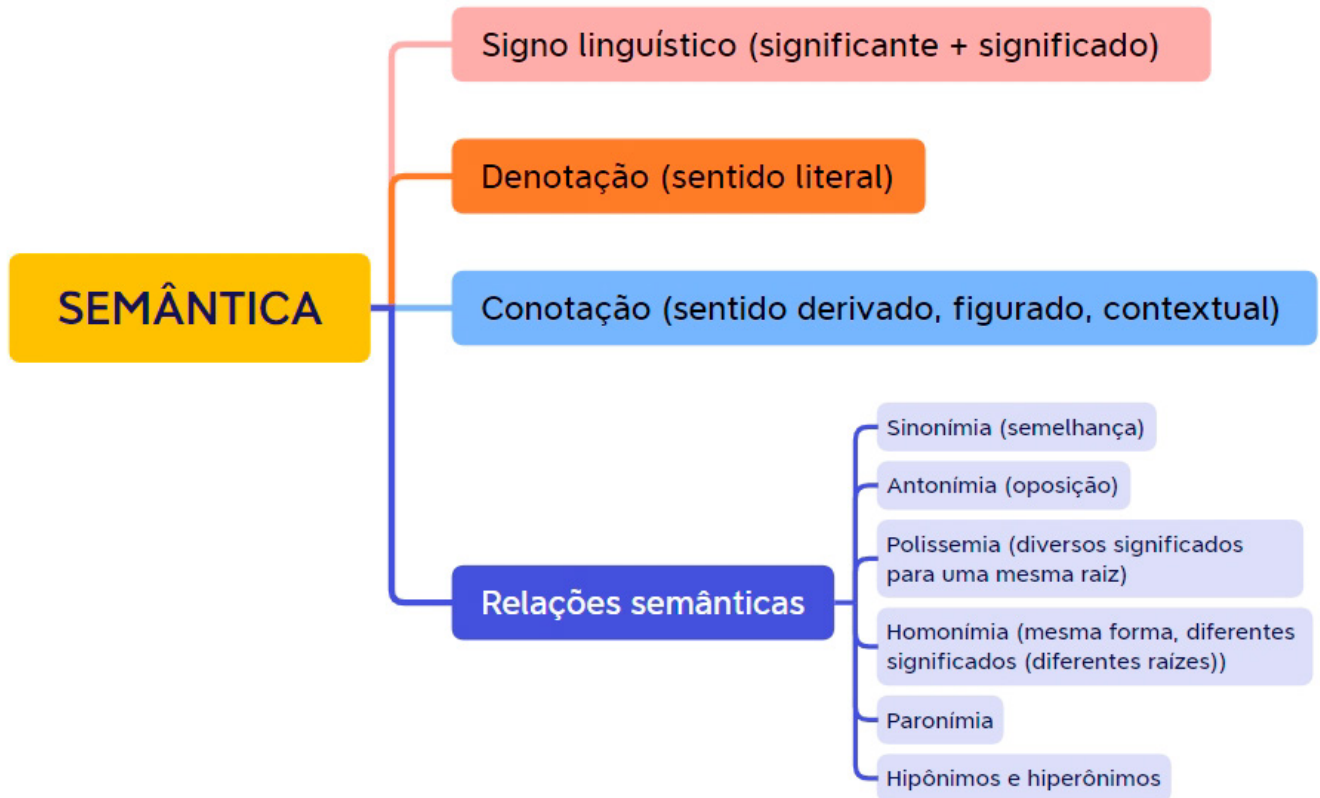
No conteúdo de **semântica**, vimos que um **signo** linguístico é formado pela união (indissociável) entre um significante e um significado. Vimos que há diversas relações semânticas, como a **sinonímia** (semelhança de sentidos), a **antonímia** (oposição de sentidos), a **polissemia** (multiplicidade de sentidos) e a **homonímia** (semelhança de forma, mas com sentidos distintos). Para concursos públicos, você precisa conhecer especialmente as noções de denotação (sentido literal) e conotação (sentido figurado), além, é claro, da possibilidade de se substituir ou não determinado item lexical ou expressão (relações de sinonímia).

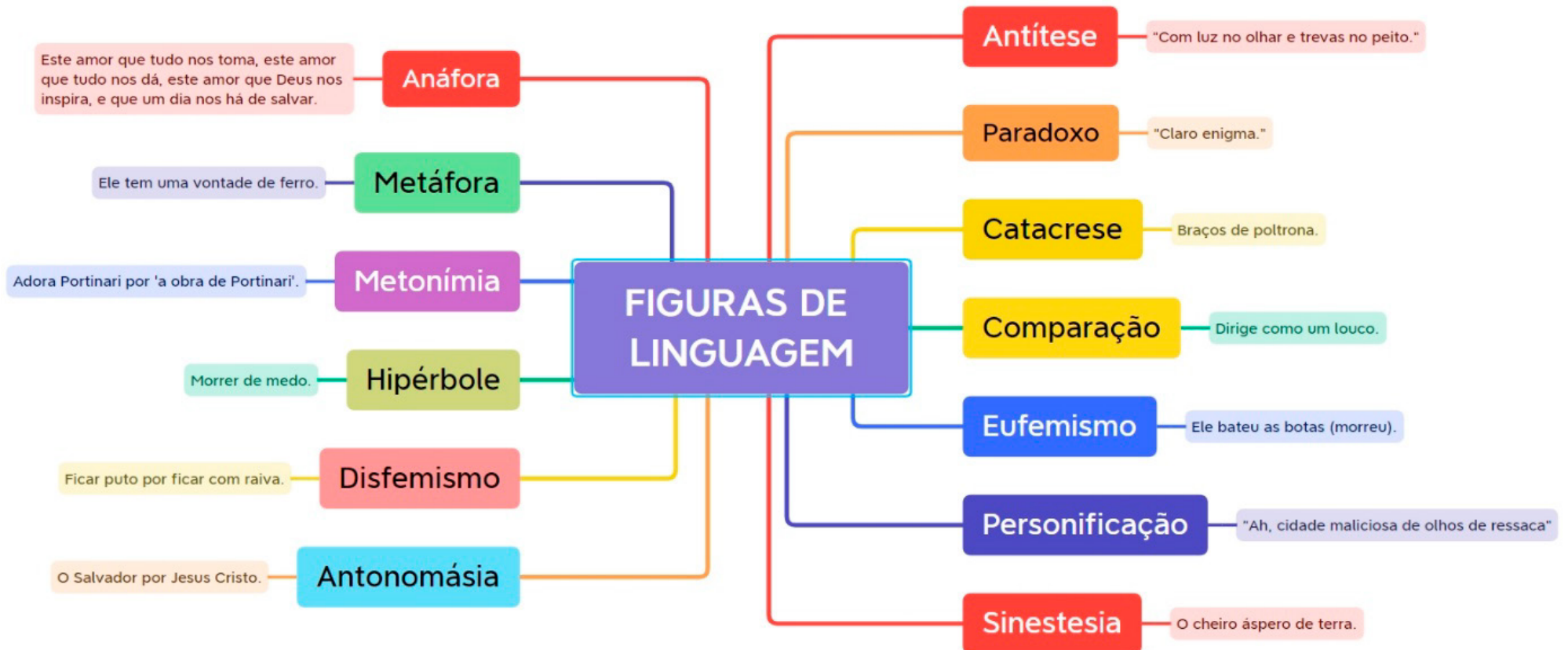
Na sequência, conhecemos as **figuras de linguagem**, destacando que são formas de trabalhar os efeitos de sentido em um texto (seja literário ou não). Sobre os **vícios de linguagem**, por sua vez, descobrimos que estão vinculados à norma gramatical, sendo considerados formas “inadequadas” (segundo a prescrição) de se utilizar a língua.

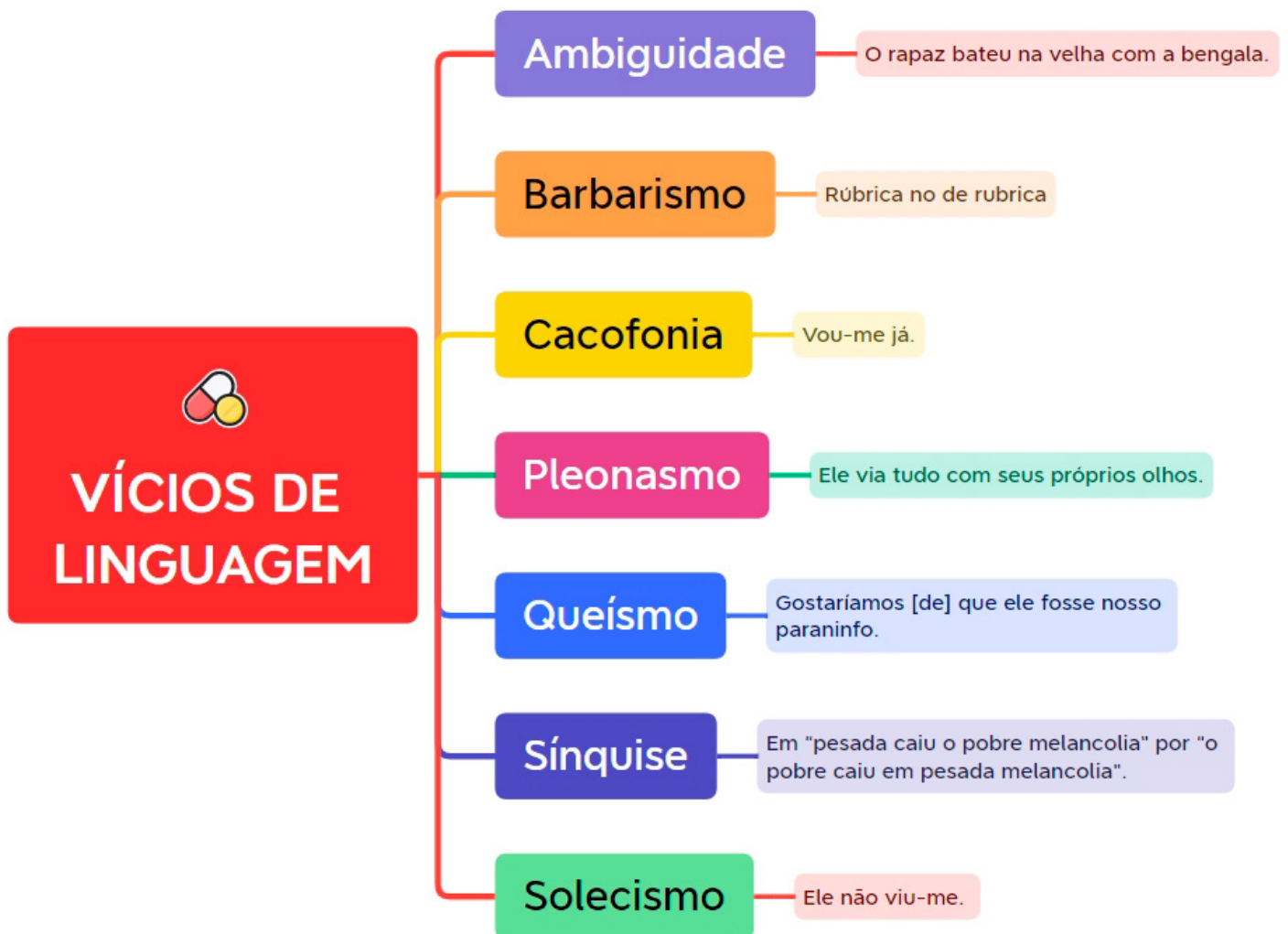
Dois tópicos abordados nesta aula são extremamente relevantes. O primeiro é a noção de **coerência textual**, a qual está relacionada à solidariedade entre as partes que compõem o texto e aos conhecimentos de mundo. Em seguida, vimos os tipos de **coesão textual**: sequencial e referencial. São esses mecanismos que fazem o texto “seguir”, conectando as partes que o formam. As bancas comumente abordam esse conteúdo pela verificação dos sentidos dos conectores (preposições e conjunções) e das relações de referenciação.

Por fim, percebemos que a noção de reescrita leva em consideração a norma gramatical. Assim, em um texto reescrito (sugerido pela banca), é preciso observar se não há desvios gramaticais, coesivos ou estilísticos, como inadequações de regência, concordância, pontuação, clareza etc.

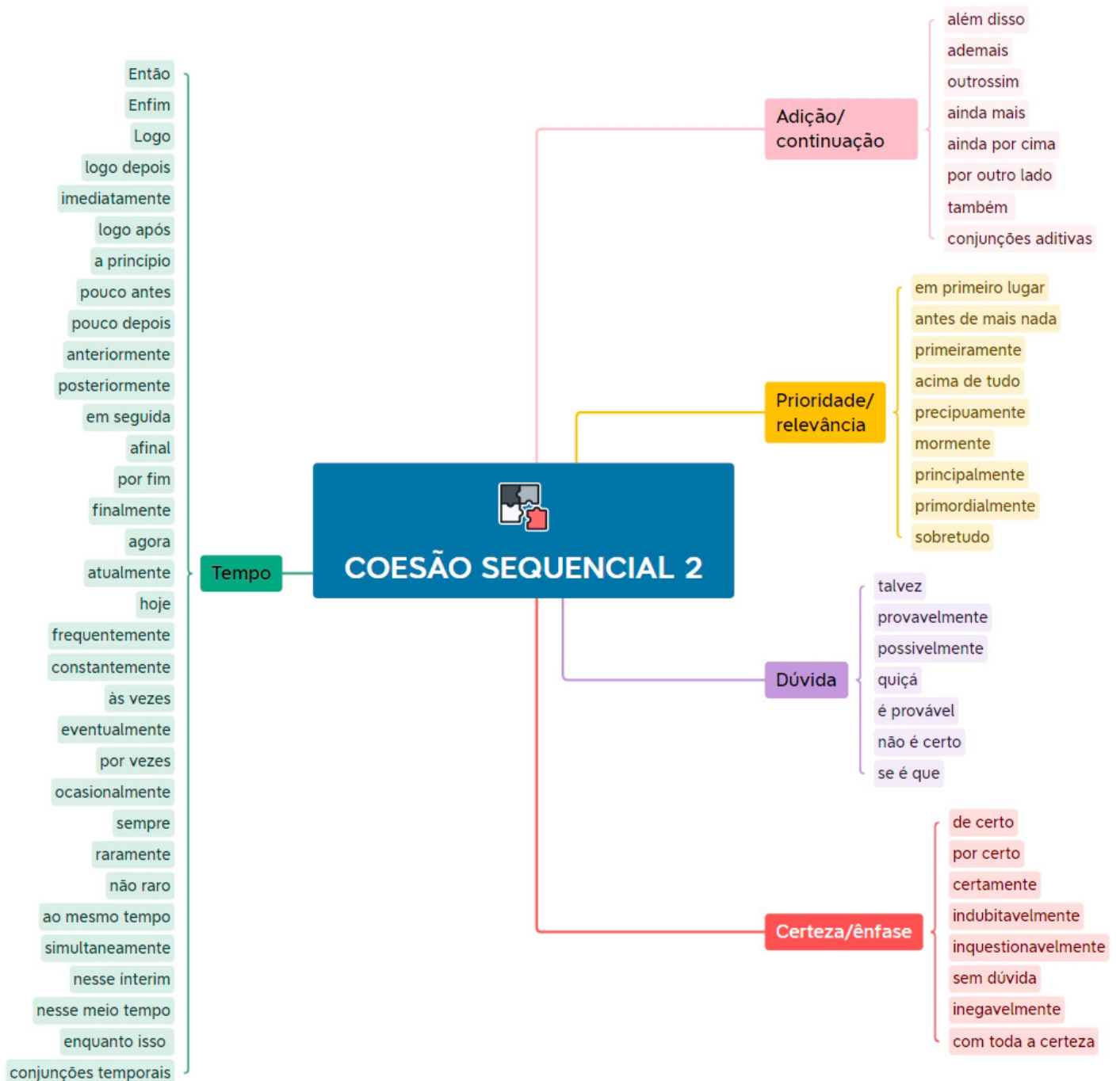
MAPA MENTAL



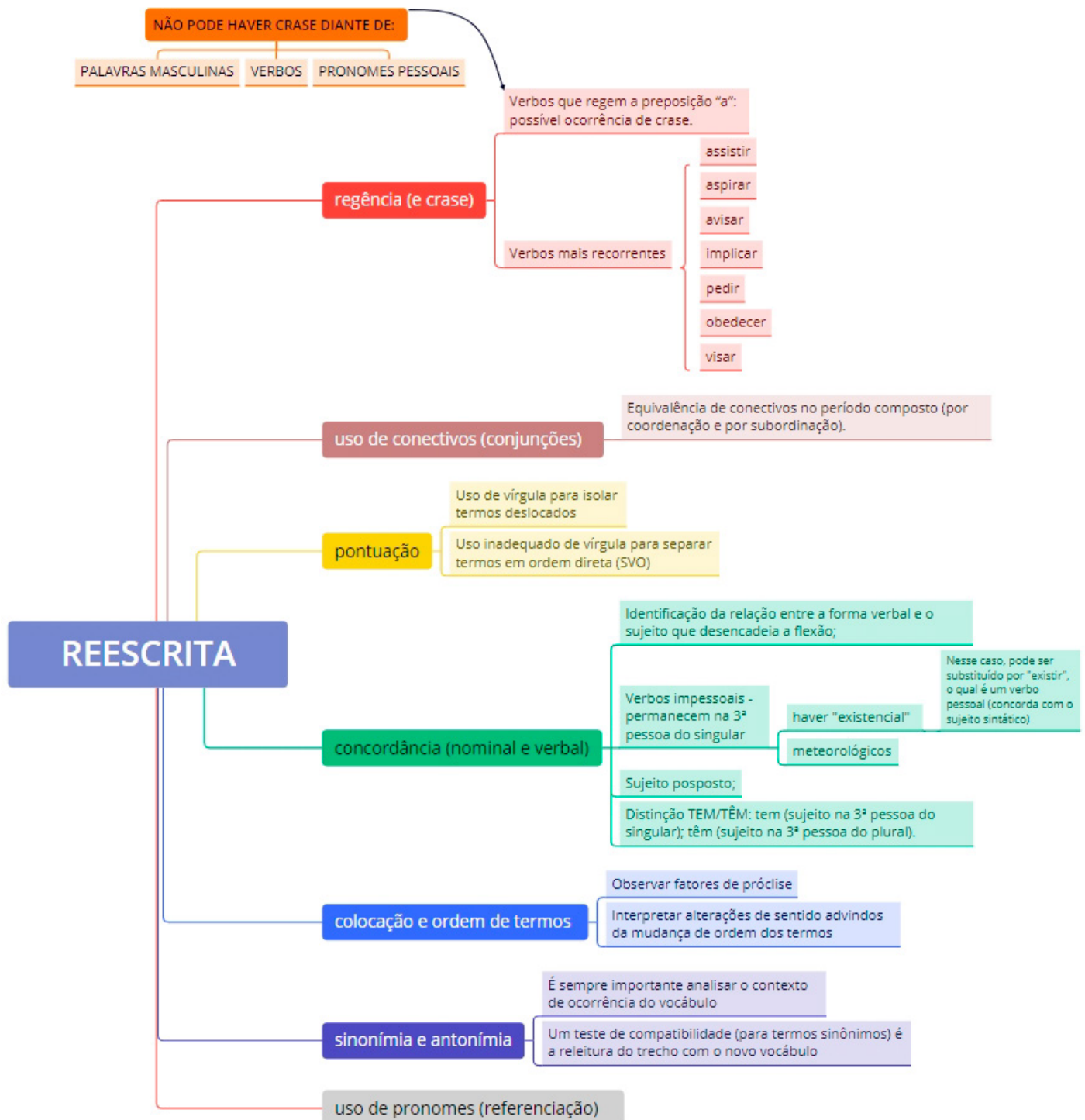












QUESTÕES DE CONCURSO

Relatório de Transcrição: Língua Portuguesa – CP 865, Porto Alegre **Silenciosamente barulhento**

Por Pedro Guerra

01 A ideia de recomeço atualmente vem batizada com uma camada de cafonice. Talvez seja
02 fruto das propagandas de fim de ano, talvez seja a facilidade com que recorremos
ao conceito.
03 Começar do zero é tentador porque implicitamente nos permite abandonar erros
ou versões
04 desgastadas de nós mesmos e das quais já não nos orgulhamos. Ao mesmo tempo, todo
05 desmanche vem carregado do medo de encarar o novo. Para onde vou? Quem sou eu?
O que eu
06 faço a partir de agora?
07 Se falamos de viradas, quase sempre as associamos _____ ideia de barulho.
É preciso brindar
08 ao novo – não é isso que fazemos _____ cada término de ano, afinal? Muitas vezes
preparamos a
09 festa da mudança de rota sem nem mesmo traçá-la primeiro. Queremos anunciar o
novo ainda
10 antes de entendê-lo.
11 Mas recomeços raramente gritam. Eles costumam chegar em silêncio. É certo que, quando
12 a travessia envolve reorganizações internas, mil vozes parecem habitar a mente sem
controle
13 algum. E é por isso mesmo que nenhum gesto verdadeiro de mudança ocorre em
paralelo ao
14 caos e às crises. Poucos entendem que é preciso primeiro assentar a terra para depois
decidir o
15 que pode (ou não) ser construído sobre ela. É aí que passam a existir os silêncios que, na
16 verdade, funcionam como sussurros: bem baixinho, a vida nos mostra o caminho.
17 Como em qualquer bota-fora que fazemos dentro de casa, ao esvaziar gavetas e armários
18 de tralhas e papeladas que já não servem mais para nada, o vazio se torna ponto
de partida.
19 Nele, o silêncio desconfortável nos obriga a escutar aquilo que evitamos quando estamos
20 ocupados demais explicando quem somos.
21 Não _____ toa, 2026 se anuncia como um ano de inícios. A Numerologia o define
como um

22 ano 1 – aquele em que os inícios ganham destaque. Não porque traga respostas prontas, mas

23 porque nos devolve às perguntas certas. Porém, existe um tempo pouco celebrado chamado

24 latência: o intervalo entre o estímulo e a resposta. Em um mundo que exige reações imediatas,

25 talvez recomeçar seja justamente ampliar esse espaço.

26 Não responder ainda. Não decidir agora. Permitir que o silêncio faça o que o impulso não sabe fazer.

28 Há coisas que só amadurecem quando não precisam ser anunciadas. Ou, ainda, o que chamamos de pausa talvez seja, na verdade, outra coisa. Um estado de suspensão. Um tempo

30 em que não avançamos nem recuamos – apenas sustentamos. Não se trata de inércia, mas de

31 lucidez: manter decisões no ar até que façam sentido ao tocar o chão. Há momentos em que

32 seguir adiante exige exatamente isso: não agir.

33 Ao menos, não ainda.

(Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/colunistas/pedro-guerra/noticia/2026/01/silenciosamente-barulhento-cmk5qpsoj01j011hidczld5w.html> – texto adaptado especialmente para esta prova)

001. (FUNDATEC/ASSISTENTE/SMAP PORTO ALEGRE/2026) Assinale a alternativa que indica palavras que poderiam substituir, correta e respectivamente, os vocábulos “inércia” e “lucidez” no trecho “Não se trata de inércia, mas de lucidez: manter decisões no ar até que façam sentido ao tocar o chão” (l. 30-31), sem causar alterações significativas ao sentido original.

- a) Iniciativa – clareza
- b) Iniciativa – destreza
- c) Apatia – preocupação
- d) Apatia – clareza
- e) Apatia – destreza

Texto CG1A1

Em *Tratado de medicina legal*, Agostinho José de Souza Lima define a perícia médica como toda sindicância promovida por autoridade policial ou judiciária acompanhada de exame e cujos peritos, dada a natureza do exame, são ou devem ser médicos. Disso decorre que o perito médico é a pessoa entendida e experimentada em temas de medicina que,

designada pela autoridade competente, deverá esclarecer um fato de natureza médica mais ou menos duradouro.

A perícia médico-legal surgiu da necessidade de solução para casos concretos. A princípio, haviam apenas alguns vestígios de perícias nas legislações primitivas; depois, os indícios da prática ficaram mais evidentes, principalmente na Idade Média, até a atitude de definir-se e concretizar-se na Renascença. Sua instituição oficial no Código Carolino, em 1532.

A perícia médico-legal já era tarefa do Estado desde o tempo dos egípcios, conforme consta dos papiros da época. Embora a medicina egípcia estivesse impregnada de magia e divindade, e empregasse, na cura das doenças, os encantamentos e os exorcismos, alguns historiadores veem indícios de médicos atuando como peritos no Antigo Egito. Os sacerdotes médicos verificavam, por perícia, se a morte fora violenta ou natural; a prática do embalsamamento exigia a mesma verificação. As leis de Menés, a primeira da história, mandavam adiar o castigo das mulheres grávidas, excluindo-as das penas aflitivas, pois isso implicava a intervenção do perito para o diagnóstico da gravidez. O Código de Hamurabi, uma compilação de leis sumérias, previa penas severas para os casos de erro médico, o que subordinava a atividade.

A legislação hebraica, superior às precedentes porque exigia duas testemunhas para a condenação do suspeito, a responsabilidade das testemunhas e do juiz, a garantia dos tribunais, a publicidade dos debates, a igualdade perante a lei e a observância do devido processo, motivava o sentimento de justiça através do dogma religioso. Segundo essa legislação, os médicos peritos deveriam ser aplicados pelos sacerdotes, que também exerciam a função de médico.

(Fonte: COSTA JUNIOR, João Baptista de Oliveira e. Os primórdios da perícia médico-legal)

002. (CEBRASPE/PERITO MÉDICO/INSS/2025) Com base nas ideias veiculadas no texto precedente, em sua estrutura linguística e em seu vocabulário, julgue o item a seguir. Estariam mantidos os sentidos do último período do terceiro parágrafo caso se deslocasse o termo “severas” para antes do substantivo “penas”.

003. (Q3607162/FGV/SEEC-RN/PROFESSOR/2025) Em todas as frases abaixo está presente a conjunção E Assinale a opção que indica a frase em que esse significado está indicado erradamente.

- a) Em muitos terrenos de cidades pequenas há simultaneamente plantas frutíferas e plantas ornamentais / adição.
- b) A civilização nasce com a ordem, cresce com a liberdade e morre no caos / consequência.
- c) Ambiente limpo não é o que mais se limpa e sim, o que menos se suja / oposição.
- d) Há gente que fala e fala, mas nada diz / intensificação.
- e) Os policiais chegam a suas casas e tiram o uniforme / sequência temporal.

Economizar água

Apesar de parecer muita, devido ao aumento excessivo da população mundial e à poluição que o homem produz, diariamente, a água potável do mundo está cada vez mais escassa. E a falta de água para consumo, principalmente em regiões mais pobres, populosas e áridas do mundo, já é uma realidade preocupante. Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), o Brasil é um país de sorte e vai contra essa tendência mundial.

Apesar de parecer muita, devido ao aumento excessivo da população mundial e à poluição que o homem produz, diariamente, / a água potável do mundo está cada vez mais escassa.

004. (Q3701567/FGV/EBSERH/ASSISTENTE/2025) A **relação lógica** entre os dois segmentos desse fragmento do texto precedente é, respectivamente, de

- a) fato / explicação.
- b) consequência / causa.
- c) concessão / fato.
- d) causa / consequência.
- e) condição / ação.

005. (Q3701240/FGV/EBSERH/TÉCNICO/2025)

E a falta de água **para** consumo, principalmente **em** regiões mais pobres, populosas e áridas do mundo, já é uma realidade preocupante. **Segundo** a Organização das Nações Unidas (ONU), o Brasil é um país de sorte **e** vai **contra** essa tendência mundial.

Acima estão **destacados** cinco conectivos do texto.

Assinale aquele conectivo que tem seu valor semântico corretamente indicado.

- a) para / finalidade
- b) em / tempo
- c) segundo / ordem
- d) e / oposição
- e) contra / comparação

006. (Q3701229/FGV/EBSERH/TÉCNICO/2025)

“Fustigados pela imperiosa necessidade de alimentar-se, os instintos primários se exaltam e o homem, como qualquer animal esfomeado...”

Assinale a frase em que a palavra “como” mostra o mesmo sentido que nessa frase do texto.

- a) Não sei como ele está passando.
- b) O modo como chegou preocupou a todos.
- c) Ele é tão gordo como o pai.
- d) Como vai?
- e) Não sabia como chegar lá.

Norma da Empresa

Descartar-se um cliente que está reclamando com um “É norma da empresa” deixa-o furioso. É o equivalente empresarial da frase que nossos pais costumavam dizer: “Porque sim”.

007. (Q3701263/FGV/EBSERH/TÉCNICO/2025) No texto precedente, uma substituição **inadequada** de termos seria

- a) que está reclamando / reclamante.
- b) da empresa / empreendedora.
- c) furioso / com fúria.
- d) o equivalente / a equivalência.
- e) da frase / frasal.

Está provado que a violência só gera mais violência. A rua serve para a criança como uma escola preparatória. Do menino marginal esculpe-se o adulto marginal, talhado diariamente por uma sociedade violenta que lhe nega condições básicas de vida. Por trás de um garoto abandonado, existe um adulto abandonado.

(DIMENSTEIN, Gilberto. *O Cidadão de Papel*. São Paulo: Ática, 1994)

008. (Q3749215/FGV/PREF. CANAÃ DOS CARAJÁS/ENFERMEIRO/2025)

“... talhado diariamente por uma sociedade violenta que lhe nega condições básicas de vida.” Assinale a opção em que a preposição por mostra o mesmo valor que na frase citada.

- a) Não saímos por ter chovido muito.
- b) Nem todas as coisas foram feitas por ele.
- c) Caminhar por esse trajeto é perigoso.
- d) Por que todos desejam progredir?
- e) O caminho por que viemos é menos acidentado.

009. (Q3701145/FGV/EBSERH/ADVOGADO/2025) Assinale a frase que não mostra uma palavra depreciativa.

- a) Eles moram num barraco na margem do rio.
- b) Os turistas chegaram num calhambeque antigo.
- c) Nem todos os filósofos apreciam a natureza.
- d) Eles só tinham uns níqueis no bolso.
- e) A roupa do secretário estava um lixo!

010. (FGV/AUDITOR/TCE-ES/2024) Todas as frases abaixo mostram verbos ligados à ação de “ver”. A frase em que o verbo sublinhado NÃO está adequadamente empregado, por não ter seu sentido adequado ao contexto, é:

- a) O atirador mirou com cuidado o alvo pretendido;
- b) O caçador vislumbrou o animal entre a folhagem;
- c) No museu, pessoas observam desatentas os inúmeros quadros;
- d) Ao entrarem na Capela Sistina, os turistas contemplam obrigatoriamente as pinturas do teto;
- e) O daltonismo não permitia que ele distinguisse o verde do vermelho.

“É preciso mudar a visão de que ‘a velocidade vai fazer eu chegar primeiro’. Já está provado que a redução da velocidade máxima não tem impacto na velocidade média.” (Texto 1)

011. (FGV/DPE-RS/TÉCNICO/2024) Embora os dois períodos da passagem acima não estejam ligados por meio de um conectivo, é possível observar que existe entre eles uma relação lógico-semântica específica.

A proposta de reescritura que preserva essa relação lógico-semântica é:

- a) À medida que é preciso mudar a visão de que “a velocidade vai fazer eu chegar primeiro”, já fica provado que a redução da velocidade máxima não tem impacto na velocidade média.
- b) É preciso mudar a visão de que “a velocidade vai fazer eu chegar primeiro”, pois já está provado que a redução da velocidade máxima não tem impacto na velocidade média.
- c) Ainda que seja preciso mudar a visão de que “a velocidade vai fazer eu chegar primeiro”, já está provado que a redução da velocidade máxima não tem impacto na velocidade média.
- d) É preciso mudar a visão de que “a velocidade vai fazer eu chegar primeiro”; consequentemente, já está provado que a redução da velocidade máxima não tem impacto na velocidade média.
- e) É preciso mudar a visão de que “a velocidade vai fazer eu chegar primeiro”, desde que já esteja provado que a redução da velocidade máxima não tem impacto na velocidade média.

012. (FGV/DPE-RS/TÉCNICO/2024)

“Tendência em cidades que são exemplo em mobilidade ativa, a redução de velocidade foi decretada pelo governo espanhol em maio de 2021.”

Levando-se em conta tanto o significado individual das palavras sublinhadas na passagem do texto 1 destacada acima quanto o contexto mais amplo do texto 1, é possível definir a expressão “mobilidade ativa” como:

- a) readequação dos limites de velocidade;
- b) deslocamento não motorizado;
- c) diminuição do índice de lesões graves;
- d) incentivo à cordialidade no trânsito;
- e) eliminação de gargalos.

013. (FGV/DPE-RS/TÉCNICO/2024)

“Se antes era um elemento presente no cotidiano, tornou-se anacrônico na nova cidade.”
A conjunção “se” expressa, primariamente, ideia de condição. Em alguns casos, contudo, um valor semântico adicional se soma a esse significado mais básico.

Na passagem do texto 1 destacada acima, é possível identificar o valor adicional de:

- a) concessão
- b) consequência
- c) conformidade
- d) proporção
- e) explicação

014. (FGV/DPE-RS/TÉCNICO/2024)

“Outras experiências dentro e fora do Brasil comprovam a relação entre velocidades menores e menos mortes, mas ainda falta comunicar efetivamente esses dados à população.”
A passagem do texto 1 acima reescrita sem mudança substancial de significado é:

- a) Desde que haja outras experiências dentro e fora do Brasil, comprova-se que há relação entre velocidades menores e menos mortes. Ainda falta, entretanto, comunicar efetivamente esses dados à população.
- b) Por meio de outras experiências dentro e fora do Brasil, foi comprovada a relação entre velocidades menores e menos mortes, sendo assim ainda falta comunicar efetivamente esses dados aos cidadãos.
- c) Conforme demonstrado por outras experiências dentro e fora do Brasil, existe relação entre, de um lado, velocidades menores e, de outro, menos mortes. Ainda falta, no entanto, comunicar efetivamente esses dados à população.
- d) Em havendo outras experiências dentro e fora do Brasil, comprova-se a relação entre velocidades menores e menos mortes, portanto ainda falta comunicar efetivamente esses dados à população.
- e) Comprovando a existência de relação entre velocidades menores e menos mortes, outras experiências dentro e fora do Brasil ainda devem ser comunicadas efetivamente à população.

Você mora em um lugar competitivo? Essa é a pergunta feita pelo Ranking de competitividade dos estados, que metrifica, em uma escala de 0 a 100, todos os cantos do Brasil, para classificar as 27 unidades federativas com base em dez pilares diferentes: segurança pública, infraestrutura, sustentabilidade social, solidez fiscal, educação, sustentabilidade ambiental, eficiência da máquina pública, capital humano, potencial de mercado e inovação.

De acordo com os gráficos mostrados a seguir, dos mais de vinte estados, apenas cinco não mudaram de posição ao longo do último ano (2022), com destaque para São Paulo e Santa Catarina, que lideram, assim como Rio de Janeiro e Roraima, que subiram bastante.



Ao todo, são quase noventa critérios avaliados dentro dos pilares fundamentais, que incluem desde infraestrutura até o capital humano de cada localidade, com pesos diferentes entre si.

Paulistas lideram o ranking há anos. No ano de 2022, porém, houve piora no quesito segurança patrimonial, com aumento no número de furtos e roubos. Estados do Norte e do Nordeste são os menos competitivos do país.

Trata-se de uma ferramenta de avaliação da administração pública, de diagnóstico e auxílio na escolha das prioridades e de promoção de boas práticas organizacionais, que, além de ajudar políticos a priorizarem ações com base em uma inteligência de dados bem robusta – ou seja, como um sistema de incentivo para os líderes públicos –, pode ser um bom indicador da gestão pública da região. São referências adotadas pelo ranking que apresentam novos parâmetros para os estados brasileiros.

(Internet: Com adaptações)

015. (CEBRASPE/ANALISTA/TJ-ES/2023) Em relação aos aspectos gramaticais do texto precedente, julgue o seguinte item.

No primeiro período do último parágrafo, a palavra “robusta” está empregada com o mesmo sentido de **arrojada**.

016. (CEBRASPE/ANALISTA/TJ-ES/2023) A forma pronominal “Essa”, em “Essa é a pergunta” (início do primeiro parágrafo), estabelece coesão por substituição.

017. (CEBRASPE/ANALISTA/TJ-ES/2023) No trecho “apenas cinco não mudaram de posição” (segundo parágrafo), foi utilizada a estratégia de coesão por elipse.

018. (FGV/AUDITOR/TCE-ES/2023) Todas as frases abaixo mostram verbos ligados à ação de “ver”. A frase em que o verbo sublinhado NÃO está adequadamente empregado, por não ter seu sentido adequado ao contexto, é:

- a) O atirador mirou com cuidado o alvo pretendido;
- b) O caçador vislumbrou o animal entre a folhagem;
- c) No museu, pessoas observam desatentas os inúmeros quadros;
- d) Ao entrarem na Capela Sistina, os turistas contemplam obrigatoriamente as pinturas do teto;
- e) O daltonismo não permitia que ele distinguisse o verde do vermelho.

Operação Pronto Emprego

A Secretaria DF Legal deu início, em agosto de 2020, à Operação Pronto Emprego, com o objetivo de combater as invasões de terra e obras irregulares, ainda em fase inicial de construção. A operação busca dar resposta às denúncias dessa natureza dentro do prazo de até 72 horas a partir do conhecimento do fato. Dessa forma, procura reduzir os impactos social, político e financeiro, inclusive para os infratores.

São removidas casas e barracos desabitados, cercamentos, bases para construção, muros, caixas d’água irregulares, cisternas, poços, entre outras edificações ilegais.

(NEUBERGER, Tereza. Disponível em: <https://jomaldebrasil.com.br/brasil/>. Acesso em: 30 jan. 2023. Com adaptações)

019. (IADES/AUDITOR/VISA-DF/2023) Com base nas regras de concordância prescritas pela norma-padrão e nas relações morfossintáticas do texto, assinale a alternativa correta.

- a) A redação **Foi iniciado pela Secretaria DF Legal, em agosto de 2020, a Operação Pronto Emprego** poderia substituir o trecho “A Secretaria DF Legal deu início, em agosto de 2020, à Operação Pronto Emprego”.
- b) O trecho “ainda em fase inicial de construção” poderia ser substituído pela redação **a qual ainda se encontra em fase inicial de construção**.

- c) A autora deveria empregar o vocábulo **bastante** no plural, caso desejasse incluí-lo diante do substantivo “denúncias”.
- d) A construção “os impactos social, político e financeiro” não poderia ser substituída pela redação **o impacto social, o político e o financeiro**.
- e) A construção “São removidas” poderia ser substituída pela forma **Remove-se**.

020. (IUDS/AUXILIAR/PREF. PEDREIRA/2022) Leia a seguinte frase:

“Em *A descendência do homem*, publicado em 1871, Charles Darwin faz apenas uma **alusão** passageira aos homens de Neandertal.”

O significado da palavra destacada é:

- a) omissão
- b) supressão
- c) referência
- d) desaprovação



021. (IUDS/OFICIAL/CÂM. DE ESTÂNCIA DE SOCORRO/2022) Pode-se dizer, em relação ao texto, que:

- a) o termo “doces” gera humor devido a relação de sinonímia.
- b) não há polissemia, pois o termos têm significado único.
- c) “doces tempos” é ambíguo e responsável por desencadear o efeito de humor.
- d) o vocábulo “doces” é polissêmico porque ambas as ocorrências têm sentido denotativo.

Catar: perfil do país-sede da Copa de 2022

Outrora um dos países mais pobres do Golfo Pérsico, o Catar é hoje um dos emirados mais ricos da região graças às suas reservas de petróleo e gás. Estas últimas estão entre as três maiores do mundo, atrás apenas da Rússia e do Irã.

O dinheiro do petróleo financia um Estado social abrangente, com inúmeros serviços gratuitos ou fortemente subsidiados, mas há inúmeras denúncias sobre o emprego de mão

de obra estrangeira em condições análogas à escravidão. Até 2016, vigorava no emirado um sistema conhecido como kafala, que impedia os trabalhadores de mudar de emprego ou mesmo sair do país sem a permissão do seu empregador, segundo a Anistia Internacional.

Uma análise do jornal britânico Guardian indicou que mais de 6,5 mil trabalhadores estrangeiros haviam morrido durante a construção de novos hotéis, estádios e infraestrutura relacionados à Copa do Mundo, até dezembro de 2020 – em dez anos desde que o país ganhou o direito de sediar a Copa.

[...]

O Catar é governado pelo emir Hamad al-Thani, que substituiu o pai em uma transferência de poder pacífica em junho de 2013.

Como seu pai, Hamad al-Thani foi educado na Inglaterra: frequentou a escola Sherborne em Dorset e Sandhurst, a academia militar britânica.

Suas prioridades de governo são a diversificação da economia e o investimento na infraestrutura nacional, mas na prática a sua administração tem sido marcada por tensões regionais e o bloqueio de quatro anos liderado pela Arábia Saudita.

A influente emissora de televisão pan-árabe Al-Jazeera, que é controlada pelo governo, elevou a presença do Catar na mídia internacional. Mas no plano interno a AlJazeera, assim como o resto da mídia nacional, evita fazer críticas ao Estado e ao governo.

022. (IUDS/ASSESSOR/CÂM. DE ESTÂNCIA DE SOCORRO/2022)

“O nível de utilização da internet no Catar é muito elevado, **embora** as autoridades censurem [...]” (8º parágrafo)

Assinale a alternativa em que a substituição da palavra destacada nesse trecho **altera seu sentido**.

- a) O nível de utilização da internet no Catar é muito elevado, ainda que as autoridades censurem [...]
- b) O nível de utilização da internet no Catar é muito elevado, contanto que as autoridades censurem [...]
- c) O nível de utilização da internet no Catar é muito elevado, mesmo que as autoridades censurem [...]
- d) O nível de utilização da internet no Catar é muito elevado, conquanto as autoridades censurem [...]

023. (FGV/TRF-1/AJAA/2024) A frase abaixo em que está correto o emprego do pronome demonstrativo sublinhado é:

- a) Somos seres muito primitivos, operando a 0,001% da potência espiritual que somos capazes de operar nessa vida;
- b) O meu cão não fala e é graças a isso que eu o compreendo;

- c) A verdade é essa: todos devemos trabalhar;
- d) João e Maria vieram: este de táxi e aquele de ônibus;
- e) Na Idade Média todos eram bons cristãos; nesta época, a Igreja era muito poderosa.

024. (FGV/TRF-1/AJAA/2024) Todas as frases abaixo mostram comparações introduzidas por “como”; a única opção em que a comparação NÃO está explicada é:

- a) Se as pessoas agissem como as nações, seriam todas colocadas em camisa de força;
- b) Os reis são com seus ministros como os maridos traídos com suas mulheres: nunca sabem o que se passa;
- c) A vontade de um povo é como um relâmpago que dura um segundo;
- d) Ser presidente é como administrar um cemitério: há um monte de gente embaixo de você, mas ninguém escuta;
- e) Países são como frutas – os vermes estão dentro.

025. (FGV/TRF-1/AJAA/2024)

“A melhor defesa contra a bomba atômica é não estar lá quando ela explodir”.

O problema de construção dessa frase está:

- a) no emprego de “lá” sem antecedente;
- b) na utilização do pronome “ela” para substituir “bomba”;
- c) na falta de vírgula antes da última oração;
- d) no mau uso de “melhor” para adjetivar “defesa”;
- e) na incoerência interna entre segmentos.

Texto CG1A1

Em *Tratado de medicina legal*, Agostinho José de Souza Lima define a perícia médica como toda sindicância promovida por autoridade policial ou judiciária acompanhada de exame e cujos peritos, dada a natureza do exame, são ou devem ser médicos. Disso decorre que o perito médico é a pessoa entendida e experimentada em temas de medicina que, designada pela autoridade competente, deverá esclarecer um fato de natureza médica mais ou menos duradouro.

A perícia médico-legal surgiu da necessidade de solução para casos concretos. A princípio, haviam apenas alguns vestígios de perícias nas legislações primitivas; depois, os indícios da prática ficaram mais evidentes, principalmente na Idade Média, até a atitude de definir-se e concretizar-se na Renascença. Sua instituição oficial no Código Carolino, em 1532.

A perícia médico-legal já era tarefa do Estado desde o tempo dos egípcios, conforme consta dos papiros da época. Embora a medicina egípcia estivesse impregnada de magia e divindade, e empregasse, na cura das doenças, os encantamentos e os exorcismos,

alguns historiadores veem indícios de médicos atuando como peritos no Antigo Egito. Os sacerdotes médicos verificavam, por perícia, se a morte fora violenta ou natural; a prática do embalsamamento exigia a mesma verificação. As leis de Menés, a primeira da história, mandavam adiar o castigo das mulheres grávidas, excluindo-as das penas aflitivas, pois isso implicava a intervenção do perito para o diagnóstico da gravidez. O Código de Hamurabi, uma compilação de leis sumérias, previa penas severas para os casos de erro médico, o que subordinava a atividade.

A legislação hebraica, superior às precedentes porque exigia duas testemunhas para a condenação do suspeito, a responsabilidade das testemunhas e do juiz, a garantia dos tribunais, a publicidade dos debates, a igualdade perante a lei e a observância do devido processo, motivava o sentimento de justiça através do dogma religioso. Segundo essa legislação, os médicos peritos deveriam ser aplicados pelos sacerdotes, que também exerciam a função de médico.

(Fonte: COSTA JUNIOR, João Baptista de Oliveira. *Os primórdios da perícia médico-legal*)

026. (CEBRASPE/PERITO MÉDICO/INSS/2025) A coerência e a correção do texto seriam mantidas caso a forma verbal “estivesse” (segundo período do terceiro parágrafo) fosse substituída por **tivesse**.

Analisando-se a literatura produzida sobre justiça restaurativa desde o final da década de 70 do século passado, verifica-se que há diferentes abordagens, produzidas por estudiosos dos mais diversos campos do conhecimento (filosofia, psicologia social, antropologia, ciências jurídicas, pedagogia, assistência social, entre outros), incluídos acadêmicos, facilitadores de justiça restaurativa, servidores públicos e entusiastas da justiça restaurativa que buscam disseminar e fortalecer a sua implementação em nível institucional.

Dada essa pluralidade de abordagens, surgiram diversas definições de justiça restaurativa na literatura ao longo das últimas décadas, razão pela qual alguns autores atuais apontam que o conceito de justiça restaurativa ainda estaria “em aberto”. Contudo, parece haver na literatura certo consenso de que tal pluralidade seria algo positivo, por possibilitar a adaptação do conceito a diferentes contextos culturais. Alguns autores também sugerem que a justiça restaurativa seria um conceito “guarda-chuva”, ou seja, um conceito que abarca uma vasta gama de formulações, desde que sejam conservados os elementos essenciais da justiça restaurativa.

(SILVA, Fernanda Carvalho Dias de Oliveira. *A experiência e o saber da experiência da justiça restaurativa no Brasil: práticas, discursos e desafios*. São Paulo: Blucher, 2021. p. 37-38. Com adaptações)

027. (CEBRASPE/ANALISTA/TRF-6/2025) No primeiro parágrafo, o referente da forma pronominal “sua” é “justiça restaurativa”.

Retardei o passo. A tarde estava brilhante, mas o calor era o do inferno, os transeuntes a desfilarem pela fornalha com uma expressão de condenados, os rostos lustrosos, o olhar pesado. Um homem de terno branco esbarrou em mim. Caiu-lhe a pasta. Resmungou enquanto se inclinava para apanhá-la. A culpa fora minha e por isso pensei em voltar-me para pedir-lhe desculpas, mas prossegui preguiçosamente pela rua afora. Para que desculpas? Fazia calor e era cansativo ser amável num calor assim. A vontade queria o ócio. O corpo queria nudez. Voltei a cara para o céu ardente. Havia poucas nuvens, mas a tempestade já conspirava no ar. Melhor escolher um outro dia, não? Afinal, tio Samuel não me esperava mesmo, talvez fosse até aborrecê-lo com a minha presença, os loucos estranham às vezes a invasão nos seus mundos.

(TELLES, Lygia Fagundes. *Verão no aquário*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1978. p. 100. Com adaptações)

028. (Q3595290/CEBRASPE/INOVERSASUL/PROF. INGLÊS/2025) A forma pronominal “lhe”, em “Caiu-lhe a pasta” (quarto período), refere-se ao termo “homem” (terceiro período).

Texto CB1A1

O renomado linguista e filósofo Noam Chomsky e outros dois especialistas em linguística, Ian Roberts e Jeffrey Watumull, escreveram um artigo para o jornal The New York Times, em março de 2023, compartilhando sua visão sobre os avanços que vêm ocorrendo no campo da inteligência artificial (IA).

Para os intelectuais, os avanços “supostamente revolucionários” apresentados pelos desenvolvedores da IA são motivo “tanto para otimismo como para preocupação”.

No primeiro caso, porque as ferramentas de IA podem ser úteis para resolver certas problemáticas, ao passo que, no segundo, “tememos que a variedade mais popular e em voga da inteligência artificial (aprendizado automático) degrade nossa ciência e deprecie nossa ética ao incorporar à tecnologia uma concepção fundamentalmente errônea da linguagem e do conhecimento”.

Embora os linguistas reconheçam que as IA são eficazes na tarefa de armazenar imensas quantidades de informação, que não necessariamente são verídicas, elas não possuem uma “inteligência” como a das pessoas. “Por mais úteis que esses programas possam ser em alguns campos específicos (como na programação de computadores, por exemplo, ou na sugestão de rimas para versos rápidos), sabemos, pela ciência da língua e pela filosofia do conhecimento, que diferem profundamente do modo como os seres humanos raciocinam e utilizam a linguagem”, alertaram. “Essas diferenças impõem limitações significativas ao que podem fazer, que pode ser codificado com falhas inerradicáveis”.

Nesse sentido, os autores detalharam que, diferentemente de mecanismos de aplicativos como o ChatGPT, que operam com base na coleta de inúmeros dados, a mente humana pode funcionar com pequenas quantidades de informação, por meio das quais “não busca inferir correlações abruptas entre pontos [...], mas, sim, criar explicações”.

Nessa linha, manifestam que esses aplicativos não são realmente “inteligentes”, pois carecem de capacidade crítica. Embora possam descrever e prever “o que é”, “o que foi” e “o que será”, não são capazes de explicar “o que não é” e “o que não poderia ser”.

(Internet: ihu.unisinos.br. Com adaptações)

029. (Q3597928/CEBRASPE/PC-DF/GESTOR DE APOIO/FISIOTERAPIA/2025) No terceiro parágrafo, as expressões “No primeiro caso” e “no segundo”, na qual está subentendido o termo caso, remetem, respectivamente, aos motivos para “otimismo” e para “preocupação” (segundo parágrafo).

030. (Q3597928/CEBRASPE/PC-DF/GESTOR DE APOIO/FISIOTERAPIA/2025) Estariam mantidos o sentido original e a correção gramatical do texto caso o trecho “incorporar à tecnologia uma concepção fundamentalmente errônea” (terceiro parágrafo) fosse assim reescrito: incorporar a tecnologia a uma concepção fundamentalmente errônea.

031. (Q3597928/CEBRASPE/PC-DF/GESTOR DE APOIO/FISIOTERAPIA/2025) No quinto parágrafo, o pronome relativo empregado no segmento “por meio das quais” faz referência a “pequenas quantidades de informação”.

Texto CG5A1

Tudo está interconectado. Na Amazônia, que abrange uma área comparável à dos 48 estados contíguos aos Estados Unidos da América, nenhum detalhe é por acaso. Portanto, não se trata da necessidade de focar uma área específica ou certas espécies. Os ciclos naturais alterados causam a oscilação de um delicado equilíbrio, que afeta os níveis local, regional e até global e que se aproxima cada vez mais de um ponto de não retorno. No cenário atual, isso significa menos de 20 anos.

A floresta amazônica produz pelo menos metade de sua própria chuva. Quando chove, as raízes das árvores e demais plantas absorvem a água, que satura a superfície das folhas. Depois, há o processo de evapotranspiração: as árvores transpiram umidade, ou seja, a água que caiu como chuva retorna à atmosfera. Até que chove novamente, e todo o ciclo se reinicia.

Esse “rio gigante no céu” fornece água (em forma de chuva) para os países andinos e também ao Uruguai, ao Paraguai, ao centro e ao sul do Brasil e ao norte da Argentina. Em

suma, influencia uma região que gera 70% do PIB da América do Sul, de acordo com a The Nature Conservancy, organização não governamental que trabalha em escala global para a conservação do meio ambiente. No entanto, esses padrões de chuva estão ameaçados, tanto na América do Sul quanto na América do Norte.

Da mesma forma, flora e fauna estão em perigo. É importante lembrar que a Amazônia é o lar de 10% da biodiversidade mundial. E aqui também temos um ciclo: quando as árvores são cortadas, muitos predadores desaparecem, e o comportamento de pássaros e insetos polinizadores é alterado. Assim, há menos plantas, menos chuva, mais emissões de carbono, mais secas, menos água, desequilíbrio e ameaças à nossa saúde e qualidade de vida. Tudo está conectado. Para toda ação há uma reação.

(Internet: tnc.org.br. Com adaptações)

032. (Q3639841/CEBRASPE/TRF-6/TÉCNICO JUDICIÁRIO/2025) No quarto parágrafo, o emprego da expressão “Da mesma forma” evidencia a relação de analogia entre o risco à fauna e à flora e a ameaça aos padrões de chuva, mencionada no fim do parágrafo anterior.

Pesquisadores da Universidade Raboud, na Holanda, analisando cerca de 5.000 participantes de 358 tarefas cognitivas, chegaram à conclusão de que pensar dói. Não ria. A análise foi feita com o auxílio de um programa especial da NASA. Pelo que entendi, certas atividades cerebrais, como fazer cálculos matemáticos, ler Gertrude Stein ou tomar decisões que envolvam um sim ou não de vida ou morte, provocam sensações orgânicas que podem ser classificadas como dolorosas.

Segundo o estudo, quanto maior o esforço mental, maior o desconforto físico. Não é preciso pensar muito para se chegar a este óbvio, por definição, ululante. A pesquisa não considera a hipótese de todo esforço mental ser relativo – para muitos, calcular uma raiz quadrada será uma tarefa intrinsecamente insuperável, enquanto, para outros, discutir a conjectura de Poincaré com Alfred North Whitehead pode ser tão simples como falar de futebol no botequim.

O que me espanta é que a conclusão de que pensar dói tenha vindo de uma instituição da Holanda, país admirado por produzir pensadores em tantos ramos. Eram holandeses Erasmo de Roterdão (1466-1536) e Spinoza (1632-1677), dois pilares da filosofia, atividade cuja única ferramenta é o pensamento. E não há registro de que os filósofos sofressem de lombalgia ou dor de dentes por pensar.

Os holandeses inventaram também a fita cassete, o CD e o DVD, e temos de lhes ser gratos por isso. Mas depois os desinventaram – e pensar nisso, sim, dói.

(CASTRO, Ruy. Pensar dói? Internet: Com adaptações)

033. (Q3663889/CEBRASPE/INOVERSASUL/AUXILIAR OPERACIONAL/2025) O vocábulo “Segundo” (primeiro período do segundo parágrafo) poderia ser substituído por **Conforme**, sem prejuízo dos sentidos e da correção gramatical do texto.

Texto CG1A1

Duas ideias recentes que considerei fantásticas fizeram-me refletir sobre o conceito de sustentabilidade. A primeira foi de uma entrevista com Don Tapscott, um dos mais respeitados estudiosos do impacto das tecnologias nas empresas e na sociedade, autor e coautor de 14 livros. Na entrevista, ele afirma que a Internet não muda o que aprendemos, mas o modo como aprendemos – e o impacto dessa revolução terá a mesma intensidade que a invenção dos tipos móveis de Gutenberg: “Não vivemos na era da informação. Estamos na era da colaboração. A era da inteligência conectada”. A segunda ideia é da empresária americana Lisa Ganski, fundadora de várias empresas na Internet. Em sua ousada teoria, ela defende que o futuro dos negócios é o compartilhamento de produtos e serviços. **Segundo** sua tese, as pessoas não vão mais possuir coisas, vão apenas ter acesso a elas. Para que comprar um carro, gastar com seguro e manutenção se você pode alugar o do vizinho? Para que investir em roupas caras para o seu bebê (que espicha rápido) se você pode trocar peças com mães de filhos já grandinhos? Lisa aposta que, com a ajuda das mídias sociais e da tecnologia, pessoas, serviços e empresas vão encontrar-se com mais facilidade para trocar ou compartilhar.

A ideia do consumo compartilhado dirige-se aos bens de consumo de maior ociosidade. Por exemplo, nos Estados Unidos da América, a média de utilização de um automóvel é de 8%. Os 92% restantes são de ociosidade nos estacionamento. Então, por que não alugar o carro em vez de comprar? Ganski sugere que sejam, cada vez mais, criados sistemas de locação para alguns bens de consumo de maior ociosidade.

Na produção compartilhada, além da redução dos custos de produção por menores encargos trabalhistas, maior eficiência da mão de obra e menor consumo de energia, há em tese uma redução dos impactos ambientais pela redução de resíduos e dispersão destes em áreas distantes umas das outras. Logicamente há também uma maior geração de empregos e melhor distribuição de renda.

Segundo esses pensadores, esta pode ser uma nova opção para o empresariado e para a sociedade segundo o moderno conceito de sustentabilidade. O meio ambiente agradece.

(ALVES, Raimundo Nonato Brabo. Compartilhar a produção e o consumo de bens em busca da sustentabilidade. In: Crônicas ambientais ecos da floresta. Brasília, DF: Embrapa, 2015. p. 62-64. Com adaptações)

034. (Q3736366/CEBRASPE/EMBRAPA/TÉCNICO/2025) O vocábulo “Segundo”, presente no segundo e no último parágrafos, expressa a ideia de conformidade em ambas as ocorrências.

035. (Q3736366/CEBRASPE/EMBRAPA/TÉCNICO/2025) No trecho “A primeira foi de uma entrevista com Don Tapscott” (segundo período do primeiro parágrafo), é empregado recurso de coesão por elipse.

Texto CB1A1

Embora as instituições nacionais ligadas à soberania venham atuando nas últimas décadas em suporte às políticas ambientais brasileiras, a relação entre as duas esferas nem sempre se deu em bases cooperativas. Partindo-se de uma compreensão estreita da segurança, a preservação do meio ambiente **foi** vista, durante certo tempo, não como uma condição para se garantir a segurança nacional e humana, mas como uma ameaça à integridade territorial e aos interesses nacionais brasileiros. Temia-se, nesse sentido, que as inestimáveis riquezas naturais do Brasil despertassem a cobiça internacional, de forma a representar riscos às fronteiras nacionais e ao direito soberano do país de gerenciar seus recursos naturais de maneira autônoma, em busca do desenvolvimento.

Vigorava, portanto, a compreensão de que assumir compromissos de cooperação na arena ambiental implicaria o decréscimo da soberania nacional. O posicionamento defendido pela delegação brasileira durante a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente Humano (CNUMAH), realizada em Estocolmo em 1972, seria sintomático desse entendimento: “Na área do aproveitamento de recursos naturais, os interesses nacionais, em termos econômicos e de segurança, são de tal monta, que qualquer fórmula que, sob o pretexto ecológico, impusesse uma sistemática de consulta para projetos de desenvolvimento seria simplesmente inaceitável para o Brasil.”

Nas décadas posteriores, as interpretações relativas às preocupações ambientais foram gradualmente transformadas, tanto no âmbito da sociedade quanto em meio às instituições de defesa. O processo de redemocratização, o fortalecimento de organizações da sociedade civil, o avanço dos estudos científicos e a consolidação de uma estrutura federal de governança ambiental favoreceram essas novas percepções e, sobretudo, a aproximação desses dois setores.

(Internet: soberaniaeclima.org.br. Com adaptações)

036. (Q3605678/CEBRASPE/PC-DF/ANALISTA/2025) Sem prejuízo da correção gramatical e da coerência das ideias do texto, a forma verbal “foi” (segundo período do primeiro parágrafo) poderia ser substituída por **era**.

Texto CG1A1

Em *Tratado de Medicina Legal*, Agostinho José de Souza Lima define a perícia médica como toda sindicância promovida por autoridade policial ou judiciária, acompanhada

de exame, e cujos peritos, dada a natureza do exame, são ou devem ser médicos. Disso decorre que o perito médico é a pessoa entendida e experiente em temas de medicina que, designada pela autoridade competente, deverá esclarecer um fato de natureza médica mais ou menos duradouro.

A perícia médico-legal surgiu da necessidade de solução para casos concretos. A princípio, havia apenas alguns vestígios de perícias nas legislações primitivas; depois, os indícios da prática ficaram mais evidentes, principalmente na Idade Média, até a atitude de definir-se e concretizar-se na Renascença. Sua instituição oficial deu-se no Código Carolino, em 1532.

A perícia médico-legal já era tarefa do Estado desde o tempo dos egípcios, conforme consta dos papiros da época. Embora a medicina egípcia estivesse impregnada de magia e divindade e empregasse, na cura das doenças, encantamentos e exorcismos, alguns historiadores veem indícios de médicos atuando como peritos no Antigo Egito. Os sacerdotes médicos verificavam, por perícia, se a morte fora violenta ou natural; a prática do embalsamamento exigia a mesma verificação. As leis de Menés, a primeira da história, mandavam adiar o castigo das mulheres grávidas, excluindo-as das penas aflitivas, pois isso implicava a intervenção do perito para o diagnóstico da gravidez. O Código de Hamurabi, uma compilação de leis sumérias, previa penas severas para os casos de erro médico, o que subordinava a atividade.

A legislação hebraica, superior às precedentes por exigir duas testemunhas para a condenação do suspeito, a responsabilidade das testemunhas e do juiz, a garantia dos tribunais, a publicidade dos debates, a igualdade perante a lei e a observância do devido processo, motivava o sentimento de justiça por meio do dogma religioso. Segundo essa legislação, os médicos peritos deveriam ser indicados pelos sacerdotes, que também exerciam a função de médicos.

(Fonte: COSTA JUNIOR, João Baptista de Oliveira e. Os primórdios da perícia médico-legal)

037. (CEBRASPE/PERITO MÉDICO/INSS/2025) A correção e o sentido do texto seriam mantidos caso a expressão “mais ou menos” (segundo período do primeiro parágrafo) fosse substituída por **comendidamente**.

038. (CEBRASPE/PERITO MÉDICO/INSS/2025) Os segmentos “o mais antigo faraó da história” (quarto período do terceiro parágrafo) e “uma compilação de leis sumerianas” (último período do terceiro parágrafo) exercem função explicativa em relação aos termos que os antecedem, respectivamente, “Menés” e “O Código de Hamurabi”.

039. (CEBRASPE/PERITO MÉDICO/INSS/2025) O trecho “havia apenas alguns vestígios de perícia médica nas legislações primitivas” (segundo período do segundo parágrafo) poderia ser reescrito, com manutenção da correção gramatical e da coerência de suas ideias, da

seguinte forma: **encontraram-se, nas legislações primitivas, apenas alguns vestígios de perícia médica.**

De acordo com o **Plano das Nações Unidas sobre Discursos de Ódio**, a prática do discurso de ódio se caracteriza como um tipo de comunicação falada, escrita ou comportamental que ataca ou utiliza linguagem pejorativa ou discriminatória em referência a uma pessoa ou grupo, com base em fatores de identidade, como religião, etnia, gênero, entre outros. Diferentemente da desinformação (prática não intencional de compartilhamento de informações imprecisas), ou da distribuição intencional de informações falsas com o intuito de provocar dano, o discurso de ódio se expressa de forma violenta contra grupos delimitados.

O discurso de ódio online pode ser reproduzido em diferentes formatos, mas geralmente contém características típicas do meio digital, como o anonimato do(a) autor(a), o alcance expandido do ataque, a instantaneidade da mensagem e a formação de comunidades em torno do discurso.

(FERNANDES, Eduardo Georjão; LUZ, Valentina Fonseca da. O papel das políticas públicas no combate ao discurso de ódio na Internet. Internet: agenciagov.ebc.com.br. Com adaptações)

040. (CEBRASPE/ANALISTA/TRF-6/2025) Sem prejuízo da correção gramatical e dos sentidos originais do texto, o trecho “De acordo com o Plano das Nações Unidas sobre Discursos de Ódio, a prática do discurso de ódio se caracteriza como um tipo de comunicação falada, escrita ou comportamental” (primeiro parágrafo) poderia ser reescrito da seguinte forma: Segundo o Plano das Nações Unidas sobre Discursos de Ódio, caracteriza-se essa prática como um tipo de comunicação (falada, escrita ou comportamental).

Texto CB1A1

Embora as instituições nacionais ligadas à soberania venham atuando nas últimas décadas em suporte às políticas ambientais brasileiras, a relação entre as duas esferas nem sempre se deu em bases cooperativas. Partindo-se de uma compreensão estreita da segurança, a preservação do meio ambiente foi vista, durante certo tempo, não como uma precondição para se garantir a segurança nacional e humana, mas como uma ameaça à integridade territorial e aos interesses nacionais brasileiros. Temia-se, nesse sentido, que as inestimáveis riquezas naturais do Brasil despertassem a cobiça internacional, de forma a representar riscos às fronteiras nacionais e ao direito soberano do país de gerenciar seus recursos naturais de maneira autônoma, em busca do desenvolvimento.

Vigorava, portanto, a compreensão de que assumir compromissos de cooperação na arena ambiental implicaria o decréscimo da soberania nacional. O posicionamento defendido pela delegação brasileira durante a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente

Humano (CNUMAH), realizada em Estocolmo em 1972, seria sintomático desse entendimento: “Na área do aproveitamento de recursos naturais, os interesses nacionais, em termos econômicos e de segurança, são de tal monta, que qualquer fórmula que, sob o pretexto ecológico, impusesse uma sistemática de consulta para projetos de desenvolvimento seria simplesmente inaceitável para o Brasil.”

Nas décadas posteriores, as interpretações relativas às preocupações ambientais foram gradualmente transformadas, tanto no âmbito da sociedade quanto em meio às instituições de defesa. O processo de redemocratização, o fortalecimento de organizações da sociedade civil, o avanço dos estudos científicos e a consolidação de uma estrutura federal de governança ambiental favoreceram essas novas percepções e, sobretudo, a aproximação desses dois setores.

(Internet: soberaniaeclima.org.br. Com adaptações)

041. (Q3605678/CEBRASPE/PC-DF/ANALISTA/2025) A substituição da palavra “sintomático” (segundo período do segundo parágrafo) por **revelador** manteria a coerência e a correção do texto.

É bem verdade que um número considerável de brasileiros utiliza outros idiomas como sua língua primeira. Há os usuários da LIBRAS, a língua brasileira de sinais, que é um idioma pleno e totalmente diferente do português; há os falantes das línguas originárias do Brasil que não foram extintas durante esses séculos de colonização (no censo de 2010, pouco menos de 140 mil dessas pessoas disseram não usar o português em família); há falantes das diversas línguas de colonização que aportaram aqui especialmente no final do século XIX e no começo do XX (o talian dos migrantes italianos, o hunsrückisch ou o pommeranisch dos alemães, entre várias outras, como o árabe, o japonês, o polonês); e há também falantes de línguas que chegaram com migrações mais recentes, como a dos sírios, haitianos e venezuelanos. Parte dessa diversidade, inclusive, é hoje reconhecida por atos legais que, nos últimos anos, concederam a certos idiomas originários (o baniwa e o tukano, por exemplo) e a algumas línguas de herança (como o pommeranisch) o estatuto de línguas oficiais de seus municípios.

(GALINDO, Caetano W. *Latim em pó: um passeio pela formação do nosso português*. São Paulo: Companhia das Letras, 2023. Com adaptações)

042. (Q3596362/CEBRASPE/INOVERSASUL/PROF. PORTUGUÊS/2025) No texto, os vocábulos “idioma” e “língua” são empregados como sinônimos, assim como as formas verbais “aportaram” e “chegaram”.

“Você é espírita, Fernando? Então como é que você me pergunta o que eu faço às três horas da tarde? Às três horas da tarde sou a mulher mais exigente do mundo. Fico às vezes reduzida ao essencial, quer dizer, só meu coração bate. Quando passa, vem seis da tarde, também indescritíveis, em que eu fico cega”. (Carta de Clarice Lispector a Fernando Sabino em 19/6/1946)

“De certo modo, você me dispensa de escrever. Resta o consolo de pensar que se eu fosse capaz como você de dizer o indizível, eu teria a dizer certas coisas que você ainda vai dizer. E me limito a ficar esperando”. (Carta de Fernando Sabino a Clarice Lispector em 30/3/1955)

Em 1944, Fernando Sabino recebeu um exemplar de *Perto do Coração Selvagem*, com dedicatória da autora estreante, Clarice Lispector. Ele não fazia ideia de quem era ela. De qualquer maneira, ficou deslumbrado com o livro. Tempos depois, quando a conheceu pessoalmente, ficou deslumbrado com Clarice.

Os jovens escritores viveram uma paixão não formulada. Encontravam-se diariamente, longas conversas numa confeitaria do Rio. Separados por compromissos fora do país, trocaram cartas, no período entre 1949 e 1969. Em 2001, Fernando as reuniu em *Cartas Perto do Coração*, comovente testemunho de fidelidade à literatura e à amizade. Livro de culto, rapidamente se esgotou; poucos exemplares, e caríssimos, eram achados em sebos. Reaparece agora, em edição de capa dura, novo projeto gráfico e fac-símiles dos manuscritos.

Quem vê o prestígio de Clarice hoje não imagina suas angústias e incertezas reveladas na correspondência. Seu segundo livro, *O Lustre*, foi recebido em silêncio. Dez anos após o aparecimento do terceiro, *A Cidade Sitiada*, de 1949, ela estava esquecida. Os originais do romance *A Maçã no Escuro* ficaram cinco anos pegando poeira no escritório do editor Ênio Silveira. Além de segurar a barra da amiga, Fernando passou a atuar como agente literário de Clarice, até que seu talento fosse reconhecido.

Com a publicação de *Uma Aprendizagem*, em 1969, Fernando carinhosamente entrega os pontos: “Eu não mereço mais ser seu leitor. Você foi longe demais para mim”.

(SILVA, Álvaro Costa e. *A paixão nas cartas de Clarice Lispector e Fernando Sabino*. Internet: folha.uol.com.br. Com adaptações)

043. (Q3601001/CEBRASPE/INOVERSASUL/PROF. PORTUGUÊS/2025) Em “Os jovens escritores viveram uma paixão não formulada” (quarto parágrafo), o vocábulo “formulada” pode ser substituído por **declarada**, sem que se comprometa o sentido original do período.

Texto CG1A1

Duas ideias recentes que considerei fantásticas fizeram-me refletir sobre o conceito de sustentabilidade. A primeira foi de uma entrevista com Don Tapscott, um dos mais respeitados estudiosos do impacto das tecnologias nas empresas e na sociedade, autor e

coautor de 14 livros. Na entrevista, ele afirma que a Internet não muda o que aprendemos, mas o modo como aprendemos – e o impacto dessa revolução terá a mesma intensidade que a invenção dos tipos móveis de Gutenberg: “Não vivemos na era da informação. Estamos na era da colaboração. A era da inteligência conectada”. A segunda ideia é da empresária americana Lisa Ganski, fundadora de várias empresas na Internet. Em sua ousada teoria, ela defende que o futuro dos negócios é o compartilhamento de produtos e serviços. Segundo sua tese, as pessoas não vão mais possuir coisas, vão apenas ter acesso a elas. Para que comprar um carro, gastar com seguro e manutenção se você pode alugar o do vizinho? Para que investir em roupas caras para o seu bebê (que espicha rápido) se você pode trocar peças com mães de filhos já grandinhos? Lisa aposta que, com a ajuda das mídias sociais e da tecnologia, pessoas, serviços e empresas vão encontrar-se com mais facilidade para trocar ou compartilhar.

A ideia do consumo compartilhado dirige-se aos bens de consumo de maior ociosidade. Por exemplo, nos Estados Unidos da América, a média de utilização de um automóvel é de 8%. Os 92% restantes são de ociosidade nos estacionamentos. Então, por que não alugar o carro em vez de comprar? Ganski sugere que sejam, cada vez mais, criados sistemas de locação para alguns bens de consumo de maior ociosidade.

Na produção compartilhada, além da redução dos custos de produção por menores encargos trabalhistas, maior eficiência da mão de obra e menor consumo de energia, há em tese uma redução dos impactos ambientais pela redução de resíduos e dispersão destes em áreas distantes umas das outras. Logicamente há também uma maior geração de empregos e melhor distribuição de renda.

Segundo esses pensadores, esta pode ser uma nova opção para o empresariado e para a sociedade segundo o moderno conceito de sustentabilidade. O meio ambiente agradece.

(ALVES, Raimundo Nonato Brabo. Compartilhar a produção e o consumo de bens em busca da sustentabilidade. In: Crônicas ambientais ecos da floresta. Brasília, DF: Embrapa, 2015. p. 62-64. Com adaptações)

044. (Q3736366/CEBRASPE/EMBRAPA/TÉCNICO/2025) A substituição do segmento “refletir sobre” (primeiro período do primeiro parágrafo) por **pensar** preservaria a coerência das ideias do texto e sua correção gramatical.

045. (Q3736366/CEBRASPE/EMBRAPA/TÉCNICO/2025) O vocábulo “ousada” (segundo período do segundo parágrafo) é empregado no texto como sinônimo de **arriscada** ou **perigosa**.

046. (Q3736366/CEBRASPE/EMBRAPA/TÉCNICO/2025) A substituição do vocábulo “ociosidade” (primeiro período do terceiro parágrafo) por **inatividade** preservaria a coerência das ideias do texto.

047. (Q3736366/CEBRASPE/EMBRAPA/TÉCNICO/2025) A expressão “em tese” (primeiro período do quarto parágrafo) poderia ser substituída por **a princípio**, sem prejuízo dos sentidos e da correção gramatical do texto.

Texto CB1A1

Embora as instituições nacionais ligadas à soberania venham atuando nas últimas décadas em suporte às políticas ambientais brasileiras, a relação entre as duas esferas nem sempre se deu em bases cooperativas. Partindo-se de uma compreensão estreita da segurança, a preservação do meio ambiente foi vista, durante certo tempo, não como uma precondição para se garantir a segurança nacional e humana, mas como uma ameaça à integridade territorial e aos interesses nacionais brasileiros. Temia-se, nesse sentido, que as inestimáveis riquezas naturais do Brasil despertassem a cobiça internacional, de forma a representar riscos às fronteiras nacionais e ao direito soberano do país de gerenciar seus recursos naturais de maneira autônoma, em busca do desenvolvimento.

Vigorava, portanto, a compreensão de que assumir compromissos de cooperação na arena ambiental implicaria o decréscimo da soberania nacional. O posicionamento defendido pela delegação brasileira durante a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente Humano (CNUMAH), realizada em Estocolmo em 1972, seria sintomático desse entendimento: “Na área do aproveitamento de recursos naturais, os interesses nacionais, em termos econômicos e de segurança, são de tal monta, que qualquer fórmula que, sob o pretexto ecológico, impusesse uma sistemática de consulta para projetos de desenvolvimento seria simplesmente inaceitável para o Brasil.”

Nas décadas posteriores, as interpretações relativas às preocupações ambientais foram gradualmente transformadas, tanto no âmbito da sociedade quanto em meio às instituições de defesa. O processo de redemocratização, o fortalecimento de organizações da sociedade civil, o avanço dos estudos científicos e a consolidação de uma estrutura federal de governança ambiental favoreceram essas novas percepções e, sobretudo, a aproximação desses dois setores.

(Internet: soberaniaeclima.org.br. Com adaptações)

048. (Q3605678/CEBRASPE/PC-DF/ANALISTA/2025) A correção gramatical e o sentido do texto seriam mantidos caso se substituisse a expressão “em busca do desenvolvimento” (terceiro período do primeiro parágrafo) por **visando ao desenvolvimento**.

Um cientista empenhado em pesquisa – no campo da física, por exemplo – pode atacar diretamente o problema que enfrenta. Pode penetrar, de imediato, no cerne da questão, isto é, no cerne de uma estrutura organizada. Com efeito, conta sempre com a existência

de uma estrutura de doutrinas científicas já existentes e com uma situação-problema que é reconhecida como problema nessa estrutura. Essa é a razão por que pode entregar a outros a tarefa de adequar ao quadro geral do conhecimento científico a sua contribuição.

O filósofo vê-se em posição diversa. Ele não se coloca diante de uma estrutura organizada, mas, antes, em face de algo que semelha um amontoado de ruínas (embora, talvez, haja tesouros ocultos). Não lhe é dado apoiar-se no fato de existir uma situação-problema, geralmente reconhecida como tal, pois não existir algo semelhante é possivelmente o fato geralmente reconhecido. Com efeito, tornou-se agora questão frequente, nos círculos filosóficos, saber se a filosofia chegará a colocar um problema genuíno.

Apesar de tudo, há quem acredite que a filosofia possa colocar problemas genuínos acerca das coisas e quem, portanto, ainda tenha a esperança de ver esses problemas discutidos, e afastados aqueles monólogos desalentadores que hoje **passam por** discussão filosófica. Se, por acaso, se julgam incapazes de aceitar qualquer das orientações existentes, tudo o que lhes resta fazer é começar de novo, desde o princípio.

(POPPER, Karl. A lógica da pesquisa científica. Tradução de: Leonidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. São Paulo: Cultrix, 2008. p. 23. Com adaptações)

049. (Q3663785/CEBRASPE/INOVERSASUL/AUXILIAR OPERACIONAL/2025) No primeiro período do último parágrafo, a expressão “passam por” está empregada com o mesmo sentido de **perpassam**.

050. (Q3663785/CEBRASPE/INOVERSASUL/AUXILIAR OPERACIONAL/2025) No primeiro parágrafo, o sujeito da forma verbal “conta” (terceiro período) retoma “Um cientista empenhado em pesquisa” (primeiro período).

GABARITO

- | | |
|-------|-------|
| 1. d | 35. C |
| 2. C | 36. C |
| 3. b | 37. E |
| 4. c | 38. C |
| 5. a | 39. C |
| 6. c | 40. E |
| 7. b | 41. C |
| 8. b | 42. C |
| 9. c | 43. C |
| 10. c | 44. C |
| 11. b | 45. E |
| 12. b | 46. C |
| 13. a | 47. E |
| 14. c | 48. C |
| 15. E | 49. E |
| 16. C | 50. C |
| 17. C | |
| 18. c | |
| 19. c | |
| 20. c | |
| 21. c | |
| 22. b | |
| 23. b | |
| 24. a | |
| 25. a | |
| 26. E | |
| 27. C | |
| 28. C | |
| 29. C | |
| 30. E | |
| 31. C | |
| 32. C | |
| 33. C | |
| 34. C | |

GABARITO COMENTADO

Relatório de Transcrição: Língua Portuguesa – CP 865, Porto Alegre Silenciosamente barulhento

Por Pedro Guerra

01 A ideia de recomeço atualmente vem batizada com uma camada de cafonice. Talvez seja
02 fruto das propagandas de fim de ano, talvez seja a facilidade com que recorremos
ao conceito.
03 Começar do zero é tentador porque implicitamente nos permite abandonar erros
ou versões
04 desgastadas de nós mesmos e das quais já não nos orgulhamos. Ao mesmo tempo, todo
05 desmanche vem carregado do medo de encarar o novo. Para onde vou? Quem sou eu?
O que eu
06 faço a partir de agora?
07 Se falamos de viradas, quase sempre as associamos _____ ideia de barulho.
É preciso brindar
08 ao novo – não é isso que fazemos _____ cada término de ano, afinal? Muitas vezes
preparamos a
09 festa da mudança de rota sem nem mesmo traçá-la primeiro. Queremos anunciar o
novo ainda
10 antes de entendê-lo.
11 Mas recomeços raramente gritam. Eles costumam chegar em silêncio. É certo que, quando
12 a travessia envolve reorganizações internas, mil vozes parecem habitar a mente
sem controle
13 algum. E é por isso mesmo que nenhum gesto verdadeiro de mudança ocorre em
paralelo ao
14 caos e às crises. Poucos entendem que é preciso primeiro assentar a terra para depois
decidir o
15 que pode (ou não) ser construído sobre ela. É aí que passam a existir os silêncios que, na
16 verdade, funcionam como sussurros: bem baixinho, a vida nos mostra o caminho.
17 Como em qualquer bota-fora que fazemos dentro de casa, ao esvaziar gavetas e armários
18 de tralhas e papeladas que já não servem mais para nada, o vazio se torna ponto
de partida.
19 Nele, o silêncio desconfortável nos obriga a escutar aquilo que evitamos quando estamos
20 ocupados demais explicando quem somos.
21 Não _____ toa, 2026 se anuncia como um ano de inícios. A Numerologia o define
como um

22 ano 1 – aquele em que os inícios ganham destaque. Não porque traga respostas prontas, mas

23 porque nos devolve às perguntas certas. Porém, existe um tempo pouco celebrado chamado

24 latência: o intervalo entre o estímulo e a resposta. Em um mundo que exige reações imediatas,

25 talvez recomeçar seja justamente ampliar esse espaço.

26 Não responder ainda. Não decidir agora. Permitir que o silêncio faça o que o impulso não sabe fazer.

28 Há coisas que só amadurecem quando não precisam ser anunciadas. Ou, ainda, o que chamamos de pausa talvez seja, na verdade, outra coisa. Um estado de suspensão. Um tempo

30 em que não avançamos nem recuamos – apenas sustentamos. Não se trata de inércia, mas de

31 lucidez: manter decisões no ar até que façam sentido ao tocar o chão. Há momentos em que

32 seguir adiante exige exatamente isso: não agir.

33 Ao menos, não ainda.

(Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/colunistas/pedro-guerra/noticia/2026/01/silenciosamente-barulhento-cmk5qpsoj01j011hidczld5w.html> – texto adaptado especialmente para esta prova)

001. (FUNDATEC/ASSISTENTE/SMAP PORTO ALEGRE/2026) Assinale a alternativa que indica palavras que poderiam substituir, correta e respectivamente, os vocábulos “inércia” e “lucidez” no trecho “Não se trata de inércia, mas de lucidez: manter decisões no ar até que façam sentido ao tocar o chão” (l. 30-31), sem causar alterações significativas ao sentido original.

- a) Iniciativa – clareza
- b) Iniciativa – destreza
- c) Apatia – preocupação
- d) Apatia – clareza
- e) Apatia – destreza



No contexto, “inércia” refere-se à falta de ação ou apatia, enquanto “lucidez” remete à clareza de pensamento e discernimento sobre as decisões. As demais palavras não traduzem corretamente o sentido original, pois possuem significados distintos (destreza, iniciativa, preocupação).

Letra d.

Texto CG1A1

Em *Tratado de medicina legal*, Agostinho José de Souza Lima define a perícia médica como toda sindicância promovida por autoridade policial ou judiciária acompanhada de exame e cujos peritos, dada a natureza do exame, são ou devem ser médicos. Disso decorre que o perito médico é a pessoa entendida e experimentada em temas de medicina que, designada pela autoridade competente, deverá esclarecer um fato de natureza médica mais ou menos duradouro.

A perícia médico-legal surgiu da necessidade de solução para casos concretos. A princípio, haviam apenas alguns vestígios de perícias nas legislações primitivas; depois, os indícios da prática ficaram mais evidentes, principalmente na Idade Média, até a atitude de definir-se e concretizar-se na Renascença. Sua instituição oficial no Código Carolino, em 1532.

A perícia médico-legal já era tarefa do Estado desde o tempo dos egípcios, conforme consta dos papiros da época. Embora a medicina egípcia estivesse impregnada de magia e divindade, e empregasse, na cura das doenças, os encantamentos e os exorcismos, alguns historiadores veem indícios de médicos atuando como peritos no Antigo Egito. Os sacerdotes médicos verificavam, por perícia, se a morte fora violenta ou natural; a prática do embalsamamento exigia a mesma verificação. As leis de Menés, a primeira da história, mandavam adiar o castigo das mulheres grávidas, excluindo-as das penas aflitivas, pois isso implicava a intervenção do perito para o diagnóstico da gravidez. O Código de Hamurabi, uma compilação de leis sumérias, previa penas severas para os casos de erro médico, o que subordinava a atividade.

A legislação hebraica, superior às precedentes porque exigia duas testemunhas para a condenação do suspeito, a responsabilidade das testemunhas e do juiz, a garantia dos tribunais, a publicidade dos debates, a igualdade perante a lei e a observância do devido processo, motivava o sentimento de justiça através do dogma religioso. Segundo essa legislação, os médicos peritos deveriam ser aplicados pelos sacerdotes, que também exerciam a função de médico.

(Fonte: COSTA JUNIOR, João Baptista de Oliveira e. *Os primórdios da perícia médico-legal*)

002. (CEBRASPE/PERITO MÉDICO/INSS/2025) Com base nas ideias veiculadas no texto precedente, em sua estrutura linguística e em seu vocabulário, julgue o item a seguir. Estariam mantidos os sentidos do último período do terceiro parágrafo caso se deslocasse o termo “severas” para antes do substantivo “penas”.



O sentido é o mesmo: “penas severas” é igual a “severas penas”. Por isso, a afirmativa está correta.

Certo.

003. (Q3607162/FGV/SEEC-RN/PROFESSOR/2025) Em todas as frases abaixo está presente a conjunção E Assinale a opção que indica a frase em que esse significado está indicado erradamente.

- a) Em muitos terrenos de cidades pequenas há simultaneamente plantas frutíferas e plantas ornamentais / adição.
- b) A civilização nasce com a ordem, cresce com a liberdade e morre no caos / consequência.
- c) Ambiente limpo não é o que mais se limpa e sim, o que menos se suja / oposição.
- d) Há gente que fala e fala, mas nada diz / intensificação.
- e) Os policiais chegam a suas casas e tiram o uniforme / sequência temporal.



Em A, C, D e E, os sentidos da conjunção “e” são, sim, de adição (frutífera + ornamentais), de oposição (o “e” equivale a “mas”), intensificação (fala muito) e sequência temporal (e, em seguida, tiram o uniforme). Em B, no entanto, não observamos uma consequência, pois não há uma causa anterior que gere esse resultado (essa consequência). Por isso, a alternativa errada é a B.

Letra b.

Economizar água

Apesar de parecer muita, devido ao aumento excessivo da população mundial e à poluição que o homem produz, diariamente, a água potável do mundo está cada vez mais escassa. E a falta de água para consumo, principalmente em regiões mais pobres, populosas e áridas do mundo, já é uma realidade preocupante. Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), o Brasil é um país de sorte e vai contra essa tendência mundial.

Apesar de parecer muita, devido ao aumento excessivo da população mundial e à poluição que o homem produz, diariamente, / a água potável do mundo está cada vez mais escassa.

004. (Q3701567/FGV/EBSERH/ASSISTENTE/2025) A **relação lógica** entre os dois segmentos desse fragmento do texto precedente é, respectivamente, de

- a) fato / explicação.
- b) consequência / causa.
- c) concessão / fato.
- d) causa / consequência.
- e) condição / ação.



A presença do conectivo “Apesar de” no início da primeira oração já indica que estamos diante de uma oração concessiva. A essa oração concessiva, segue-se uma oração que denota um fato. Não se trata, assim, de, primeiramente, um fato, uma consequência, uma causa ou

uma condição. Para ser condição, o conectivo deveria denotar essa noção (como “Se” ou “Caso”). Para ser causa, seria necessário denotar um evento que precede uma consequência (e, inversamente, para ser uma consequência, deveria haver uma causa). Logo, apenas a alternativa (C) está correta.

Letra c.

005. (Q3701240/FGV/EBSERH/TÉCNICO/2025)

E a falta de água **para** consumo, principalmente **em** regiões mais pobres, populosas e áridas do mundo, já é uma realidade preocupante. **Segundo** a Organização das Nações Unidas (ONU), o Brasil é um país de sorte **e** vai **contra** essa tendência mundial.

Acima estão **destacados** cinco conectivos do texto.

Assinale aquele conectivo que tem seu valor semântico corretamente indicado.

- a) para / finalidade
- b) em / tempo
- c) segundo / ordem
- d) e / oposição
- e) contra / comparação



Em A, indica-se corretamente o valor semântico da preposição “para”: finalidade. Observe que, no original, o “para” pode ser substituído por algo como “água que serve para ser consumida”. Nas outras alternativas, os sentidos adequados são estes: em/localização; segundo/conformidade; e/não é oposição; contra/oposição.

Letra a.

006. (Q3701229/FGV/EBSERH/TÉCNICO/2025)

“Fustigados pela imperiosa necessidade de alimentar-se, os instintos primários se exaltam e o homem, como qualquer animal esfomeado...”

Assinale a frase em que a palavra “como” mostra o mesmo sentido que nessa frase do texto.

- a) Não sei como ele está passando.
- b) O modo como chegou preocupou a todos.
- c) Ele é tão gordo como o pai.
- d) Como vai?
- e) Não sabia como chegar lá.



No texto em análise, o “como” é comparativo (equivale a “à semelhança de”). A mesma semântica está presente no “como” em C, em que se comparam pai e filho (por pressuposição). Nas outras alternativas, os valores não são de comparação, mas de “maneira”/“modo” ou interrogação.

Letra c.

Norma da Empresa

Descartar-se um cliente que está reclamando com um “É norma da empresa” deixa-o furioso. É o equivalente empresarial da frase que nossos pais costumavam dizer: “Porque sim”.

007. (Q3701263/FGV/EBSERH/TÉCNICO/2025) No texto precedente, uma substituição **inadequada** de termos seria

- a) que está reclamando / reclamante.
- b) da empresa / empreendedora.
- c) furioso / com fúria.
- d) o equivalente / a equivalência.
- e) da frase / frasal.



As substituições propostas em A, C, D e E mantêm a correção gramatical e os sentidos originais: *descartar-se um cliente **reclamante** com um “é norma da empresa” deixa-o **com fúria**. É a **equivalência** empresarial **frasal** que nossos pais costumavam dizer: “porque sim”*. A substituição proposta em B, no entanto, altera os sentidos originais, pois “empreendedora” não possui o mesmo significado de “da empresa”: “empreendedora” denota uma agentividade que não está presente no sentido original.

Letra b.

Está provado que a violência só gera mais violência. A rua serve para a criança como uma escola preparatória. Do menino marginal esculpe-se o adulto marginal, talhado diariamente por uma sociedade violenta que lhe nega condições básicas de vida. Por trás de um garoto abandonado, existe um adulto abandonado.

(DIMENSTEIN, Gilberto. *O Cidadão de Papel*. São Paulo: Ática, 1994)

008. (Q3749215/FGV/PREF. CANAÃ DOS CARAJÁS/ENFERMEIRO/2025)

“... talhado diariamente por uma sociedade violenta que lhe nega condições básicas de vida.” Assinale a opção em que a preposição por mostra o mesmo valor que na frase citada.

- a) Não saímos por ter chovido muito.
- b) Nem todas as coisas foram feitas por ele.
- c) Caminhar por esse trajeto é perigoso.
- d) Por que todos desejam progredir?
- e) O caminho por que viemos é menos acidentado.



A alternativa correta é a (B), pois a preposição “por” indica agente da passiva – “feitas por ele” – com o mesmo valor sintático de “talhado... por uma sociedade violenta”. As demais apresentam usos diversos da preposição “por”: (A) causa; (C) percurso; (D) interrogação; (E) pronome relativo com sentido de “pelo qual”.

Letra b.

009. (Q3701145/FGV/EBSERH/ADVOGADO/2025) Assinale a frase que não mostra uma palavra depreciativa.

- a) Eles moram num barraco na margem do rio.
- b) Os turistas chegaram num calhambeque antigo.
- c) Nem todos os filósofos apreciam a natureza.
- d) Eles só tinham uns níqueis no bolso.
- e) A roupa do secretário estava um lixo!



A alternativa correta é a (C), pois todas as demais apresentam palavras de valor depreciativo: “barraco” (A), “calhambeque” (B), “níqueis” (D) e “lixo” (E). “Filósofos” em (C) é um termo neutro, sem carga negativa.

Letra c.

010. (FGV/AUDITOR/TCE-ES/2024) Todas as frases abaixo mostram verbos ligados à ação de “ver”. A frase em que o verbo sublinhado NÃO está adequadamente empregado, por não ter seu sentido adequado ao contexto, é:

- a) O atirador mirou com cuidado o alvo pretendido;
- b) O caçador vislumbrou o animal entre a folhagem;
- c) No museu, pessoas observam desatentas os inúmeros quadros;
- d) Ao entrarem na Capela Sistina, os turistas contemplam obrigatoriamente as pinturas do teto;
- e) O daltonismo não permitia que ele distinguisse o verde do vermelho.



Os significados de “mirar” (fixar os olhos em), “vislumbrar” (enxergar parcial, indistinta ou fracamente; entrever), “contemplar” (fixar o olhar em (alguém, algo ou si mesmo), com encantamento, com admiração) e “distinguir” (perceber a diferença entre (coisas) ou ser diferente de (algo)) estão adequados para o contexto de ocorrência. No caso de “observar”, em (C), o problema está no emprego do vocábulo “desatentas”, já que o ato de observar pressupõe a ideia de ver com atenção.

Letra c.

“É preciso mudar a visão de que ‘a velocidade vai fazer eu chegar primeiro’. Já está provado que a redução da velocidade máxima não tem impacto na velocidade média.” (Texto 1)

011. (FGV/DPE-RS/TÉCNICO/2024) Embora os dois períodos da passagem acima não estejam ligados por meio de um conectivo, é possível observar que existe entre eles uma relação lógico-semântica específica.

A proposta de reescritura que preserva essa relação lógico-semântica é:

- a) À medida que é preciso mudar a visão de que “a velocidade vai fazer eu chegar primeiro”, já fica provado que a redução da velocidade máxima não tem impacto na velocidade média.
- b) É preciso mudar a visão de que “a velocidade vai fazer eu chegar primeiro”, pois já está provado que a redução da velocidade máxima não tem impacto na velocidade média.
- c) Ainda que seja preciso mudar a visão de que “a velocidade vai fazer eu chegar primeiro”, já está provado que a redução da velocidade máxima não tem impacto na velocidade média.
- d) É preciso mudar a visão de que “a velocidade vai fazer eu chegar primeiro”; consequentemente, já está provado que a redução da velocidade máxima não tem impacto na velocidade média.
- e) É preciso mudar a visão de que “a velocidade vai fazer eu chegar primeiro”, desde que já esteja provado que a redução da velocidade máxima não tem impacto na velocidade média.



A relação entre os períodos é de explicação. Essa articulação lógica está presente em (B), tendo em vista haver o articulador “pois” em “primeiro, pois já está provado”. Nas demais alternativas, as noções semânticas expressas pelos articuladores são outras, como proporção, concessão, condição e consequência.

Letra b.

012. (FGV/DPE-RS/TÉCNICO/2024)

“Tendência em cidades que são exemplo em mobilidade ativa, a redução de velocidade foi decretada pelo governo espanhol em maio de 2021.”

Levando-se em conta tanto o significado individual das palavras sublinhadas na passagem do texto 1 destacada acima quanto o contexto mais amplo do texto 1, é possível definir a expressão “mobilidade ativa” como:

- a) readequação dos limites de velocidade;
- b) deslocamento não motorizado;
- c) diminuição do índice de lesões graves;
- d) incentivo à cordialidade no trânsito;
- e) eliminação de gargalos.



O termo “mobilidade ativa” denota todo tipo de deslocamento não motorizado.

Letra b.

013. (FGV/DPE-RS/TÉCNICO/2024)

“Se antes era um elemento presente no cotidiano, tornou-se anacrônico na nova cidade.” A conjunção “se” expressa, primariamente, ideia de condição. Em alguns casos, contudo, um valor semântico adicional se soma a esse significado mais básico.

Na passagem do texto 1 destacada acima, é possível identificar o valor adicional de:

- a) concessão
- b) consequência
- c) conformidade
- d) proporção
- e) explicação



O valor concessivo está, de fato, presente. Ao se reescrever o trecho com uma conjunção concessiva, a coerência se mantém (e, claro, evidencia o valor concessivo da conjunção “se”): embora tenha sido um elemento presente no cotidiano, tornou-se [agora] anacrônico na nova cidade.

Letra a.

014. (FGV/DPE-RS/TÉCNICO/2024)

“Outras experiências dentro e fora do Brasil comprovam a relação entre velocidades menores e menos mortes, mas ainda falta comunicar efetivamente esses dados à população.” A passagem do texto 1 acima reescrita sem mudança substancial de significado é:

- a) Desde que haja outras experiências dentro e fora do Brasil, comprova-se que há relação entre velocidades menores e menos mortes. Ainda falta, entretanto, comunicar efetivamente esses dados à população.
- b) Por meio de outras experiências dentro e fora do Brasil, foi comprovada a relação entre velocidades menores e menos mortes, sendo assim ainda falta comunicar efetivamente esses dados aos cidadãos.
- c) Conforme demonstrado por outras experiências dentro e fora do Brasil, existe relação entre, de um lado, velocidades menores e, de outro, menos mortes. Ainda falta, no entanto, comunicar efetivamente esses dados à população.
- d) Em havendo outras experiências dentro e fora do Brasil, comprova-se a relação entre velocidades menores e menos mortes, portanto ainda falta comunicar efetivamente esses dados à população.
- e) Comprovando a existência de relação entre velocidades menores e menos mortes, outras experiências dentro e fora do Brasil ainda devem ser comunicadas efetivamente à população.



A reescrita deve respeitar a noção adversativa (lexicalizada pelo articulador “mas”). Isso ocorre em (C), mesmo que a pontuação seja pouco usual. Nas demais alternativas, as noções semânticas são distintas da original (como condicional, explicativa e conclusiva).

Letra c.

Você mora em um lugar competitivo? Essa é a pergunta feita pelo Ranking de competitividade dos estados, que metrifica, em uma escala de 0 a 100, todos os cantos do Brasil, para classificar as 27 unidades federativas com base em dez pilares diferentes: segurança pública, infraestrutura, sustentabilidade social, solidez fiscal, educação, sustentabilidade ambiental, eficiência da máquina pública, capital humano, potencial de mercado e inovação.

De acordo com os gráficos mostrados a seguir, dos mais de vinte estados, apenas cinco não mudaram de posição ao longo do último ano (2022), com destaque para São Paulo e Santa Catarina, que lideram, assim como Rio de Janeiro e Roraima, que subiram bastante.



Ao todo, são quase noventa critérios avaliados dentro dos pilares fundamentais, que incluem desde infraestrutura até o capital humano de cada localidade, com pesos diferentes entre si.

Paulistas lideram o ranking há anos. No ano de 2022, porém, houve piora no quesito segurança patrimonial, com aumento no número de furtos e roubos. Estados do Norte e do Nordeste são os menos competitivos do país.

Trata-se de uma ferramenta de avaliação da administração pública, de diagnóstico e auxílio na escolha das prioridades e de promoção de boas práticas organizacionais, que, além de ajudar políticos a priorizarem ações com base em uma inteligência de dados bem robusta – ou seja, como um sistema de incentivo para os líderes públicos –, pode ser um bom indicador da gestão pública da região. São referências adotadas pelo ranking que apresentam novos parâmetros para os estados brasileiros.

(Internet: Com adaptações)

015. (CEBRASPE/ANALISTA/TJ-ES/2023) Em relação aos aspectos gramaticais do texto precedente, julgue o seguinte item.

No primeiro período do último parágrafo, a palavra “robusta” está empregada com o mesmo sentido de **arrojada**.



Os vocábulos “robusta” e “arrojada” não são sinônimos. Por isso, não são intercambiáveis (um não pode substituir o outro no contexto em análise). A diferença de significado é a seguinte: “robusto” significa algo de constituição física muito forte, vigoroso; “arrojado” denota que aquilo que apresenta características inovadoras, progressistas e ousadas.

Errado.

016. (CEBRASPE/ANALISTA/TJ-ES/2023) A forma pronominal “Essa”, em “Essa é a pergunta” (início do primeiro parágrafo), estabelece coesão por substituição.



A coesão por substituição ocorre quando um vocábulo (principalmente pronomes) substitui outro termo e, com isso, realiza a retomada. É exatamente o que ocorre em “Essa é a pergunta”, em que o pronome “Essa” substitui toda a oração interrogativa “Você mora em um lugar competitivo?”.

Certo.

017. (CEBRASPE/ANALISTA/TJ-ES/2023) No trecho “apenas cinco não mudaram de posição” (segundo parágrafo), foi utilizada a estratégia de coesão por elipse.



A elipse ocorre quando se pode depreender a existência de um termo suprimido. Isso acontece no trecho em análise, pois é possível depreender que a forma “estados” está subentendida em “apenas cinco [estados] não mudaram de posição”.

Certo.

018. (FGV/AUDITOR/TCE-ES/2023) Todas as frases abaixo mostram verbos ligados à ação de “ver”. A frase em que o verbo sublinhado NÃO está adequadamente empregado, por não ter seu sentido adequado ao contexto, é:

- a) O atirador mirou com cuidado o alvo pretendido;
- b) O caçador vislumbrou o animal entre a folhagem;
- c) No museu, pessoas observam desatentas os inúmeros quadros;
- d) Ao entrarem na Capela Sistina, os turistas contemplam obrigatoriamente as pinturas do teto;
- e) O daltonismo não permitia que ele distinguisse o verde do vermelho.



Os significados de “mirar” (fixar os olhos em), “vislumbrar” (enxergar parcial, indistinta ou fracamente; entrever), “contemplar” (fixar o olhar em (alguém, algo ou si mesmo), com encantamento, com admiração) e “distinguir” (perceber a diferença entre (coisas) ou ser diferente de (algo)) estão adequados para o contexto de ocorrência. No caso de “observar”, em (C), o problema está no emprego do vocábulo “desatentas”, já que o ato de observar pressupõe a ideia de ver com atenção.

Letra c.

Operação Pronto Emprego

A Secretaria DF Legal deu início, em agosto de 2020, à Operação Pronto Emprego, com o objetivo de combater as invasões de terra e obras irregulares, ainda em fase inicial de construção. A operação busca dar resposta às denúncias dessa natureza dentro do prazo de até 72 horas a partir do conhecimento do fato. Dessa forma, procura reduzir os impactos social, político e financeiro, inclusive para os infratores.

São removidas casas e barracos desabitados, cercamentos, bases para construção, muros, caixas d'água irregulares, cisternas, poços, entre outras edificações ilegais.

(NEUBERGER, Tereza. Disponível em: <https://jomaldebrasil.com.br/brasil/>. Acesso em: 30 jan. 2023. Com adaptações)

019. (IADES/AUDITOR/VISA-DF/2023) Com base nas regras de concordância prescritas pela norma-padrão e nas relações morfossintáticas do texto, assinale a alternativa correta.

- a) A redação **Foi iniciado pela Secretaria DF Legal, em agosto de 2020, a Operação Pronto Emprego** poderia substituir o trecho “A Secretaria DF Legal deu início, em agosto de 2020, à Operação Pronto Emprego”.
- b) O trecho “ainda em fase inicial de construção” poderia ser substituído pela redação **a qual ainda se encontra em fase inicial de construção**.
- c) A autora deveria empregar o vocábulo **bastante** no plural, caso desejasse incluí-lo diante do substantivo “denúncias”.
- d) A construção “os impactos social, político e financeiro” não poderia ser substituída pela redação **o impacto social, o político e o financeiro**.
- e) A construção “São removidas” poderia ser substituída pela forma **Remove-se**.



Ainda que a redação fique estranha, é correto registrar “às bastantes denúncias” (equivalente a “às muitas denúncias”), pois o termo é adjetivo. Nas demais alternativas, os registros corretos seriam estes: (A) foi iniciada a Operação (concorda com o termo feminino); (B)

as quais ainda se encontram (retoma “as invasões e obras”); (D) a substituição é possível (note o determinante antes do 2º adjetivo); (E) Removem-se (concorda na terceira pessoa do plural).

Letra c.

020. (IUDS/AUXILIAR/PREF. PEDREIRA/2022) Leia a seguinte frase:

“Em *A descendência do homem*, publicado em 1871, Charles Darwin faz apenas uma **alusão** passageira aos homens de Neandertal.”

O significado da palavra destacada é:

- a) omissão
- b) supressão
- c) referência
- d) desaprovação



A palavra “alusão” significa “referência”: é o ato ou efeito de aludir, de fazer rápida menção a alguém ou algo. Os termos “omissão”, “supressão” e “desaprovação” não traduzem o sentido da palavra “alusão”.

Letra c.



021. (IUDS/OFICIAL/CÂM. DE ESTÂNCIA DE SOCORRO/2022) Pode-se dizer, em relação ao texto, que:

- a) o termo “doces” gera humor devido a relação de sinonímia.
- b) não há polissemia, pois os termos têm significado único.
- c) “doces tempos” é ambíguo e responsável por desencadear o efeito de humor.
- d) o vocábulo “doces” é polissêmico porque ambas as ocorrências têm sentido denotativo.



A ambiguidade está presente no termo “doce”, o qual é polissêmico: pode caracterizar situações ou acontecimentos tranquilos e felizes, ou pode se referir a algo (um alimento) preparado com açúcar ou outra substância adoçante. Esse termo não é polissêmico porque ambas as ocorrências têm sentido denotativo (na verdade, o primeiro sentido é figurado). No quadrinho em questão, o termo não estabelece relação de sinonímia com outro termo.

Letra c.

Catar: perfil do país-sede da Copa de 2022

Outrora um dos países mais pobres do Golfo Pérsico, o Catar é hoje um dos emirados mais ricos da região graças às suas reservas de petróleo e gás. Estas últimas estão entre as três maiores do mundo, atrás apenas da Rússia e do Irã.

O dinheiro do petróleo financia um Estado social abrangente, com inúmeros serviços gratuitos ou fortemente subsidiados, mas há inúmeras denúncias sobre o emprego de mão de obra estrangeira em condições análogas à escravidão. Até 2016, vigorava no emirado um sistema conhecido como kafala, que impedia os trabalhadores de mudar de emprego ou mesmo sair do país sem a permissão do seu empregador, segundo a Anistia Internacional.

Uma análise do jornal britânico Guardian indicou que mais de 6,5 mil trabalhadores estrangeiros haviam morrido durante a construção de novos hotéis, estádios e infraestrutura relacionados à Copa do Mundo, até dezembro de 2020 – em dez anos desde que o país ganhou o direito de sediar a Copa.

[...]

O Catar é governado pelo emir Hamad al-Thani, que substituiu o pai em uma transferência de poder pacífica em junho de 2013.

Como seu pai, Hamad al-Thani foi educado na Inglaterra: frequentou a escola Sherborne em Dorset e Sandhurst, a academia militar britânica.

Suas prioridades de governo são a diversificação da economia e o investimento na infraestrutura nacional, mas na prática a sua administração tem sido marcada por tensões regionais e o bloqueio de quatro anos liderado pela Arábia Saudita.

A influente emissora de televisão pan-árabe Al-Jazeera, que é controlada pelo governo, elevou a presença do Catar na mídia internacional. Mas no plano interno a AlJazeera, assim como o resto da mídia nacional, evita fazer críticas ao Estado e ao governo.

022. (IUDS/ASSESSOR/CÂM. DE ESTÂNCIA DE SOCORRO/2022)

“O nível de utilização da internet no Catar é muito elevado, **embora** as autoridades censurem [...]” (8º parágrafo)

Assinale a alternativa em que a substituição da palavra destacada nesse trecho **altera seu sentido**.

- a) O nível de utilização da internet no Catar é muito elevado, ainda que as autoridades censurem [...]
- b) O nível de utilização da internet no Catar é muito elevado, contanto que as autoridades censurem [...]
- c) O nível de utilização da internet no Catar é muito elevado, mesmo que as autoridades censurem [...]
- d) O nível de utilização da internet no Catar é muito elevado, conquanto as autoridades censurem [...]



A conjunção “embora” é concessiva. O mesmo valor está presente nos articuladores “ainda que”, “mesmo que” e “conquanto”. Em (B), no entanto, não observamos uma conjunção concessiva, mas condicional (contanto que, significando “na condição de que”).

Letra b.

023. (FGV/TRF-1/AJAA/2024) A frase abaixo em que está correto o emprego do pronome demonstrativo sublinhado é:

- a) Somos seres muito primitivos, operando a 0,001% da potência espiritual que somos capazes de operar nessa vida;
- b) O meu cão não fala e é graças a isso que eu o compreendo;
- c) A verdade é essa: todos devemos trabalhar;
- d) João e Maria vieram: este de táxi e aquele de ônibus;
- e) Na Idade Média todos eram bons cristãos; nesta época, a Igreja era muito poderosa.



Em (B), o “isso” é anafórico (retoma informação textual anterior). Nas demais alternativas, o correto seria: (A) nesta, (C) esta, (D) esta e aquele e (E) nessa.

Letra b.

024. (FGV/TRF-1/AJAA/2024) Todas as frases abaixo mostram comparações introduzidas por “como”; a única opção em que a comparação NÃO está explicada é:

- a) Se as pessoas agissem como as nações, seriam todas colocadas em camisa de força;
- b) Os reis são com seus ministros como os maridos traídos com suas mulheres: nunca sabem o que se passa;

- c) A vontade de um povo é como um relâmpago que dura um segundo;
- d) Ser presidente é como administrar um cemitério: há um monte de gente embaixo de você, mas ninguém escuta;
- e) Países são como frutas – os vermes estão dentro.



Em (A), não observamos a explicação para a comparação apresentada. O que há no comportamento das nações que leva as pessoas a serem colocadas em camisa de força? Não se explica. Nas demais alternativas, há ao menos uma explicação para a comparação (isto é, por qual razão a comparação existe).

Letra a.

025. (FGV/TRF-1/AJAA/2024)

“A melhor defesa contra a bomba atômica é não estar lá quando ela explodir”.

O problema de construção dessa frase está:

- a) no emprego de “lá” sem antecedente;
- b) na utilização do pronome “ela” para substituir “bomba”;
- c) na falta de vírgula antes da última oração;
- d) no mau uso de “melhor” para adjetivar “defesa”;
- e) na incoerência interna entre segmentos.



A forma “lá” não possui antecedente. Trata-se de uma referência vaga, bastante indefinida. Não sei se há uma “incoerência” interna entre segmentos; na verdade, a suposta incoerência é o que garante o efeito de sentido (quebra de expectativa) gerador de humor. Nas demais alternativas, os apontamentos não constituem problemas de construção.

Letra a.

Texto CG1A1

Em *Tratado de medicina legal*, Agostinho José de Souza Lima define a perícia médica como toda sindicância promovida por autoridade policial ou judiciária acompanhada de exame e cujos peritos, dada a natureza do exame, são ou devem ser médicos. Disso decorre que o perito médico é a pessoa entendida e experimentada em temas de medicina que, designada pela autoridade competente, deverá esclarecer um fato de natureza médica mais ou menos duradouro.

A perícia médico-legal surgiu da necessidade de solução para casos concretos. A princípio, haviam apenas alguns vestígios de perícias nas legislações primitivas; depois, os indícios da

prática ficaram mais evidentes, principalmente na Idade Média, até a atitude de definir-se e concretizar-se na Renascença. Sua instituição oficial no Código Carolino, em 1532.

A perícia médico-legal já era tarefa do Estado desde o tempo dos egípcios, conforme consta dos papiros da época. Embora a medicina egípcia estivesse impregnada de magia e divindade, e empregasse, na cura das doenças, os encantamentos e os exorcismos, alguns historiadores veem indícios de médicos atuando como peritos no Antigo Egito. Os sacerdotes médicos verificavam, por perícia, se a morte fora violenta ou natural; a prática do embalsamamento exigia a mesma verificação. As leis de Menés, a primeira da história, mandavam adiar o castigo das mulheres grávidas, excluindo-as das penas aflitivas, pois isso implicava a intervenção do perito para o diagnóstico da gravidez. O Código de Hamurabi, uma compilação de leis sumérias, previa penas severas para os casos de erro médico, o que subordinava a atividade.

A legislação hebraica, superior às precedentes porque exigia duas testemunhas para a condenação do suspeito, a responsabilidade das testemunhas e do juiz, a garantia dos tribunais, a publicidade dos debates, a igualdade perante a lei e a observância do devido processo, motivava o sentimento de justiça através do dogma religioso. Segundo essa legislação, os médicos peritos deveriam ser aplicados pelos sacerdotes, que também exerciam a função de médico.

(Fonte: COSTA JUNIOR, João Baptista de Oliveira. *Os primórdios da perícia médico-legal*)

026. (CEBRASPE/PERITO MÉDICO/INSS/2025) A coerência e a correção do texto seriam mantidas caso a forma verbal “estivesse” (segundo período do terceiro parágrafo) fosse substituída por **tivesse**.



No contexto, as formas verbais não são intercambiáveis: uma é a flexão do verbo “estar”; a outra, do verbo “ter”.

Errado.

Analizando-se a literatura produzida sobre justiça restaurativa desde o final da década de 70 do século passado, verifica-se que há diferentes abordagens, produzidas por estudiosos dos mais diversos campos do conhecimento (filosofia, psicologia social, antropologia, ciências jurídicas, pedagogia, assistência social, entre outros), incluídos acadêmicos, facilitadores de justiça restaurativa, servidores públicos e entusiastas da justiça restaurativa que buscam disseminar e fortalecer a sua implementação em nível institucional.

Dada essa pluralidade de abordagens, surgiram diversas definições de justiça restaurativa na literatura ao longo das últimas décadas, razão pela qual alguns autores atuais apontam que o conceito de justiça restaurativa ainda estaria “em aberto”. Contudo, parece haver

na literatura certo consenso de que tal pluralidade seria algo positivo, por possibilitar a adaptação do conceito a diferentes contextos culturais. Alguns autores também sugerem que a justiça restaurativa seria um conceito “guarda-chuva”, ou seja, um conceito que abarca uma vasta gama de formulações, desde que sejam conservados os elementos essenciais da justiça restaurativa.

(SILVA, Fernanda Carvalho Dias de Oliveira. *A experiência e o saber da experiência da justiça restaurativa no Brasil: práticas, discursos e desafios*. São Paulo: Blucher, 2021. p. 37-38. Com adaptações)

027. (CEBRASPE/ANALISTA/TRF-6/2025) No primeiro parágrafo, o referente da forma pronominal “sua” é “justiça restaurativa”.



Ao se analisar a cadeia coesiva do texto, observa-se que, de fato, o referente de “sua” é “justiça restaurativa”.

Certo.

Retardei o passo. A tarde estava brilhante, mas o calor era o do inferno, os transeuntes a desfilar pela fornalha com uma expressão de condenados, os rostos lustrosos, o olhar pesado. Um homem de terno branco esbarrou em mim. Caiu-lhe a pasta. Resmungou enquanto se inclinava para apanhá-la. A culpa fora minha e por isso pensei em voltar-me para pedir-lhe desculpas, mas prossegui preguiçosamente pela rua afora. Para que desculpas? Fazia calor e era cansativo ser amável num calor assim. A vontade queria o ócio. O corpo queria nudez. Voltei a cara para o céu ardente. Havia poucas nuvens, mas a tempestade já conspirava no ar. Melhor escolher um outro dia, não? Afinal, tio Samuel não me esperava mesmo, talvez fosse até aborrecê-lo com a minha presença, os loucos estranham às vezes a invasão nos seus mundos.

(TELLES, Lygia Fagundes. *Verão no aquário*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1978. p. 100. Com adaptações)

028. (Q3595290/CEBRASPE/INOVERSASUL/PROF. INGLÊS/2025) A forma pronominal “lhe”, em “Caiu-lhe a pasta” (quarto período), refere-se ao termo “homem” (terceiro período).



O “lhe”, na oração, refere-se a “um homem”, como corretamente afirmado pela questão. Observe que é possível substituir “lhe” por “dele”, em que “ele” retoma “um homem”: caiu a pasta dele (do homem).

Certo.

Texto CB1A1

O renomado linguista e filósofo Noam Chomsky e outros dois especialistas em linguística, Ian Roberts e Jeffrey Watumull, escreveram um artigo para o jornal The New York Times, em março de 2023, compartilhando sua visão sobre os avanços que vêm ocorrendo no campo da inteligência artificial (IA).

Para os intelectuais, os avanços “supostamente revolucionários” apresentados pelos desenvolvedores da IA são motivo “tanto para otimismo como para preocupação”.

No primeiro caso, porque as ferramentas de IA podem ser úteis para resolver certas problemáticas, ao passo que, no segundo, “tememos que a variedade mais popular e em voga da inteligência artificial (aprendizado automático) degrade nossa ciência e deprecie nossa ética ao incorporar à tecnologia uma concepção fundamentalmente errônea da linguagem e do conhecimento”.

Embora os linguistas reconheçam que as IA são eficazes na tarefa de armazenar imensas quantidades de informação, que não necessariamente são verídicas, elas não possuem uma “inteligência” como a das pessoas. “Por mais úteis que esses programas possam ser em alguns campos específicos (como na programação de computadores, por exemplo, ou na sugestão de rimas para versos rápidos), sabemos, pela ciência da língua e pela filosofia do conhecimento, que diferem profundamente do modo como os seres humanos raciocinam e utilizam a linguagem”, alertaram. “Essas diferenças impõem limitações significativas ao que podem fazer, que pode ser codificado com falhas inerradicáveis”.

Nesse sentido, os autores detalharam que, diferentemente de mecanismos de aplicativos como o ChatGPT, que operam com base na coleta de inúmeros dados, a mente humana pode funcionar com pequenas quantidades de informação, por meio das quais “não busca inferir correlações abruptas entre pontos [...], mas, sim, criar explicações”.

Nessa linha, manifestam que esses aplicativos não são realmente “inteligentes”, pois carecem de capacidade crítica. Embora possam descrever e prever “o que é”, “o que foi” e “o que será”, não são capazes de explicar “o que não é” e “o que não poderia ser”.

(Internet: ihu.unisinos.br. Com adaptações)

029. (Q3597928/CEBRASPE/PC-DF/GESTOR DE APOIO/FISIOTERAPIA/2025) No terceiro parágrafo, as expressões “No primeiro caso” e “no segundo”, na qual está subentendido o termo caso, remetem, respectivamente, aos motivos para “otimismo” e para “preocupação” (segundo parágrafo).



De fato, há elipse em “no segundo [caso]”. Em relação à cadeia coesiva, o primeiro termo “no primeiro caso” retoma os motivos para o otimismo e o segundo termo “no segundo [caso]” retoma os motivos para a preocupação.

Certo.

030. (Q3597928/CEBRASPE/PC-DF/GESTOR DE APOIO/FISIOTERAPIA/2025) Estariam mantidos o sentido original e a correção gramatical do texto caso o trecho “incorporar à tecnologia uma concepção fundamentalmente errônea” (terceiro parágrafo) fosse assim reescrito: incorporar a tecnologia a uma concepção fundamentalmente errônea.



Os sentidos originais seriam alterados: no original, incorpora-se algo à tecnologia; na reescrita, a tecnologia é incorporada a algo. Por isso, a afirmativa está errada.

Errado.

031. (Q3597928/CEBRASPE/PC-DF/GESTOR DE APOIO/FISIOTERAPIA/2025) No quinto parágrafo, o pronome relativo empregado no segmento “por meio das quais” faz referência a “pequenas quantidades de informação”.



Vamos observar o conteúdo do quinto parágrafo: “Nesse sentido, os autores detalharam que, diferentemente de mecanismos de aplicativos como o ChatGPT, que operam com base na coleta de inúmeros dados, a mente humana pode funcionar com *pequenas quantidades de informação*, **por meio das quais** “não busca inferir correlações abruptas entre pontos [...], mas, sim, criar explicações.” Ao se analisar a cadeia coesiva, observamos que é por meio das pequenas quantidades de informação que a mente humana “não busca inferir correlações abruptas entre pontos [...], mas, sim, criar explicações.” Assim, a afirmativa está correta em relação ao conteúdo do texto.

Certo.

Texto CG5A1

Tudo está interconectado. Na Amazônia, que abrange uma área comparável à dos 48 estados contíguos aos Estados Unidos da América, nenhum detalhe é por acaso. Portanto, não se trata da necessidade de focar uma área específica ou certas espécies. Os ciclos naturais alterados causam a oscilação de um delicado equilíbrio, que afeta os níveis local, regional e até global e que se aproxima cada vez mais de um ponto de não retorno. No cenário atual, isso significa menos de 20 anos.

A floresta amazônica produz pelo menos metade de sua própria chuva. Quando chove, as raízes das árvores e demais plantas absorvem a água, que satura a superfície das folhas. Depois, há o processo de evapotranspiração: as árvores transpiram umidade, ou seja, a água que caiu como chuva retorna à atmosfera. Até que chove novamente, e todo o ciclo se reinicia.

Esse “rio gigante no céu” fornece água (em forma de chuva) para os países andinos e também ao Uruguai, ao Paraguai, ao centro e ao sul do Brasil e ao norte da Argentina. Em suma, influencia uma região que gera 70% do PIB da América do Sul, de acordo com a The Nature Conservancy, organização não governamental que trabalha em escala global para a conservação do meio ambiente. No entanto, esses padrões de chuva estão ameaçados, tanto na América do Sul quanto na América do Norte.

Da mesma forma, flora e fauna estão em perigo. É importante lembrar que a Amazônia é o lar de 10% da biodiversidade mundial. E aqui também temos um ciclo: quando as árvores são cortadas, muitos predadores desaparecem, e o comportamento de pássaros e insetos polinizadores é alterado. Assim, há menos plantas, menos chuva, mais emissões de carbono, mais secas, menos água, desequilíbrio e ameaças à nossa saúde e qualidade de vida. Tudo está conectado. Para toda ação há uma reação.

(Internet: tnc.org.br. Com adaptações)

032. (Q3639841/CEBRASPE/TRF-6/TÉCNICO JUDICIÁRIO/2025) No quarto parágrafo, o emprego da expressão “Da mesma forma” evidencia a relação de analogia entre o risco à fauna e à flora e a ameaça aos padrões de chuva, mencionada no fim do parágrafo anterior.



O articulador coesivo “da mesma forma” possui o mesmo significado de “igualmente”, o que comprova a noção de analogia indicada na afirmativa. Por isso, trata-se de uma relação de analogia entre o risco à fauna e à flora e a ameaça aos padrões de chuva, mencionada no fim do parágrafo anterior.

Certo.

Pesquisadores da Universidade Raboud, na Holanda, analisando cerca de 5.000 participantes de 358 tarefas cognitivas, chegaram à conclusão de que pensar dói. Não ria. A análise foi feita com o auxílio de um programa especial da NASA. Pelo que entendi, certas atividades cerebrais, como fazer cálculos matemáticos, ler Gertrude Stein ou tomar decisões que envolvam um sim ou não de vida ou morte, provocam sensações orgânicas que podem ser classificadas como dolorosas.

Segundo o estudo, quanto maior o esforço mental, maior o desconforto físico. Não é preciso pensar muito para se chegar a este óbvio, por definição, ululante. A pesquisa não considera a hipótese de todo esforço mental ser relativo – para muitos, calcular uma raiz quadrada será uma tarefa intransponível, enquanto, para outros, discutir a conjectura de Poincaré com Alfred North Whitehead pode ser tão simples como falar de futebol no botequim.

O que me espanta é que a conclusão de que pensar dói tenha vindo de uma instituição da Holanda, país admirado por produzir pensadores em tantos ramos. Eram holandeses Erasmo de Roterdão (1466–1536) e Spinoza (1632–1677), dois pilares da filosofia, atividade cuja única ferramenta é o pensamento. E não há registro de que os filósofos sofressem de lombalgia ou dor de dentes por pensar.

Os holandeses inventaram também a fita cassete, o CD e o DVD, e temos de lhes ser gratos por isso. Mas depois os desinventaram – e pensar nisso, sim, dói.

(CASTRO, Ruy. *Pensar dói? Internet: Com adaptações*)

033. (Q3663889/CEBRASPE/INOVERSASUL/AUXILIAR OPERACIONAL/2025) O vocábulo “Segundo” (primeiro período do segundo parágrafo) poderia ser substituído por **Conforme**, sem prejuízo dos sentidos e da correção gramatical do texto.



Os articuladores coesivos “Segundo” e “Conforme” possuem o mesmo significado e são intercambiáveis. Eles são conformativos, equivalendo a “Consoante” e “De acordo com”.

Certo.

Texto CG1A1

Duas ideias recentes que considerei fantásticas fizeram-me refletir sobre o conceito de sustentabilidade. A primeira foi de uma entrevista com Don Tapscott, um dos mais respeitados estudiosos do impacto das tecnologias nas empresas e na sociedade, autor e coautor de 14 livros. Na entrevista, ele afirma que a Internet não muda o que aprendemos, mas o modo como aprendemos – e o impacto dessa revolução terá a mesma intensidade que a invenção dos tipos móveis de Gutenberg: “Não vivemos na era da informação. Estamos na era da colaboração. A era da inteligência conectada”. A segunda ideia é da empresária americana Lisa Ganski, fundadora de várias empresas na Internet. Em sua ousada teoria, ela defende que o futuro dos negócios é o compartilhamento de produtos e serviços. **Segundo** sua tese, as pessoas não vão mais possuir coisas, vão apenas ter acesso a elas. Para que comprar um carro, gastar com seguro e manutenção se você pode alugar o do vizinho? Para que investir em roupas caras para o seu bebê (que espicha rápido) se você pode trocar peças com mães de filhos já grandinhos? Lisa aposta que, com a ajuda das mídias sociais e da tecnologia, pessoas, serviços e empresas vão encontrar-se com mais facilidade para trocar ou compartilhar.

A ideia do consumo compartilhado dirige-se aos bens de consumo de maior ociosidade. Por exemplo, nos Estados Unidos da América, a média de utilização de um automóvel é de 8%. Os 92% restantes são de ociosidade nos estacionamentos. Então, por que não alugar

o carro em vez de comprar? Ganski sugere que sejam, cada vez mais, criados sistemas de locação para alguns bens de consumo de maior ociosidade.

Na produção compartilhada, além da redução dos custos de produção por menores encargos trabalhistas, maior eficiência da mão de obra e menor consumo de energia, há em tese uma redução dos impactos ambientais pela redução de resíduos e dispersão destes em áreas distantes umas das outras. Logicamente há também uma maior geração de empregos e melhor distribuição de renda.

Segundo esses pensadores, esta pode ser uma nova opção para o empresariado e para a sociedade segundo o moderno conceito de sustentabilidade. O meio ambiente agradece.

(ALVES, Raimundo Nonato Brabo. *Compartilhar a produção e o consumo de bens em busca da sustentabilidade*. In: *Crônicas ambientais ecos da floresta*. Brasília, DF: Embrapa, 2015. p. 62-64. Com adaptações)

034. (Q3736366/CEBRASPE/EMBRAPA/TÉCNICO/2025) O vocábulo “Segundo”, presente no segundo e no último parágrafos, expressa a ideia de conformidade em ambas as ocorrências.



Sabemos que o vocábulo “segundo” expressa a ideia de conformidade quando pode ser substituído por “conforme/consoante/de acordo com”: **Conforme/Consoante/De acordo com** sua tese, as pessoas não vão mais possuir coisas, vão apenas ter acesso a elas. **Conforme/Consoante/De acordo com** esses pensadores, essa pode ser uma nova opção para o empresariado e para a sociedade segundo o moderno conceito de sustentabilidade. Por essa razão, a afirmativa está correta, pois, nas duas ocorrências, o vocábulo “segundo” expressa a ideia de conformidade.

Certo.

035. (Q3736366/CEBRASPE/EMBRAPA/TÉCNICO/2025) No trecho “A primeira foi de uma entrevista com Don Tapscott” (segundo período do primeiro parágrafo), é empregado recurso de coesão por elipse.



A elipse ocorre quando um termo está oculto e é facilmente recuperável pelo contexto textual. No período anterior, lê-se: “Duas ideias recentes que considereei fantásticas fizeram-me refletir sobre o conceito de sustentabilidade”. Há, então, duas ideias. Na sequência, fala-se sobre a primeira delas: “A primeira [ideia] foi de uma entrevista com Don Tapscott [...]”. O termo elíptico é [ideia]. Essa retomada é um importante recurso coesivo, como corretamente afirmado na questão.

Certo.

Texto CB1A1

Embora as instituições nacionais ligadas à soberania venham atuando nas últimas décadas em suporte às políticas ambientais brasileiras, a relação entre as duas esferas nem sempre se deu em bases cooperativas. Partindo-se de uma compreensão estreita da segurança, a preservação do meio ambiente **foi** vista, durante certo tempo, não como uma pré-condição para se garantir a segurança nacional e humana, mas como uma ameaça à integridade territorial e aos interesses nacionais brasileiros. Temia-se, nesse sentido, que as inestimáveis riquezas naturais do Brasil despertassem a cobiça internacional, de forma a representar riscos às fronteiras nacionais e ao direito soberano do país de gerenciar seus recursos naturais de maneira autônoma, em busca do desenvolvimento.

Vigorava, portanto, a compreensão de que assumir compromissos de cooperação na arena ambiental implicaria o decréscimo da soberania nacional. O posicionamento defendido pela delegação brasileira durante a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente Humano (CNUMAH), realizada em Estocolmo em 1972, seria sintomático desse entendimento: “Na área do aproveitamento de recursos naturais, os interesses nacionais, em termos econômicos e de segurança, são de tal monta, que qualquer fórmula que, sob o pretexto ecológico, impusesse uma sistemática de consulta para projetos de desenvolvimento seria simplesmente inaceitável para o Brasil.”

Nas décadas posteriores, as interpretações relativas às preocupações ambientais foram gradualmente transformadas, tanto no âmbito da sociedade quanto em meio às instituições de defesa. O processo de redemocratização, o fortalecimento de organizações da sociedade civil, o avanço dos estudos científicos e a consolidação de uma estrutura federal de governança ambiental favoreceram essas novas percepções e, sobretudo, a aproximação desses dois setores.

(Internet: soberaniaeclima.org.br. Com adaptações)

036. (Q3605678/CEBRASPE/PC-DF/ANALISTA/2025) Sem prejuízo da correção gramatical e da coerência das ideias do texto, a forma verbal “foi” (segundo período do primeiro parágrafo) poderia ser substituída por **era**.



Observe que a questão afirma que não haveria prejuízo da correção gramatical e da coerência das ideias do texto ao se substituir “foi” por “era”. Vejamos o trecho com a substituição: “Partindo-se de uma compreensão estreita da segurança, a preservação do meio ambiente **era** vista, durante certo tempo, não como uma pré-condição para se garantir a segurança nacional e humana, mas como uma ameaça à integridade territorial e aos interesses

nacionais brasileiros.” O que mudou foi o aspecto verbal: de perfeito (concluso) passou para imperfeito (inconcluso). Essa alteração gera mudança de sentido original, mas NÃO traz prejuízo gramatical ou produz incoerência das ideias (que, globalmente, mantêm-se as mesmas).

Certo.

Texto CG1A1

Em *Tratado de Medicina Legal*, Agostinho José de Souza Lima define a perícia médica como toda sindicância promovida por autoridade policial ou judiciária, acompanhada de exame, e cujos peritos, dada a natureza do exame, são ou devem ser médicos. Disso decorre que o perito médico é a pessoa entendida e experiente em temas de medicina que, designada pela autoridade competente, deverá esclarecer um fato de natureza médica mais ou menos duradouro.

A perícia médico-legal surgiu da necessidade de solução para casos concretos. A princípio, havia apenas alguns vestígios de perícias nas legislações primitivas; depois, os indícios da prática ficaram mais evidentes, principalmente na Idade Média, até a atitude de definir-se e concretizar-se na Renascença. Sua instituição oficial deu-se no Código Carolino, em 1532.

A perícia médico-legal já era tarefa do Estado desde o tempo dos egípcios, conforme consta dos papiros da época. Embora a medicina egípcia estivesse impregnada de magia e divindade e empregasse, na cura das doenças, encantamentos e exorcismos, alguns historiadores veem indícios de médicos atuando como peritos no Antigo Egito. Os sacerdotes médicos verificavam, por perícia, se a morte fora violenta ou natural; a prática do embalsamamento exigia a mesma verificação. As leis de Menés, a primeira da história, mandavam adiar o castigo das mulheres grávidas, excluindo-as das penas aflitivas, pois isso implicava a intervenção do perito para o diagnóstico da gravidez. O Código de Hamurabi, uma compilação de leis sumérias, previa penas severas para os casos de erro médico, o que subordinava a atividade.

A legislação hebraica, superior às precedentes por exigir duas testemunhas para a condenação do suspeito, a responsabilidade das testemunhas e do juiz, a garantia dos tribunais, a publicidade dos debates, a igualdade perante a lei e a observância do devido processo, motivava o sentimento de justiça por meio do dogma religioso. Segundo essa legislação, os médicos peritos deveriam ser indicados pelos sacerdotes, que também exerciam a função de médicos.

(Fonte: COSTA JUNIOR, João Baptista de Oliveira e. *Os primórdios da perícia médico-legal*)

037. (CEBRASPE/PERITO MÉDICO/INSS/2025) A correção e o sentido do texto seriam mantidos caso a expressão “mais ou menos” (segundo período do primeiro parágrafo) fosse substituída por **comendidamente**.



Não há compatibilidade entre “mais ou menos” (que equivale a “aproximadamente”) e “comendidamente” (que significa “de modo prudente e cauteloso”).

Errado.

038. (CEBRASPE/PERITO MÉDICO/INSS/2025) Os segmentos “o mais antigo faraó da história” (quarto período do terceiro parágrafo) e “uma compilação de leis sumerianas” (último período do terceiro parágrafo) exercem função explicativa em relação aos termos que os antecedem, respectivamente, “Menés” e “O Código de Hamurabi”.



De fato, os dois termos trazem explicações (dizem o que são; definem) para “Manés” e “O Código de Hamurabi”.

Certo.

039. (CEBRASPE/PERITO MÉDICO/INSS/2025) O trecho “havia apenas alguns vestígios de perícia médica nas legislações primitivas” (segundo período do segundo parágrafo) poderia ser reescrito, com manutenção da correção gramatical e da coerência de suas ideias, da seguinte forma: **encontraram-se, nas legislações primitivas, apenas alguns vestígios de perícia médica.**



A reescrita mantém a correção gramatical e a coerência global, ainda que haja modificação substancial das estruturas oracionais (uma é ativa e a outra, passiva). Para ambas, a noção de impessoalidade se mantém.

Certo.

De acordo com o **Plano das Nações Unidas sobre Discursos de Ódio**, a prática do discurso de ódio se caracteriza como um tipo de comunicação falada, escrita ou comportamental que ataca ou utiliza linguagem pejorativa ou discriminatória em referência a uma pessoa ou grupo, com base em fatores de identidade, como religião, etnia, gênero, entre outros. Diferentemente da desinformação (prática não intencional de compartilhamento de informações imprecisas), ou da distribuição intencional de informações falsas com o intuito de provocar dano, o discurso de ódio se expressa de forma violenta contra grupos delimitados.

O discurso de ódio online pode ser reproduzido em diferentes formatos, mas geralmente contém características típicas do meio digital, como o anonimato do(a) autor(a), o alcance

expandido do ataque, a instantaneidade da mensagem e a formação de comunidades em torno do discurso.

(FERNANDES, Eduardo Georjão; LUZ, Valentina Fonseca da. *O papel das políticas públicas no combate ao discurso de ódio na Internet*. Internet: agenciagov.ebc.com.br. Com adaptações)

040. (CEBRASPE/ANALISTA/TRF-6/2025) Sem prejuízo da correção gramatical e dos sentidos originais do texto, o trecho “De acordo com o Plano das Nações Unidas sobre Discursos de Ódio, a prática do discurso de ódio se caracteriza como um tipo de comunicação falada, escrita ou comportamental” (primeiro parágrafo) poderia ser reescrito da seguinte forma: Segundo o Plano das Nações Unidas sobre Discursos de Ódio, caracteriza-se essa prática como um tipo de comunicação (falada, escrita ou comportamental).



A reescrita traz uma omissão inadequada (“do discurso de ódio”), sendo a anáfora incapaz de retomar um termo que está interno ao nome do plano. Além disso, o emprego do sinal de parênteses não mantém o sentido original, pois secundariza o tipo de comunicação.

Errado.

Texto CB1A1

Embora as instituições nacionais ligadas à soberania venham atuando nas últimas décadas em suporte às políticas ambientais brasileiras, a relação entre as duas esferas nem sempre se deu em bases cooperativas. Partindo-se de uma compreensão estreita da segurança, a preservação do meio ambiente foi vista, durante certo tempo, não como uma precondição para se garantir a segurança nacional e humana, mas como uma ameaça à integridade territorial e aos interesses nacionais brasileiros. Temia-se, nesse sentido, que as inestimáveis riquezas naturais do Brasil despertassem a cobiça internacional, de forma a representar riscos às fronteiras nacionais e ao direito soberano do país de gerenciar seus recursos naturais de maneira autônoma, em busca do desenvolvimento.

Vigorava, portanto, a compreensão de que assumir compromissos de cooperação na arena ambiental implicaria o decréscimo da soberania nacional. O posicionamento defendido pela delegação brasileira durante a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente Humano (CNUMAH), realizada em Estocolmo em 1972, seria sintomático desse entendimento: “Na área do aproveitamento de recursos naturais, os interesses nacionais, em termos econômicos e de segurança, são de tal monta, que qualquer fórmula que, sob o pretexto ecológico, impusesse uma sistemática de consulta para projetos de desenvolvimento seria simplesmente inaceitável para o Brasil.”

Nas décadas posteriores, as interpretações relativas às preocupações ambientais foram gradualmente transformadas, tanto no âmbito da sociedade quanto em meio às

instituições de defesa. O processo de redemocratização, o fortalecimento de organizações da sociedade civil, o avanço dos estudos científicos e a consolidação de uma estrutura federal de governança ambiental favoreceram essas novas percepções e, sobretudo, a aproximação desses dois setores.

(Internet: soberaniaeclima.org.br. Com adaptações)

041. (Q3605678/CEBRASPE/PC-DF/ANALISTA/2025) A substituição da palavra “sintomático” (segundo período do segundo parágrafo) por **revelador** manteria a coerência e a correção do texto.



No contexto analisado, as palavras “sintomático” e “revelador” são sinônimas. Isso é comprovado pela manutenção do sentido na reescrita: “O posicionamento defendido pela delegação brasileira durante a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente Humano (CNUMAH), realizada em Estocolmo em 1972, seria **revelador** desse entendimento.” Ambos denotam a manifestação de um entendimento.

Certo.

É bem verdade que um número considerável de brasileiros utiliza outros idiomas como sua língua primeira. Há os usuários da LIBRAS, a língua brasileira de sinais, que é um idioma pleno e totalmente diferente do português; há os falantes das línguas originárias do Brasil que não foram extintas durante esses séculos de colonização (no censo de 2010, pouco menos de 140 mil dessas pessoas disseram não usar o português em família); há falantes das diversas línguas de colonização que aportaram aqui especialmente no final do século XIX e no começo do XX (o talian dos migrantes italianos, o hunsrückisch ou o pommeranisch dos alemães, entre várias outras, como o árabe, o japonês, o polonês); e há também falantes de línguas que chegaram com migrações mais recentes, como a dos sírios, haitianos e venezuelanos. Parte dessa diversidade, inclusive, é hoje reconhecida por atos legais que, nos últimos anos, concederam a certos idiomas originários (o baniwa e o tukano, por exemplo) e a algumas línguas de herança (como o pommeranisch) o estatuto de línguas oficiais de seus municípios.

(GALINDO, Caetano W. *Latim em pó: um passeio pela formação do nosso português*. São Paulo: Companhia das Letras, 2023. Com adaptações)

042. (Q3596362/CEBRASPE/INOVERSASUL/PROF. PORTUGUÊS/2025) No texto, os vocábulos “idioma” e “língua” são empregados como sinônimos, assim como as formas verbais “aportaram” e “chegaram”.



De fato, os pares idioma-língua e aportaram-chegaram são empregados como sinônimos no texto. Esse recurso é adotado em diversos textos como estratégia para manter a coesão do texto sem repetir vocábulos.

Certo.

“Você é espírita, Fernando? Então como é que você me pergunta o que eu faço às três horas da tarde? Às três horas da tarde sou a mulher mais exigente do mundo. Fico às vezes reduzida ao essencial, quer dizer, só meu coração bate. Quando passa, vem seis da tarde, também indescritíveis, em que eu fico cega”. (Carta de Clarice Lispector a Fernando Sabino em 19/6/1946)

“De certo modo, você me dispensa de escrever. Resta o consolo de pensar que se eu fosse capaz como você de dizer o indizível, eu teria a dizer certas coisas que você ainda vai dizer. E me limito a ficar esperando”. (Carta de Fernando Sabino a Clarice Lispector em 30/3/1955)

Em 1944, Fernando Sabino recebeu um exemplar de *Perto do Coração Selvagem*, com dedicatória da autora estreante, Clarice Lispector. Ele não fazia ideia de quem era ela. De qualquer maneira, ficou deslumbrado com o livro. Tempos depois, quando a conheceu pessoalmente, ficou deslumbrado com Clarice.

Os jovens escritores viveram uma paixão não formulada. Encontravam-se diariamente, longas conversas numa confeitaria do Rio. Separados por compromissos fora do país, trocaram cartas, no período entre 1949 e 1969. Em 2001, Fernando as reuniu em *Cartas Perto do Coração*, comovente testemunho de fidelidade à literatura e à amizade. Livro de culto, rapidamente se esgotou; poucos exemplares, e caríssimos, eram achados em sebos. Reaparece agora, em edição de capa dura, novo projeto gráfico e fac-símiles dos manuscritos.

Quem vê o prestígio de Clarice hoje não imagina suas angústias e incertezas reveladas na correspondência. Seu segundo livro, *O Lustre*, foi recebido em silêncio. Dez anos após o aparecimento do terceiro, *A Cidade Sitiada*, de 1949, ela estava esquecida. Os originais do romance *A Maçã no Escuro* ficaram cinco anos pegando poeira no escritório do editor Ênio Silveira. Além de segurar a barra da amiga, Fernando passou a atuar como agente literário de Clarice, até que seu talento fosse reconhecido.

Com a publicação de *Uma Aprendizagem*, em 1969, Fernando carinhosamente entrega os pontos: “Eu não mereço mais ser seu leitor. Você foi longe demais para mim”.

(SILVA, Álvaro Costa e. *A paixão nas cartas de Clarice Lispector e Fernando Sabino*. Internet: folha.uol.com.br. Com adaptações)

043. (Q3601001/CEBRASPE/INOVERSASUL/PROF. PORTUGUÊS/2025) Em “Os jovens escritores viveram uma paixão não formulada” (quarto parágrafo), o vocábulo “formulada” pode ser substituído por **declarada**, sem que se comprometa o sentido original do período.



As palavras “formulada” e “declarada” são sinônimas, pois equivalem à noção de “manifesta” ou “expressa”. Isso é comprovado pela manutenção de sentido na reescrita: “Os jovens escritores viveram uma paixão não declarada”.

Certo.

Texto CG1A1

Duas ideias recentes que considerei fantásticas fizeram-me refletir sobre o conceito de sustentabilidade. A primeira foi de uma entrevista com Don Tapscott, um dos mais respeitados estudiosos do impacto das tecnologias nas empresas e na sociedade, autor e coautor de 14 livros. Na entrevista, ele afirma que a Internet não muda o que aprendemos, mas o modo como aprendemos – e o impacto dessa revolução terá a mesma intensidade que a invenção dos tipos móveis de Gutenberg: “Não vivemos na era da informação. Estamos na era da colaboração. A era da inteligência conectada”. A segunda ideia é da empresária americana Lisa Ganski, fundadora de várias empresas na Internet. Em sua ousada teoria, ela defende que o futuro dos negócios é o compartilhamento de produtos e serviços. Segundo sua tese, as pessoas não vão mais possuir coisas, vão apenas ter acesso a elas. Para que comprar um carro, gastar com seguro e manutenção se você pode alugar o do vizinho? Para que investir em roupas caras para o seu bebê (que espicha rápido) se você pode trocar peças com mães de filhos já grandinhos? Lisa aposta que, com a ajuda das mídias sociais e da tecnologia, pessoas, serviços e empresas vão encontrar-se com mais facilidade para trocar ou compartilhar.

A ideia do consumo compartilhado dirige-se aos bens de consumo de maior ociosidade. Por exemplo, nos Estados Unidos da América, a média de utilização de um automóvel é de 8%. Os 92% restantes são de ociosidade nos estacionamentos. Então, por que não alugar o carro em vez de comprar? Ganski sugere que sejam, cada vez mais, criados sistemas de locação para alguns bens de consumo de maior ociosidade.

Na produção compartilhada, além da redução dos custos de produção por menores encargos trabalhistas, maior eficiência da mão de obra e menor consumo de energia, há em tese uma redução dos impactos ambientais pela redução de resíduos e dispersão destes em áreas distantes umas das outras. Logicamente há também uma maior geração de empregos e melhor distribuição de renda.

Segundo esses pensadores, esta pode ser uma nova opção para o empresariado e para a sociedade segundo o moderno conceito de sustentabilidade. O meio ambiente agradece.

(ALVES, Raimundo Nonato Brabo. *Compartilhar a produção e o consumo de bens em busca da sustentabilidade*. In: *Crônicas ambientais ecos da floresta*. Brasília, DF: Embrapa, 2015. p. 62-64. Com adaptações)

044. (Q3736366/CEBRASPE/EMBRAPA/TÉCNICO/2025) A substituição do segmento “refletir sobre” (primeiro período do primeiro parágrafo) por **pensar** preservaria a coerência das ideias do texto e sua correção gramatical.



De fato, a coerência e a correção gramatical são mantidas, bastando verificar como a substituição está adequada: “Duas ideias recentes que considerei fantásticas fizeram-me pensar no conceito de sustentabilidade.” Note que a regência transitiva direta de “pensar” também está correta.

Certo.

045. (Q3736366/CEBRASPE/EMBRAPA/TÉCNICO/2025) O vocábulo “ousada” (segundo período do segundo parágrafo) é empregado no texto como sinônimo de **arriscada** ou **perigosa**.



O sentido do vocábulo “ousada”, no trecho em análise, não é equivalente a “arriscada” ou “perigosa”. Na verdade, o sentido correto é o de “arrojado”, “inovador”: a teoria seria arrojada, inovadora.

Errado.

046. (Q3736366/CEBRASPE/EMBRAPA/TÉCNICO/2025) A substituição do vocábulo “ociosidade” (primeiro período do terceiro parágrafo) por **inatividade** preservaria a coerência das ideias do texto.



Quando substituímos um vocábulo pelo outro, como sugerido pela questão, observamos que a coerência se mantém, ainda que haja algum grau de mudança no sentido original: “A ideia do consumo compartilhado dirige-se aos bens de consumo de maior **inatividade**.”

Certo.

047. (Q3736366/CEBRASPE/EMBRAPA/TÉCNICO/2025) A expressão “em tese” (primeiro período do quarto parágrafo) poderia ser substituída por **a princípio**, sem prejuízo dos sentidos e da correção gramatical do texto.



A expressão “a princípio” significa “na fase inicial”, “inicialmente”. Esse sentido não é compatível com “em tese”, que poderia ser substituído por outra forma: “em princípio” (teoricamente/ de modo geral).

Errado.

Texto CB1A1

Embora as instituições nacionais ligadas à soberania venham atuando nas últimas décadas em suporte às políticas ambientais brasileiras, a relação entre as duas esferas nem sempre se deu em bases cooperativas. Partindo-se de uma compreensão estreita da segurança, a preservação do meio ambiente foi vista, durante certo tempo, não como uma precondição para se garantir a segurança nacional e humana, mas como uma ameaça à integridade territorial e aos interesses nacionais brasileiros. Temia-se, nesse sentido, que as inestimáveis riquezas naturais do Brasil despertassem a cobiça internacional, de forma a representar riscos às fronteiras nacionais e ao direito soberano do país de gerenciar seus recursos naturais de maneira autônoma, em busca do desenvolvimento.

Vigorava, portanto, a compreensão de que assumir compromissos de cooperação na arena ambiental implicaria o decréscimo da soberania nacional. O posicionamento defendido pela delegação brasileira durante a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente Humano (CNUMAH), realizada em Estocolmo em 1972, seria sintomático desse entendimento: “Na área do aproveitamento de recursos naturais, os interesses nacionais, em termos econômicos e de segurança, são de tal monta, que qualquer fórmula que, sob o pretexto ecológico, impusesse uma sistemática de consulta para projetos de desenvolvimento seria simplesmente inaceitável para o Brasil.”

Nas décadas posteriores, as interpretações relativas às preocupações ambientais foram gradualmente transformadas, tanto no âmbito da sociedade quanto em meio às instituições de defesa. O processo de redemocratização, o fortalecimento de organizações da sociedade civil, o avanço dos estudos científicos e a consolidação de uma estrutura federal de governança ambiental favoreceram essas novas percepções e, sobretudo, a aproximação desses dois setores.

(Internet: soberaniaeclima.org.br. Com adaptações)

048. (Q3605678/CEBRASPE/PC-DF/ANALISTA/2025) A correção gramatical e o sentido do texto seriam mantidos caso se substituisse a expressão “em busca do desenvolvimento” (terceiro período do primeiro parágrafo) por **visando ao desenvolvimento**.



O verbo “visar” pode significar “ter (algo) como desígnio, ter por fim ou objetivo; mirar (a), propor-se”. É esse o sentido da expressão original “em busca de”. Além disso, a transitividade está adequada, com o verbo “visar” selecionando preposição. Por isso, a reescrita está correta.

Certo.

Um cientista empenhado em pesquisa – no campo da física, por exemplo – pode atacar diretamente o problema que enfrenta. Pode penetrar, de imediato, no cerne da questão, isto é, no cerne de uma estrutura organizada. Com efeito, conta sempre com a existência de uma estrutura de doutrinas científicas já existentes e com uma situação-problema que é reconhecida como problema nessa estrutura. Essa é a razão por que pode entregar a outros a tarefa de adequar ao quadro geral do conhecimento científico a sua contribuição.

O filósofo vê-se em posição diversa. Ele não se coloca diante de uma estrutura organizada, mas, antes, em face de algo que semelha um amontoado de ruínas (embora, talvez, haja tesouros ocultos). Não lhe é dado apoiar-se no fato de existir uma situação-problema, geralmente reconhecida como tal, pois não existir algo semelhante é possivelmente o fato geralmente reconhecido. Com efeito, tornou-se agora questão frequente, nos círculos filosóficos, saber se a filosofia chegará a colocar um problema genuíno.

Apesar de tudo, há quem acredite que a filosofia possa colocar problemas genuínos acerca das coisas e quem, portanto, ainda tenha a esperança de ver esses problemas discutidos, e afastados aqueles monólogos desalentadores que hoje **passam por** discussão filosófica. Se, por acaso, se julgam incapazes de aceitar qualquer das orientações existentes, tudo o que lhes resta fazer é começar de novo, desde o princípio.

(POPPER, Karl. A lógica da pesquisa científica. Tradução de: Leonidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. São Paulo: Cultrix, 2008. p. 23. Com adaptações)

049. (Q3663785/CEBRASPE/INOVERSASUL/AUXILIAR OPERACIONAL/2025) No primeiro período do último parágrafo, a expressão “passam por” está empregada com o mesmo sentido de **perpassam**.



“Perpassar” significa “passar perto ou ao longo de”. No contexto, o sentido de “passam por” não é esse, pois significa algo equivalente a “tentar ser” ou “parecer”. Por isso, os sentidos são diferentes.

Errado.

050. (Q3663785/CEBRASPE/INOVERSASUL/AUXILIAR OPERACIONAL/2025) No primeiro parágrafo, o sujeito da forma verbal “conta” (terceiro período) retoma “Um cientista empenhado em pesquisa” (primeiro período).



Quando perguntamos ao predicado “quem conta?”, a resposta será justamente o sujeito: um cientista empenhado em pesquisa. Por isso, a afirmativa está certa.

Certo.

REFERÊNCIAS

AZEREDO, J. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. [S. l.: s. n.], 2008.

BRASIL. *Manual de Redação da Presidência da República*. [S. l.: s. n.], 2018.

GARCIA, O. *Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever aprendendo a pensar*. [S. l.: s. n.], 2013.

HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. [S. l.: s. n.], 2009.

KOCH, I. *O texto e a construção dos sentidos*. [S. l.: s. n.], 2008.

SAUSSURE, F. *Curso de lingüística geral*. [S. l.: s. n.], 2012.

ANEXO

LISTA DE PARÔNIMOS ORGANIZADA PELO MANUAL DE REDAÇÃO DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA (3ª EDIÇÃO, 2018)

Absolver: inocentar, relevar da culpa imputada: *O júri absolveu o réu.*

Absorver: embeber em si, esgotar: *O solo absorveu lentamente a água da chuva.*

Acender: atear (fogo), inflamar.

Ascender: subir, elevar-se.

Acento: sinal gráfico; inflexão vocal: *Vocábulo sem acento.*

Assento: banco, cadeira: *Tomar assento num cargo.*

Acerca de: sobre, a respeito de: *No discurso, o Presidente falou acerca de seus planos.*

A cerca de: a uma distância aproximada de: *O anexo fica a cerca de trinta metros do prédio principal. Estamos a cerca de um mês ou (ano) das eleições.*

Há cerca de: faz aproximadamente (tanto tempo): *Há cerca de um ano, tratamos de caso idêntico; existem aproximadamente: Há cerca de mil títulos no catálogo.*

Acidente: acontecimento casual; desastre: *A derrota foi um acidente na sua vida profissional. O súbito temporal provocou terrível acidente no parque.*

Incidente: episódio; que incide, que ocorre: *O incidente da demissão já foi superado.*

Adotar: escolher, preferir; assumir; pôr em prática.

Dotar: dar em doação, beneficiar.

Afim: que apresenta afinidade, semelhança, relação (de parentesco): *Se o assunto era afim, por que não foi tratado no mesmo parágrafo?*

A fim de: para, com a finalidade de, com o fito de: *O projeto foi encaminhado com quinze dias de antecedência a fim de permitir a necessária reflexão sobre sua pertinência.*

Alto: de grande extensão vertical; elevado, grande.

Auto: ato público, registro escrito de um ato, peça processual.

Aleatório: casual, fortuito, acidental.

Alheatório: que alheia, alienante, que desvia ou perturba.

Amoral: desprovido de moral, sem senso de moral.

Imoral: contrário à moral, aos bons costumes, devasso, indecente.

Ao encontro de: para junto de; favorável a: *Foi ao encontro dos colegas. O projeto salarial veio ao encontro dos anseios dos trabalhadores.*

De encontro a: contra; em prejuízo de: *O carro foi de encontro a um muro. O governo não apoiou a medida, pois vinha de encontro aos interesses dos menores.*

Ao invés de: ao contrário de: *Ao invés de demitir dez funcionários, a empresa contratou mais vinte.* (Inaceitável o cruzamento *ao em vez de.)

Em vez de: em lugar de: *Em vez de demitir dez funcionários, a empresa demitiu vinte.*

A par: informado, ao corrente, ciente: *O Ministro está a par (var.: ao par) do assunto; ao lado, junto; além de.*

Ao par: de acordo com a convenção legal: *Fez a troca de mil dólares ao par.*

Aparte: interrupção, **comentário** à margem: *O deputado concedeu ao colega um aparte em seu pronunciamento.*

À parte: em separado, isoladamente, de lado: *O anexo ao projeto foi encaminhado por expediente à parte.*

Apreçar: avaliar, pôr preço: *O perito apreçou irrisoriamente o imóvel.*

Apressar: dar pressa a, acelerar: *Se o andamento das obras não for apressado, não será cumprido o cronograma.*

Área: superfície delimitada, região.

Ária: canto, melodia.

Aresto: acórdão, caso jurídico julgado: *Neste caso, o aresto é irrecorrível.*

Arresto: apreensão judicial, embargo: *Os bens do traficante preso foram todos arrestados.*

Arrochar: apertar com arrocho, apertar muito.

Arroxar: ou **arroxear**, **roxear:** tornar roxo.

Âs: exímio em sua atividade; carta do baralho.

Az (pouco usado): esquadrão, ala do exército.

Atuar: agir, pôr em ação; pressionar.

Autuar: lavrar um auto; processar.

Auferir: obter, receber: *Auferir lucros, vantagens.*

Aferir: avaliar, cotejar, medir, conferir: *Aferir valores, resultados.*

Augurar: prognosticar, prever, auspicar: *O Presidente augurou sucesso ao seu par americano.*

Agourar: pressagiar, predizer (geralmente no mau sentido): *Os técnicos agouram desastre na colheita.*

Avocar: atribuir-se, chamar: *Avocou a si competências de outrem.*

Evocar: lembrar, invocar: *Evocou no discurso o começo de sua carreira.*

Invocar: pedir (a ajuda de); chamar; proferir: *Ao final do discurso, invocou a ajuda de Deus.*

Caçar: perseguir, procurar, apanhar (geralmente animais).

Cassar: tornar nulo ou sem efeito, suspender, invalidar.

Carear: atrair, ganhar, granjear.

Cariar: criar cárie.

Carrear: conduzir em carro, carregar.

Casual: fortuito, aleatório, ocasional.

Causal: causativo, relativo a causa.

Cavaleiro: que anda a cavalo, cavalariano.

Cavalheiro: indivíduo distinto, gentil, nobre.

Censo: alistamento, recenseamento, contagem.

Senso: entendimento, juízo, tino.

Cerrar: fechar, encerrar, unir, juntar.

Serrar: cortar com serra, separar, dividir.

Cessão: ato de ceder: *A cessão do local pelo município tornou possível a realização da obra.*

Seção: setor, subdivisão de um todo, repartição, divisão: *Em qual seção do ministério ele trabalha?*

Sessão: espaço de tempo que dura uma reunião, um congresso; reunião; espaço de tempo durante o qual se realiza uma tarefa: *A próxima sessão legislativa será iniciada em 1º de agosto.*

Chá: planta, infusão.

Xá: antigo soberano persa.

Cheque: ordem de pagamento à vista.

Xequê: dirigente árabe; lance de xadrez; (figurado) perigo (*pôr em xeque*).

Círio: vela de cera.

Sírio: da Síria.

Cível: relativo à jurisdição dos tribunais civis.

Civil: relativo ao cidadão; cortês, polido (daí *civilidade*); não militar nem, eclesiástico.

Colidir: trombar, chocar; contrariar: *A nova proposta colide frontalmente com o entendimento havido.*

Coligir: colecionar, reunir, juntar: *As leis foram coligidas pelo Ministério da Justiça.*

Comprimento: medida, tamanho, extensão, altura.

Cumprimento: ato de cumprir, execução completa; saudação.

Concelho: circunscrição administrativa ou município (em Portugal).

Conselho: aviso, parecer, órgão colegiado.

Concerto: acerto, combinação, composição, harmonização (*cp. concertar*): *O concerto das nações... O concerto de Guarnieri...*

Conserto: reparo, remendo, restauração (*cp. consertar*): *Certos problemas crônicos aparentemente não têm conserto.*

Conjectura: suspeita, hipótese, opinião.

Conjuntura: acontecimento, situação, ocasião, circunstância.

Contravenção: transgressão ou infração a normas estabelecidas.

Contraversão: versão contrária, inversão.

Coser: costurar, ligar, unir.

Cozer: cozinhar, preparar.

Costear: navegar junto à costa, contornar. *A fragata costeou inúmeras praias do litoral baiano antes de partir para alto-mar.*

Custear: pagar o custo de, prover, subsidiar. *Qual a empresa disposta a custear tal projeto?*

Custar: valer, necessitar, ser penoso. *Quanto custa o projeto? Custa-me crer que funcionará.*

Deferir: consentir, atender, despachar favoravelmente, conceder.

Diferir: ser diferente, discordar; adiar, retardar, dilatar.

Degradar: deteriorar, desgastar, diminuir, rebaixar.

Degredar: impor pena de degredo, desterrar, banir.

Delatar (delação): denunciar, revelar crime ou delito, acusar: *Os traficantes foram delatados por membro de quadrilha rival.*

Dilatar (dilação): alargar, estender; adiar, diferir: *A dilação do prazo de entrega das declarações depende de decisão do Diretor da Receita Federal.*

Derrogar: revogar parcialmente (uma lei), anular.

Derrocar: destruir, arrasar, desmoronar.

Descrição: ato de descrever, representação, definição.

Discrição: discernimento, reserva, prudência, recato.

Descriminar: absolver de crime, tirar a culpa de.

Discriminar: diferenciar, separar, discernir.

Despensa: local em que se guardam mantimentos, depósito de provisões.

Dispensa: licença ou permissão para deixar de fazer algo a que se estava obrigado; demissão.

Despercebido: que não se notou, para o que não se atentou: *Apesar de sua importância, o projeto passou despercebido.*

Desapercebido: desprevenido, desacomodado: *Embarcou para a missão na Amazônia totalmente desapercebido dos desafios que lhe aguardavam.*

Dessecar: secar bem, enxugar, tornar seco.

Dissecar: analisar minuciosamente, dividir anatomicamente.

Destratar: insultar, maltratar com palavras.

Distratar: desfazer um trato, anular.

Distensão: ato ou efeito de distender, torção violenta dos ligamentos de uma articulação.

Distinção: elegância, nobreza, boa educação: *Todos devem portar-se com distinção.*

Dissensão: desavença, diferença de opiniões ou interesses: *A dissensão sobre a matéria impossibilitou o acordo.*

Elidir: suprimir, eliminar.

Ilidir: contestar, refutar, desmentir.

Emenda: correção de falta ou defeito, regeneração, remendo: *Ao torná-lo mais claro e objetivo, a emenda melhorou o projeto.*

Ementa: apontamento, súmula de decisão judicial ou do objeto de uma lei. *Procuró uma lei cuja ementa é "dispõe sobre a propriedade industrial".*

Emergir: vir à tona, manifestar-se.

Imergir: mergulhar, afundar (submergir), entrar.

Emigrar: deixar o país para residir em outro.

Imigrar: entrar em país estrangeiro para nele viver.

Eminente (eminência): alto, elevado, sublime.

Iminente (iminência): que está prestes a acontecer, pendente, próximo.

Emitir (emissão): produzir, expedir, publicar.

Imitir (imissão): fazer entrar, introduzir, investir.

Empoçar: reter em poço ou poça, formar poça.

Empossar: dar posse a, tomar posse, apoderar-se.

Encrostar: criar crosta.

Incrustar: cobrir de crosta, adornar, revestir, prender-se, arraigar-se.

Entender: compreender, perceber, deduzir.

Intender: exercer vigilância, superintender.

Enumerar: numerar, enunciar, narrar, arrolar.

Inúmero: inumerável, sem conta, sem número.

Espectador: aquele que assiste qualquer ato ou espetáculo, testemunha.

Expectador: que tem expectativa, que espera.

Esperto: inteligente, vivo, ativo.

Experto: perito, especialista.

Espiar: espreitar, observar secretamente, olhar.

Expiar: cumprir pena, pagar, purgar.

Estada: ato de estar, permanência: *Nossa estada em São Paulo foi muito agradável.*

Estadia: prazo para carga e descarga de navio ancorado em porto: *O "Rio de Janeiro" foi autorizado a uma estadia de três dias.*

Estância: lugar onde se está, morada, recinto.

Instância: solicitação, pedido, rogo; foro, jurisdição, juízo.

Estrato: cada camada das rochas estratificadas.

Extrato: coisa que se extraiu de outra; pagamento, resumo, cópia; perfume.

Flagrante: ardente, acalorado; diz-se do ato que a pessoa é surpreendida a praticar (flagrante delito).

Fragrante: que tem fragrância ou perfume; cheiroso.

Florescente: que floresce, próspero, viçoso.

Fluorescente: que tem a propriedade da fluorescência.

Folhar: produzir folhas, ornar com folhagem, revestir lâminas.

Folhear: percorrer as folhas de um livro, compulsar, consultar.

Incerto: não certo, indeterminado, duvidoso, variável.

Inserto: introduzido, incluído, inserido.

Incipiente: iniciante, principiante.

Insipiente: ignorante, insensato.

Incontinente: imoderado, que não se contém, descontrolado.

Incontinenti: imediatamente, sem demora, logo, sem interrupção.

Induzir: causar, sugerir, aconselhar, levar a: *O réu declarou que havia sido induzido a cometer o delito.*

Aduzir: expor, apresentar: *A defesa, então, aduziu novas provas.*

Inflação: ato ou efeito de inflar; emissão exagerada de moeda, aumento persistente de preços.

Infração: ato ou efeito de infringir ou violar uma norma.

Infligir: cominar, aplicar (pena, castigo, repreensão, derrota): *O juiz infligiu pesada pena ao réu.*

Infringir: transgredir, violar, desrespeitar (lei, regulamento, etc.) (comparar: *infração*): *A condenação decorreu de ter ele infringido um sem número de artigos do Código Penal.*

Inquerir: apertar (a carga de animais), encilhar.

Inquirir: procurar informações sobre, indagar, investigar, interrogar.

Intercessão: ato de interceder.

Interseção: ação de seccionar, cortar; ponto em que se encontram duas linhas ou superfícies.

Judicial: que tem origem no Poder Judiciário ou que perante ele se realiza.

Judiciário: relativo ao direito processual ou à organização da Justiça.

Liberação: ato de liberar, quitação de dívida ou obrigação.

Libertação: ato de libertar ou libertar-se.

Locador: que dá de aluguel, senhorio, arrendador.

Locatário: alugador, inquilino: *O locador reajustou o aluguel sem a concordância do locatário.*

Lustre: brilho, glória, fama; abajur.

Lustro: quinquênio; polimento.

Magistrado: juiz, desembargador, ministro.

Magistral: relativo a mestre; perfeito, completo; exemplar.

Mandado: garantia constitucional para proteger direito individual líquido e certo; ato de mandar; ordem escrita expedida por autoridade judicial ou administrativa: *um mandado de segurança, mandado de prisão*.

Mandato: autorização que alguém confere a outrem para praticar atos em seu nome; procuração; delegação: *o mandato de um deputado, senador, do Presidente*.

Mandante: que manda; aquele que outorga um mandato.

Mandatário: aquele que recebe um mandato, executor de mandato, representante, procurador.

Mandatório: obrigatório.

Obcecação: ato ou efeito de obcecar, teimosia, cegueira.

Obsessão: impertinência, perseguição, ideia fixa.

Ordinal: numeral que indica ordem ou série (*primeiro, segundo, milésimo, etc.*).

Ordinário: comum, frequente, trivial, vulgar.

Paço: palácio real ou imperial; a corte.

Passo: ato de avançar ou recuar um pé para andar; caminho, etapa.

Pleito: questão em juízo, demanda, litígio, discussão: *O pleito por mais escolas na região foi muito bem formulado*.

Preito: sujeição, respeito, homenagem: *Os alunos renderam preito ao antigo reitor*.

Preceder: ir ou estar adiante de, anteceder, adiantar-se.

Proceder: originar-se, derivar, provir; levar a efeito, executar.

Preeminente: que ocupa lugar elevado, nobre, distinto.

Proeminente: alto, saliente, que se alteia acima do que o circunda.

Preposição: ato de prepor, preferência; palavra invariável que liga constituintes da frase.

Proposição: ato de propor, proposta; máxima, sentença; afirmativa, asserção.

Presar: capturar, agarrar, apresar.

Prezar: respeitar, estimar muito, acatar.

Prescrever: fixar limites, ordenar de modo explícito, determinar; ficar sem efeito, anular-se: *O prazo para entrada do processo prescreveu há dois meses.*

Proscriver: abolir, extinguir, proibir, terminar; desterrar. *O uso de várias substâncias psicotrópicas foi proscrito por recente portaria do Ministro.*

Prever: ver antecipadamente, profetizar; calcular: *A assessoria previu acertadamente o desfecho do caso.*

Prover: providenciar, dotar, abastecer, nomear para cargo: *O chefe do departamento de pessoal proveu os cargos vacantes.*

Provir: originar-se, proceder; resultar: *A dúvida provém (Os erros provêm) da falta de leitura.*

Prolatar: proferir sentença, promulgar.

Protelar: adiar, prorrogar.

Ratificar: validar, confirmar, comprovar.

Retificar: corrigir, emendar, alterar: *A diretoria ratificou a decisão após o texto ter sido retificado em suas passagens ambíguas.*

Recrear: proporcionar recreio, divertir, alegrar.

Recriar: criar de novo.

Reincidir: tornar a incidir, recair, repetir.

Rescindir: dissolver, invalidar, romper, desfazer: *Como ele reincidiu no erro, o contrato de trabalho foi rescindido.*

Remição: ato de remir, resgate, quitação.

Remissão: ato de remitir, intermissão, intervalo; perdão, expiação.

Repressão: ato de reprimir, contenção, impedimento, proibição.

Repreensão: ato de repreender, enérgica admoestação, censura, advertência.

Ruço: grisalho, desbotado.

Russo: referente à Rússia, nascido naquele país; língua falada na Rússia.

Sanção: confirmação, aprovação; pena imposta pela lei ou por contrato para punir sua infração.

Sansão: nome de personagem bíblico; certo tipo de guindaste.

Sobrescritar: endereçar, destinar, dirigir.

Subscrever: assinar, subscrever.

Sortir: variar, combinar, misturar.

Surtir: causar, originar, produzir (efeito).

Subentender: perceber o que não estava claramente exposto; supor.

Subintender: exercer função de subintendente, dirigir.

Subtender: estender por baixo.

Sustar: interromper, suspender; parar, interromper-se (*sustar-se*).

Suster: sustentar, manter; fazer parar, deter.

Tacha: pequeno prego; mancha, defeito, pecha.

Taxa: espécie de tributo, tarifa.

Tachar: censurar, qualificar, acoimar: *tachar alguém (tachá-lo) de subversivo*.

Taxar: fixar a taxa de; regular, reger: *taxar mercadorias*.

Tapar: fechar, cobrir, abafar.

Tampar: pôr tampa em.

Tenção: intenção, plano (deriv.: *tencionar*); assunto, tema.

Tensão: estado de tenso, rigidez (derivado: *tensionar*); diferencial elétrico.

Tráfego: trânsito de veículos, percurso, transporte.

Tráfico: negócio ilícito, comércio, negociação.

Trás: atrás, detrás, em seguida, após (cf. em locuções: *de trás, por trás*).

Traz: 3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo *trazer*.

Vestiário: guarda-roupa; local em que se trocam roupas.

Vestuário: as roupas que se vestem, traje.

Vultoso: de grande vulto, volumoso.

Vultuoso: atacado de vultuosidade (congestão da face).

Abra



caminhos



crie

futuros

gran.com.br

